

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM
LINGUÍSTICA

SHIRLEI CONCEIÇÃO BARTH SCHAEFFER

**DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DO
POMERANO FALADO NO ESPÍRITO SANTO**

VITÓRIA

2012

SHIRLEI CONCEIÇÃO BARTH SCHAEFFER

**DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DO
POMERANO FALADO NO ESPÍRITO SANTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística (PPGEL) do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Alexandro Rodrigues Meireles

VITÓRIA

2012

SHIRLEI CONCEIÇÃO BARTH SCHAEFFER

**DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DO
POMERANO FALADO NO ESPÍRITO SANTO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL) do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em de de 2012.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Aleksandro Rodrigues Meireles
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre
Universidade de Campinas

Prof. Dra. Lilian Yacovenco
Universidade Federal do Espírito Santo

Aos falantes de pomerano que resistem a todos os preconceitos linguísticos e mantêm viva a língua e a cultura dos seus antepassados.

AGRADECIMENTOS

A uma força suprema e celestial, a quem chamam Deus, pelo ânimo e pela perseverança nos momentos de angústia.

Aos meus irmãos, Gerson, Marcos, Janderson e Hilário Júnior, pelo apoio e pela confiança.

A minha mãe, Lucilina, em especial, pelo incentivo, pela paciência e pela colaboração direta na gravação e análise dos dados.

Ao meu pai, Hilário, que nos deixou de forma tão repentina em um acidente de trânsito, mas que sempre esbanjou carinho, conselhos, me incentivou, acreditou em mim e ficou imensamente orgulhoso ao me ver chegar até aqui.

Ao meu querido esposo, Vercelino, pela paciência, pelo incentivo, pela compreensão e pela colaboração na análise de alguns dados.

A minha tia, Joselina, pela acolhida e pelo carinho.

Aos meus sogros pela compreensão e pelo apoio.

Aos informantes dessa pesquisa pela disponibilidade e pela confiança.

Aos colegas de curso, turma 2010/1, por compartilharem comigo muitas alegrias e muitas aflições.

A Irma, em especial, pela companhia, pela força, pela amizade sincera durante essa caminhada.

A Elizana pela acolhida, pelo carinho e pela amizade.

A Catarina Vaz Rodrigues pela generosidade e por me mostrar os caminhos da vida acadêmica.

A Thais Cristófaros Silva pelo incentivo.

À Márcia Zimmer e Marta Bandeira pela generosidade.

A Lilian Yacovenco pela partilha de conhecimento, pelo carinho e pela acolhida.

A Maria Bernadete Marques Abaurre pela acolhida, pelo carinho e pelo ensinamento.

A Alexsandro Rodrigues Meireles pela orientação e pela confiança.

A todos os professores do Mestrado pelo conhecimento oferecido e pelo apoio.

A CAPES pelo incentivo à pesquisa.

“A linguística constitui um campo de pesquisa, ao mesmo tempo dos mais difíceis e dos mais fundamentais.”

Edward Sapir (1961, p. 24)

RESUMO

O estado do Espírito Santo recebeu imigrantes advindos da extinta Pomerânia, que compreendia partes das atuais Alemanha e Polônia, a partir de 1859 e se dirigiram para a Colônia de Santa Leopoldina. Atualmente, os descendentes de pomeranos estão concentrados em quatorze municípios capixabas formando uma área contígua que abrange a região serrana ao norte do estado (TRESSMANN, 2005). Esses descendentes ainda preservam traços culturais e a língua dos antepassados, tanto que muitos aprendem o português posteriormente, em idade escolar. Apesar de ser muito falado em vários municípios capixabas, o pomerano não possui descrição linguística satisfatória. Sendo assim, surge o interesse em descrever o sistema fonético dessa língua, no intuito de compreender a sua organização sonora e, posteriormente, inferir sobre possíveis processos de transferência de traços fonéticos do pomerano para o português entre os falantes bilíngues. Para a realização dessa pesquisa, adotamos o modelo fonêmico de Pike (1947), de base estruturalista. O corpus é constituído de 600 palavras isoladas entre quatro falantes (um homem e três mulheres) que possuem o pomerano como Língua Materna, residentes no município de Santa Leopoldina/ES. Os fones consonantais e vocálicos foram distribuídos em uma tabela fonética, seguindo a classificação articulatória. Em seguida, os fonemas foram definidos e fez-se uma análise da estrutura silábica dessa língua de imigração. Por fim, fez-se necessário uma análise acústica das oclusivas surdas e sonoras do pomerano. Concluiu-se que essa língua possui 18 fonemas consonantais e 13 fonemas vocálicos, bem como as oclusivas surdas possuem aspiração e as sonoras possuem um índice médio de VOT próximo às oclusivas surdas do Português Brasileiro.

Palavras-chave: Língua de imigração; Pomerano; Fonética; Fonêmica.

ABSTRACT

Since 1859 the state of Espírito Santo received immigrants from the extinct Pomeranian, which included parts of current Germany and Poland. Initially, they went to Santa Leopoldina Colony. Nowadays, the descendants of Pomeranians are concentrated in fourteen places in Espírito Santo forming a contiguous area on the mountainous regions to the north of the state (TRESSMANN, 2005). These descendants still preserve Pomeranian cultural characteristics and the language of their ancestors, so that many descendants learn the Portuguese language at school. Although the Pomeranian language is widely spoken in different places of the state, it does not have a satisfactory linguistic description. Thus, there is interest in describing the phonetic system of this language, so as to understand its sound structure and then make inferences about possible transfer processes of phonetic features from Pomeranian to Portuguese in bilingual speakers. To carrying out this research, we have adopted Pike's phonemic model (1947). The corpus consisted of 600 words spoken by four speakers (one man and three women), who have the Pomeranian as their mother tongue and are residents in Santa Leopoldina-ES. The consonantal and the vocalic phones were distributed in a phonetic table according to their articulatory description. Then, the phonemes were defined and an analysis of the syllabic structure was made. Finally, an acoustic analysis of the Pomeranian stop consonants was made. Based on these analyses, we concluded that this language has 18 consonantal phonemes and 13 vocalic phonemes. Besides, the voiceless stops are aspirated and the voiced stops have a VOT mean close to the Brazilian Portuguese voiceless stops.

Keywords: Immigration language; Pomeranian language; Phonetics; Phonemics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da Antiga Pomerânia e a distribuição de suas cidades	16
Figura 2 – Mapa da divisão da Pomerânia entre a Alemanha e a Polônia após a II Guerra Mundial	19
Figura 3 – Número de imigrantes vindos ao Espírito Santo de acordo com o país de origem (1812-1900).....	22
Figura 4 – Imigrantes alemães de acordo com a região de origem vindos ao Espírito Santo	23
Figura 5 – Distribuição dos descendentes de pomeranos no estado do Espírito Santo.....	26
Figura 6 – Vestimentas típicas do “Kochtiedsbirrer”	30
Figura 7 – Trajeto dos copeiros até a igreja.....	31
Figura 8 – Tradicional foto após a cerimônia religiosa.....	31
Figura 9 – Mesa de jantar dos noivos e dos convidados.....	32
Figura 10 – Tradicional dança dos noivos.....	33
Figura 11 – Festival de concertina.....	36
Figura 12 – Esquema arbóreo da estrutura silábica do pomerano.....	71
Figura 13 – VOT das oclusivas sonoras.....	78
Figura 14 – VOT das oclusivas surdas sem aspiração.....	79
Figura 15 – VOT das oclusivas surdas com aspiração.....	79
Figura 16 – Duração do VOT das oclusivas do pomerano.....	86
Figura 17 – Interação entre as diferentes oclusivas e o gênero.....	88
Figura 18 – Médias de VOT entre os diferentes grupos de falantes.....	89

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos fones consonantais do pomerano	45
Tabela 2 – Descrição dos ambientes dos fones consonantais do pomerano.....	46
Tabela 3 – Distribuição dos fones vocálicos do pomerano.....	49
Tabela 4 – Distribuição dos fonemas consonantais do pomerano.....	55
Tabela 5 – Distribuição dos fonemas vocálicos do pomerano.....	60
Tabela 6 – Restrições para a combinação de elementos consonantais em ataque e coda complexos	75
Tabela 7 – Palavras-alvo para a gravação de VOT.....	78
Tabela 8 – Comparação entre as médias de VOT produzidas em milissegundos por falantes de pomerano (PM) e de português brasileiro (PB).....	81
Tabela 9 – Médias de VOT produzidas em milissegundos entre diferentes oclusivas em diferentes contextos vocálicos.....	82
Tabela 10 – Teste Post hoc de Tukey HSD para os fonemas oclusivos.....	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
I HISTÓRIA, CULTURA E LÍNGUA POMERANA	16
1.1 A Antiga Pomerânia	16
1.2 Imigração pomerana no Brasil	20
1.2.1 Imigração pomerana no Espírito Santo	21
1.3 Cultura pomerana	26
1.3.1 Rituais na agricultura	27
1.3.2 Nascimento de crianças	27
1.3.3 Batismo	28
1.3.4 Confirmação	28
1.3.5 Casamento	29
1.3.6 Benzimentos	33
1.3.7 Música	34
1.3.8 Questões de conflito	36
1.4 Língua pomerana	36
1.4.1 Uso da língua	37
II METODOLOGIA	39
2.1 Escolha do tema	39
2.2 Escolha da localidade	40
2.3 Escolha dos informantes	40
2.4 Perfil dos informantes	41
2.5 Coleta de dados	42
2.6 Gravação dos dados	43
2.7 Transcrição dos dados	44

III ANÁLISE FONÉTICA DOS DADOS	45
3.1 Fones consonantais	45
3.1.1 Distribuição dos fones consonantais	45
3.2 Fones vocálicos	49
3.2.1 Distribuição dos fones vocálicos	50
IV ANÁLISE FONÊMICA.....	51
4.1 Fonemas consonantais.....	51
4.2 Distribuição complementar	56
4.3 Variação livre	59
4.4 Fonemas vocálicos	59
4.5 Descrição dos contrastes vocálicos	60
4.6 Distribuição complementar	63
4.7 Processos de nasalização	64
4.8 Vogais anteriores arredondadas	66
V ESTRUTURA SILÁBICA DO POMERANO.....	67
5.1 Descrição dos tipos silábicos do pomerano.....	68
VI VOICE ONSET TIME (VOT)	76
6.1 Método	79
6.2 Resultados	83
6.3 Interação entre as diferentes oclusivas.....	86
6.4 Interação entre as diferentes oclusivas e o gênero	87
VII CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	93
APÊNDICES.....	97
Apêndice 1 – Questionário de sondagem do informante.....	97
Apêndice 2 – Lista de palavras para descrição fonêmica do Pomerano.....	100

Apêndice 3 – Nova lista de palavras para segunda coleta	106
ANEXOS.....	109
Anexo 1 – Transcrições fonéticas das palavras isoladas de todos os informantes.....	109
Anexo 2 – Transcrições fonéticas da segunda lista de palavras.....	124

INTRODUÇÃO

O estado do Espírito Santo, assim como todo o país, recebeu muitos imigrantes durante o século XIX advindos de diversas regiões do mundo. Dentre esses imigrantes, estavam os pomeranos que vieram de uma região denominada Pomerânia, atualmente extinta e que compreendia partes da Polônia e da Alemanha. Esses pomeranos fixaram residência no município de Santa Leopoldina e ficavam isolados da movimentação da Colônia de Santa Leopoldina e, com isso, continuaram com seus costumes e sua língua.

No decorrer do tempo, eles migraram para outros municípios e os descendentes desses imigrantes continuam preservando os costumes e falando a língua dos seus antepassados. Muitos aprenderam a língua portuguesa somente em idade escolar, o que ocorre até hoje, ou seja, algumas crianças ao entrar na escola ainda não dominam o português completamente e enfrentam muitas dificuldades já que as aulas são dadas na língua oficial e eles são forçados a aprender a falar e, ao mesmo tempo, a escrever em português.

Apesar de existir um número significativo de falantes do pomerano no Espírito Santo e 150 anos de imigração, há um número muito reduzido de estudos descritivos dessa língua de imigração. Essa escassez reflete-se, na maioria das vezes, em sala de aula, visto que a maioria dos professores não está preparada para lidar com alunos que pouco dominam a língua portuguesa, uma vez que não há materiais didáticos direcionados sobre a língua em questão.

Dentre as pesquisas realizadas sobre o pomerano está Tressmann (1998, 2005, 2006, 2008). Em sua tese (2005), o autor apresenta um estudo etnolinguístico da comunidade pomerana e lança um dicionário enciclopédico de pomerano, o qual passa a ter uma ortografia (2006). Bandeira (2010) e Zimmer, Bandeira e Blank (2009) fazem medidas acústicas do VOT (*Voice Onset Time*) das plosivas surdas do pomerano entre os descendentes de pomeranos de Arroio do Padre, Rio Grande do Sul. E, por fim, Schaeffer e Meireles (2011) também analisam o VOT das plosivas surdas e sonoras em início de palavra diante da vogal [a] entre falantes de pomerano capixabas com idade entre 15 a 25 anos de idade.

Trabalhos relacionados à influência do pomerano na língua portuguesa foram desenvolvidos por Benincá (2008) que analisou, no corpus oral, a troca de fonemas sonoros por surdos, a troca do ponto de articulação e a variação da estrutura silábica. Além disso, na escrita, teceu análises sobre desacordo entre fonema e letra, influências da língua oral, a troca de fonemas, hipercorreção, vocábulo fonológico e vocábulo formal e estrutura da sílaba entre alunos da 5ª série que possuem o pomerano como língua materna. Haese (2009) verificou processos de formação e redução de ditongo e a estrutura silábica entre descendentes de pomeranos do ensino fundamental. Por fim, Schaeffer (2010) categorizou as principais marcas da oralidade na escrita de alunos descendentes de pomerano de todo o ensino fundamental.

Contudo, fazem-se necessários estudos mais descritivos do pomerano, a fim de se poder explicar de forma mais científica as influências exercidas na língua portuguesa, de se ter um registro dessa língua extinta na Europa e de se auxiliar educadores e pesquisadores interessados pela temática em questão.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho consiste em descrever o sistema sonoro do pomerano falado no Espírito Santo através de uma descrição fonética e fonológica, de base estruturalista, seguindo os princípios da fonêmica de Pike (1947). Adotamos essa metodologia, porque precisamos de uma descrição inicial do sistema sonoro do pomerano para, mais tarde, avançarmos em questões específicas da língua que não foram resolvidas na análise fonêmica.

A descrição de uma língua é essencial para que o seu funcionamento seja compreendido. No caso do pomerano, isso se intensifica, visto as dificuldades encontradas pelos descendentes em idade escolar, pois assimilam fonemas e estruturas da língua materna e os transferem para a fala e para a escrita do português. Sem uma descrição dessa língua, a dificuldade em aprimorar as atividades em sala de aula tende a aumentar, visto que os professores sequer têm acesso aos sons dessa língua de forma sistematizada para comparar com os sons do português. O mesmo ocorre com outros aspectos linguísticos. Portanto, este trabalho torna-se crucial para auxiliar pesquisadores, professores e alunos envolvidos na temática em questão.

No primeiro capítulo deste trabalho, apresentaremos a história da antiga Pomerânia e da imigração pomerana no Brasil, enfatizando a imigração no

estado do Espírito Santo. Apresentaremos as principais marcas da cultura pomerana que são preservadas pelos descendentes e, por fim, alguns aspectos da língua de imigração pomerana e de seu uso entre os descendentes.

O segundo capítulo abordará a metodologia da pesquisa, desde a escolha do tema até os procedimentos da transcrição fonética dos dados. O terceiro capítulo relaciona-se à análise fonética dos dados, no qual apresentamos um quadro fonético para segmentos consonantais e vocálicos e a descrição dos ambientes em que cada fone ocorre. O quarto capítulo aborda a análise fonêmica em que apresentamos os fonemas consonantais e vocálicos, contraste em ambiente idêntico e em ambiente análogo, distribuição complementar e variação livre.

O quinto capítulo aborda o VOT das oclusivas surdas e sonoras do pomerano, no intuito de explicar o motivo de alguns falantes pronunciarem vocábulos do pomerano, ao nosso ouvido, como oclusiva surda, quando, na verdade, trata-se de uma oclusiva sonora. Por fim, no sexto capítulo, apresentamos as conclusões obtidas nessa pesquisa.

I HISTÓRIA, CULTURA E LÍNGUA POMERANA

1.1 A antiga Pomerânia

A Pomerânia situava-se nas costas do mar Báltico entre a atual Alemanha e Polônia e os países escandinavos, conforme figura 1. O território pomerano possuía 38.409 km² distribuído entre campos prados e ondulações e era conhecido como “região dos mil lagos”, destacando-se os rios Peene, Oder, Ihna, Rega e o Persante (TRESSMANN, 2005, 2006). Segundo Heinemann (2011)¹, esse país limitava-se a oeste com Mecklemburgo, ao sul com Brandemburgo, a leste com a Prússia Ocidental e ao norte com o Mar Báltico. Sua população era estimada em 668.000 habitantes.



FIGURA 1: Mapa da Antiga Pomerânia e a distribuição de suas cidades
 Fonte: <http://www.pomeranos.com.br/files/arte7.jpg>, acesso em 11/05/2011.

Em 1817, a Pomerânia torna-se uma província da Prússia, a qual

¹ HEINEMANN, J.C. A Pomerânia. Disponível em <<http://www.pomeranos.com.br/pomerania.php>>. Acesso em 13/01/2011.

Era uma antiga Província da Alemanha (1870-1945) e originase da antiga Borússia, onde habitava o grupo étnico do mar Báltico, vizinho e aparentado dos lituanos e letões, foi germanizada pela Ordem dos Cavaleiros Teutônicos a partir de 1230. (TRESSMANN, 2005, p. 54)

Segundo Heinemann (2011), os pomeranos que viviam na costa do mar báltico confeccionavam redes, barcos, cordas e dedicavam-se à pesca de caracóis, sardinhas, ostras, mariscos e focas. No interior do país, em terras apropriadas para agricultura, eles cultivavam centeio, cevada, batata, milho, cânhamo e beterraba branca, da qual extraíam açúcar e fabricavam a vodka. Nos vales do rio Oder e Peene havia pastagens para a criação de ovelhas. Em Gartz havia o cultivo de tabaco, em Pölitz, de lúpulo e em Ueckermunde, grandes extensões de bosques.

Na capital Stettin havia plantações de maçãs, fábrica de papel e na região portuária, com intenso tráfego de embarcações, os pomeranos carregavam e descarregavam cargas com mão-de-obra de baixo custo. A criação de suínos era desenvolvida em Wollin, já o preparo de frutas secas como peras, maçãs, ameixas e conservas de repolho em tonéis de carvalho se dava em Strahlsund. Em outras regiões da Pomerânia, como Belgard, os colonos dedicavam-se à criação de gansos, o que lhes rendeu fama e houve exportação das penas desse animal para os países vizinhos para confecção de acolchoados.

As cidades de Kolberg e Greifswald possuíam reservas de salinas usadas para fins medicinais. A maioria dos pomeranos não possuía terras e trabalhavam como colonos ou diaristas nas propriedades dos nobres recebendo o equivalente para comprar pão e um ganso para a alimentação da família. Aqueles pomeranos que possuíam terra tinham que lutar pela herança, pois os pais passavam os lotes de terra para um único filho, o qual deveria cuidar deles até a morte. Os outros filhos trabalhavam como diaristas conforme já citado.

As terras pomeranas, em geral, apresentavam solo arenoso e pouco fértil, exceto uma faixa junto ao mar nas cidades de Pyritz e Stargard. Havia poucos minerais naquelas terras, dentre eles, pântano, alúmen, sal, âmbar, cal, calcário argiloso e turfa. As indústrias que lá existiam eram de tabaco, tecidos

de lã, artigos de algodão, de açúcar e uma indústria de âncoras (HEINEMANN, 2011).

Como a Pomerânia possuía terras planas e litoral, vikings, dinamarqueses, grupos germânicos e poloneses, interessados pela saída para o mar Báltico, começaram a invadir a região. Assim, conflitos armados por terra e por mar surgiram, fazendo com que as famílias procurassem proteção entre as mais poderosas, o que contribuiu para a figura do Duque que passa a exercer autoridade e a organizar os pomeranos, o qual, futuramente, será responsável para a germanização dos costumes daquele povo.

As sucessivas lutas para conquistar a Pomerânia continuam. Poloneses e dinamarqueses, nos séculos X e XI, lutam entre si para conquistar parte do mar Báltico, o que culminou com a destruição de parte da Pomerânia. Após dois séculos de lutas, a Polônia conquista a cidade de Stettin, capital da Pomerânia e local do templo do deus Triglaw (TRESSMANN, 2005, p. 56-57).

O duque polonês Buleslaw II utilizou-se da estratégia de cristianização para dominar os pomeranos. Assim, ele pediu ao amigo bispo germano Otto de Bamberg que convertesse o povo ao catolicismo romano. Dessa forma, o duque pomerano Wartislaw recebeu o bispo no dia 11 de junho de 1124, o qual batizou milhares de pessoas e construiu igrejas de Pyritz até Wollin. O duque pomerano pediu que o bispo voltasse novamente à região em 1128, o primeiro contava com o apoio do rei germano Lotário, fato que causa a desistência dos poloneses em invadir o território pomerano. Ao verem que as pregações estavam sendo aceitas, o bispo e sua comitiva trataram de destruir as estátuas de divindades e os templos do povo pomerano. O sucesso da cristianização está relacionado ao fato de o bispo dominar a língua húngara e polonesa, o qual teve apoio dos sacerdotes pomeranos que eram intermediários entre o povo e as divindades. (TRESSMANN, 2005, p. 58-59)

A segunda visita do bispo à Pomerânia teve por objetivo maior abrir fronteiras para o comércio e a cultura germânica. Ele levou sal para o povo, um produto raro e caro para atrair a população. Em seguida, postos de abastecimentos e vendas foram construídos ao longo do caminho no intuito de receber melhor os comerciantes, o que nos remete à história do Brasil em que os portugueses ofereciam produtos desconhecidos aos índios para a conquista das terras

brasileiras. A partir daí, os germanos fazem com que os poloneses desistam definitivamente de tentar invadir militarmente aquela região (TRESSMANN, 2005, p. 60).

Segundo Tressmann (2005, p. 56), a Pomerânia desaparece do mapa europeu após a derrota da Alemanha na II Guerra Mundial, em 1945. Parte da Pomerânia fica para a Polônia e outra parte, para a Alemanha, conforme a figura 2. A população pomerana foi obrigada a deixar às pressas o país de origem e fixaram residência na Alemanha Ocidental e Oriental, cerca de 500 mil pomeranos morreram nessa travessia.

Com isso, o uso da língua pomerana diminuiu, uma vez que os falantes migraram como indivíduos isolados ou em famílias e são obrigados a usar a língua oficial do país, nesse caso o alemão. Atualmente, não há registros de uso da língua pomerana na Europa, nem na região de onde vieram os imigrantes, no caso na divisa da Alemanha com a Polônia (TRESSMANN, 2005, p. 56).



FIGURA 2: Mapa da divisão da Pomerânia entre a Alemanha e a Polônia após a II Guerra Mundial

Fonte:

http://revistagloborural.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/edg_article_print/1,3916,1671261-1641-1,00.html, acesso em 11/05/2011.

1.2 Imigração pomerana no Brasil

Muitos pomeranos imigraram para o Brasil no século XIX com a promessa de receber terras para cultivo e aspectos geográficos semelhantes aos da Pomerânia. Isso ocorreu, segundo Salamoni (2001, p. 25), devido às transformações políticas e sociais ocorridas no cenário europeu, como as lutas pela unificação nacional da Alemanha, a guerra francoprussiana e o crescimento do capitalismo industrial.

Na Pomerânia, segundo Salamoni (2001, p. 27)

A transição do sistema feudal para o capitalismo teve início em 1807, quando o Estado Prussiano decretou a abolição definitiva da servidão camponesa. Contudo, a maior parte dos camponeses perdeu parte ou todas as terras que cultivava, sendo obrigada a se submeter ao trabalho nas propriedades senhoriais ou, então, buscar ocupação nas indústrias urbanas, engrossando a massa de deserdados que passaram a viver nas cidades. Além dessas possibilidades restava, ainda, a alternativa de migrar para a América, na busca de melhores condições de vida.

Os pomeranos que chegaram ao Brasil se fixaram na região serrana do Espírito Santo, ao norte de Santa Catarina e ao sul do Rio Grande do Sul (EGGERT, 2004, p. 08)

No sul do país, os colonos precisaram adotar sistemas agrícolas primitivos a fim de obter uma produção agrícola que garantisse seu sustento. Além disso, eles precisaram derrubar a mata para tornar os solos produtivos. Naquela época, colonizar e desmatar estavam ligados e, dessa forma, eles usavam o sistema de rotação de terras chamado de roças apenas com instrumentos manuais, como enxadas e rastelos (SALAMONI, 2001, p. 35-36).

Inicialmente, nas colônias do sul do país, os colonos desenvolveram uma produção agrícola para autoconsumo e alguns produtos eram trocados nos comércios por mercadorias não produzidas na colônia. Eles produziam feijão, milho, batatas, manteiga, carnes defumadas e derivados de carne de porco, aves, lenhas e ovos. Com o tempo, a colônia sofreu transformações e já produzia em escala maior que abastecia a cidade e até era exportada, como a batata inglesa. Além disso, a carne de porco e a banha que era usada para

frituras e para conservar a carne foram fonte de riqueza para a colônia. A partir de 1980, os colonos dedicaram-se à produção de fumicultura que, atualmente, é a principal fonte de renda da região (SCHWARTZ; SALAMONI; 2009, p. 07-08).

Segundo Schwartz e Salamoni (2009), toda a família dos colonos trabalha na lavoura e as tarefas são divididas entre os membros. Observa-se que a mulher dedica-se às decisões do lar, enquanto o homem negocia a venda dos produtos agrícolas, o que nos remete a uma 'monarquia' familiar. As terras são divididas entre os filhos e, a maior parte, para aquele que se dispõe a ficar junto com os pais na lavoura e de cuidar deles na velhice. Atualmente, os mais jovens não se sentem atraídos por essas condições, principalmente as moças, mesmo assim as tradições são muito fortes e a língua é muito falada. Situação semelhante ocorre no Espírito Santo.

1.2.1 Imigração no Espírito Santo

O estado do Espírito Santo, segundo Rocha (2000), foi uma espécie de cabaia perfeita para a implantação dos planos governamentais referentes à política de imigração, uma vez que necessitava de mão-de-obra para a agricultura cafeeira e os imigrantes seriam perfeitos para isso.

Segundo Rocha (2000, p. 24),

A política de instalação de núcleos coloniais era algo que estava fortemente inserido no contexto do binômio abolicionismo-imigrantismo na medida em que seus partidários viam esses estabelecimentos como verdadeiros viveiros que, no futuro, fossem capazes de fornecer os trabalhadores livres necessários à grande lavoura.

O número de imigrantes vindos ao Espírito Santo durante o século XIX (de 1812 a 1900) segundo o país de origem pode ser observado no gráfico abaixo:

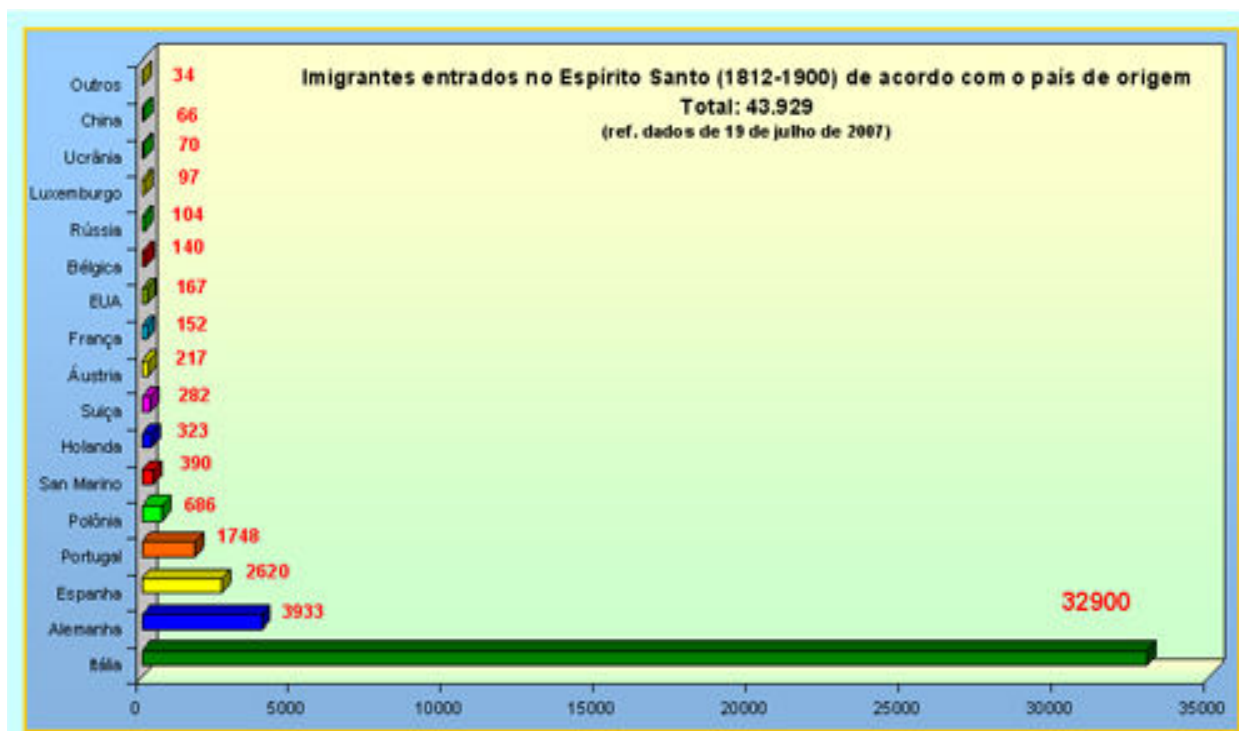


FIGURA 3: Número de imigrantes vindos ao Espírito Santo de acordo com o país de origem (1812-1900)²

Fonte: <http://www.ape.es.gov.br/imigrantes/html/estatisticas.html>, acesso em 11/05/2011.

Como podemos observar, a maioria de imigrantes eram provenientes da Itália e, depois, os alemães, estes eram de diferentes regiões sendo a maioria da Pomerânia. Naquela época, tanto pomeranos quanto alemães eram associados a um mesmo grupo, portanto, ao chegar no Brasil, os pomeranos eram incluídos na lista pertencente aos alemães, conforme mostra a figura 4.

² Os nomes dos países de origem, de baixo para cima, são Itália, Alemanha, Espanha, Portugal, Polônia, San Marino, Holanda, Suíça, Áustria, França, EUA, Bélgica, Rússia, Luxemburgo, Ucrânia, China e outros, respectivamente.

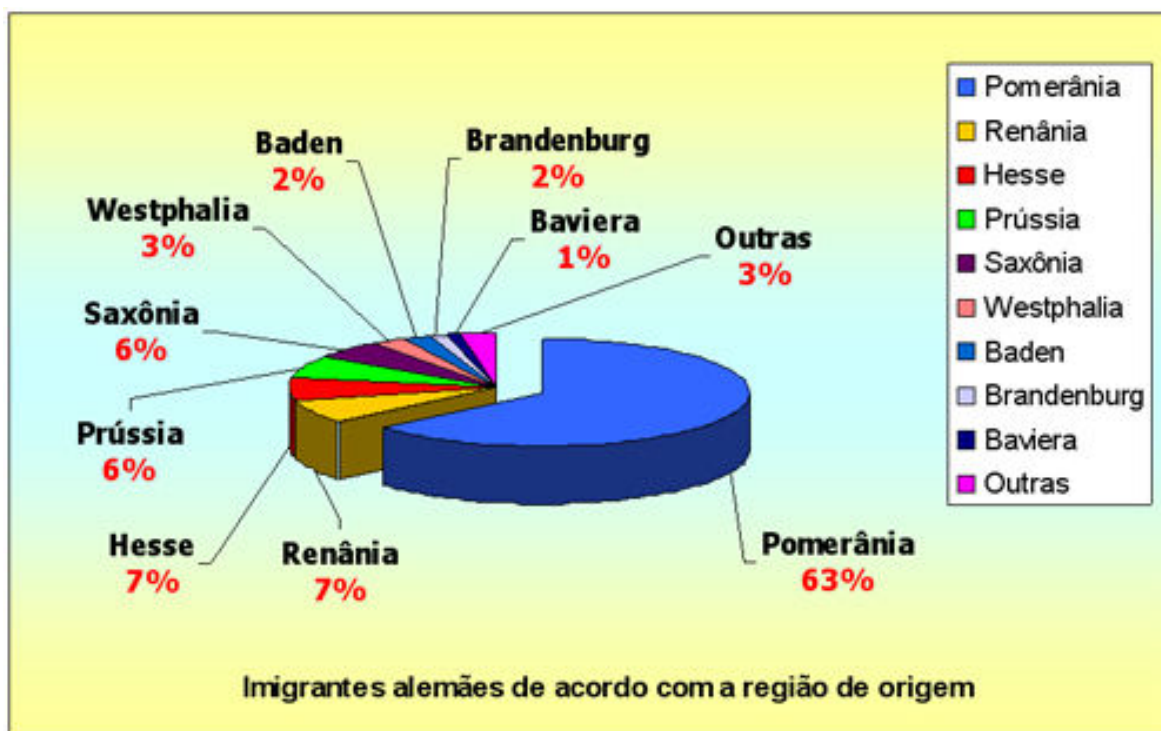


FIGURA 4: Imigrantes alemães de acordo com a região de origem vindos ao Espírito Santo
 Fonte: <http://www.ape.es.gov.br/imigrantes/html/estatisticas.html>, acesso em 11/05/2011.

A imigração pomerana inicia-se no Espírito Santo em julho de 1859 e cessa em 1870, ano em que as maiores levas de imigrantes fixam residência no estado. Estima-se que 30 mil pomeranos imigraram para o Brasil. Porém, uma outra parte de pomeranos imigrou para os Estados Unidos e para a Austrália, cerca de 331.400, aproximadamente, entre 1830 e 1900. Apesar de ser um número muito maior do que os que imigraram para o Brasil, não há registro de falantes de pomerano nos Estados Unidos e na Austrália, somente aqui no Brasil a língua pomerana continuou a ser falada.

Esses imigrantes se instalaram na Colônia de Santa Leopoldina, subiram o rio Santa Maria da Vitória e ocuparam a região montanhosa do estado, chamada de *Kulland*, ou seja, terra fria. Cada família de colonos recebia um lote de, aproximadamente, 30 hectares, mas as medições não estavam adequadas pela falta de materiais, o que redundou em muitos erros de medição pelos agrimensores. Além disso, esse lote tornava-se insuficiente para a geração dos filhos dos imigrantes quando estes formavam nova família. Como solução, os pais escolhiam um filho homem para ser herdeiro do lote, as mulheres eram

excluídas da herança e recebiam outras coisas em troca. Essa situação leva, mais tarde, à migração de muitos descendentes pomeranos.

A colônia de Santa Leopoldina media 567 km² aproximadamente e dividia-se em três núcleos: Santa Cruz (Ibiraçu), Timbuí (Santa Teresa) e Porto do Cachoeiro (Santa Leopoldina), mas esses núcleos estavam subdivididos em oito distritos: Bragança, Suíça, Santa Maria, Holanda, Caramuru (Jequitibá), Rio das Farinhas, Galo e Melgaço. Estes dois últimos pertencem, atualmente, ao município de Domingos Martins (TRESSMANN, 2005, p. 72).

Tressmann (2005, p. 73) ressalta que, em 1887, a vila de Porto de Cachoeiro torna-se sede da colônia e passa a ser chamada de Cachoeiro de Santa Leopoldina. Esse município, durante meio século, teve grande importância no estado, pois era o maior empório comercial e centro tropeiro. O transporte de café era feito no lombo de burros para as canoas que desciam o rio Santa Maria da Vitória até a capital do estado, Vitória. Porém, o porto fluvial daquele município foi desativado a partir de 1924 quando houve a construção de estradas ligando o município à capital. Desde então, o município sofre uma espécie de estagnação, pois o que impulsionava o município era o transporte de produtos através de canoas até o porto fluvial de Vitória. Depois da abertura de estradas, o município perde importância no estado e, economicamente, sofre as consequências disso.

Como os lotes de terra recebidos pelos colonos pomeranos eram insuficientes para o campesinato das gerações seguintes, muitos descendentes de pomeranos recorrem à migração. Na virada do século XX, as migrações seguem para as regiões quentes do estado. Os primeiros grupos de pomeranos que decidiram migrar foram em direção à região banhada pelos rios Guandu e Santa Joana, afluentes da margem direita do Rio Doce. A segunda geração, entre 1900 a 1935, segue para Santa Joana, Alto Limoeiro, Palmeira de Santa Joana, Serra Pelada, Crisciúma, Laranja da Terra (1910), Santo Antônio, Mutum e Jacutinga. Em seguida, os migrantes ocupam o norte do estado.

Entre 1935 a 1970, a terceira geração de imigrantes pomeranos segue para São Bento, São Gabriel, Córrego Bley, Barra de São Francisco, Vargem Alegre, Córrego Grande, Vila Pavão e Colatina. Na década de 1970, muitos

pomeranos fixam residência em algumas zonas urbanas do estado. (TRESSMANN, 2005, p. 74-75).

Atualmente, os descendentes de pomeranos estão distribuídos por quinze municípios capixabas, conforme a figura 5:

a) *Kulland* (terra fria) - Domingos Martins, Santa Leopoldina, Santa Maria de Jetibá, Santa Teresa.

b) *Warmland* (terra quente) – Afonso Cláudio, Itarana, Laranja da Terra, Itaguaçu, Baixo Guandu.

c) *Nord* (norte) – Colatina, Pancas, São Gabriel da Palha, Nova Venécia, Barra de São Francisco e Vila Pavão. (TRESSMANN, 2005, p. 66)

Estima-se que no Espírito Santo há, em média, 120 mil descendentes de imigrantes pomeranos e, no Brasil, em torno de 300 mil indivíduos (TRESSMANN, 2008, p. 03).

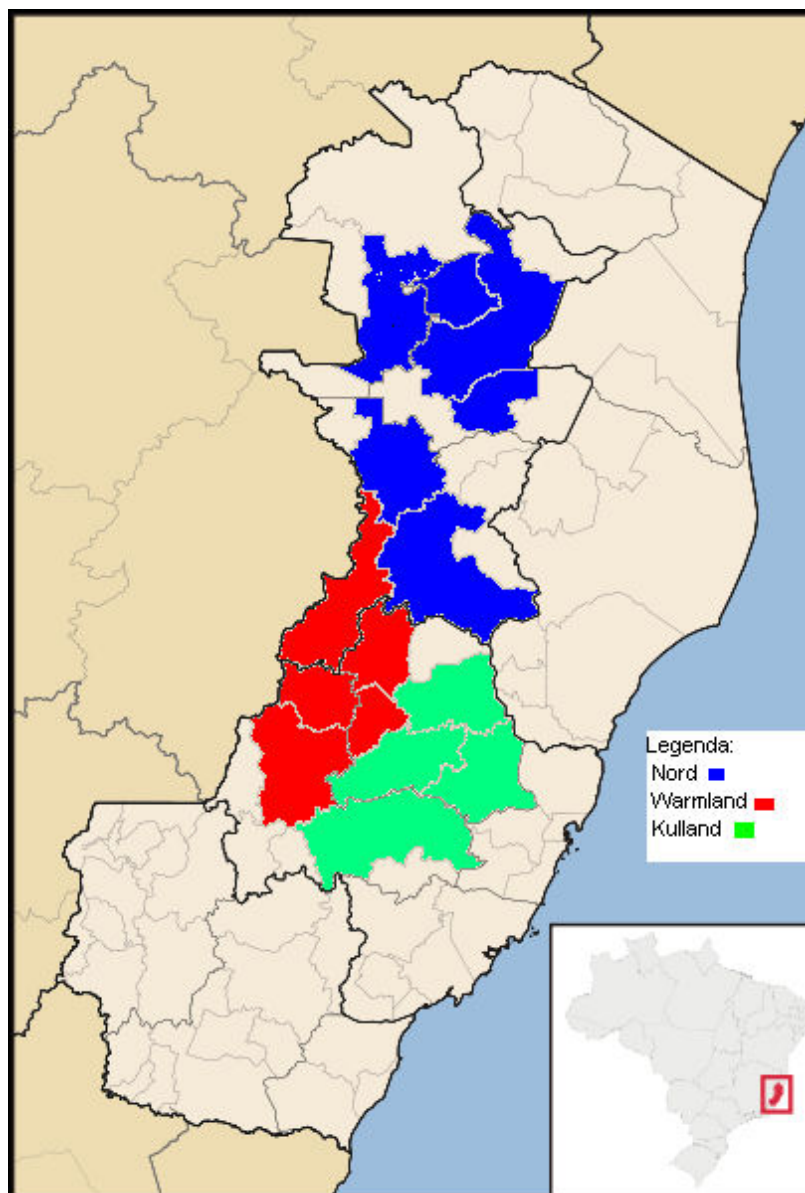


FIGURA 5: Distribuição dos descendentes de pomeranos no estado do Espírito Santo

Fonte: <http://asnovidades.com.br/mapa-do-espírito-santo-colorir/>. Acesso em 10/03/2012.

1.3 Cultura pomerana

A cultura pomerana ainda é muito forte entre os descendentes. Sendo assim, apresentaremos alguns dos costumes mais frequentes entre esses descendentes.

1.3.1 Rituais na agricultura

Os descendentes de pomeranos possuem grande diversidade de produtos agrícolas, parte da produção é para vender e outra para autoconsumo. Além disso, a criação de aves, bovinos e suínos faz parte do cotidiano desses colonos. As tarefas costumam ser divididas entre homens e mulheres, assim, os homens trabalham na lavoura e as mulheres são responsáveis pela casa, pela criação de animais e também ajudam na lavoura. Algumas tarefas são executadas exclusivamente por mulheres, conforme Bahia (2000, p. 157), como o plantio do aipim, bem como a fabricação de farinha, de polvilho, de vários tipos de comida (pães, bolos, biscoitos) e do alimento destinado aos animais.

Há rituais para o plantio de determinadas culturas. Sendo assim, o aipim é plantado no início das chuvas e três dias depois da lua cheia, caso contrário a raiz não cresce e somente a folhagem se desenvolve. Todo alimento que cresce embaixo da terra deve ser plantado na lua cheia, o que está relacionado à fecundidade da terra e, por isso, cabe à mulher garantir a fecundidade de toda a unidade de produção (BAHIA, 2000, p. 157-158)

A autora (2000, p. 162) reforça ainda que “os atos de benzer a terra, o pasto, os animais e as crianças garantem a reprodução e a fertilidade de todos os elementos que compõem a “colônia”.”

1.3.2 Nascimento de crianças

O nascimento de uma criança entre os pomeranos significa que o casal possui novo status entre a comunidade. A mulher, após o casamento e o nascimento de um filho, passa a ser vista como adulta, conquista direitos e assume responsabilidades que divide com o marido. Uma casa com filhos reforça a valorização deles como mão-de-obra e da importância do trabalho em conjunto para a manutenção da propriedade da família (BAHIA, 2000, p. 161).

1.3.3 Batismo

O Batismo simboliza a purificação da criança. Segundo Röelke (1996, p. 47 apud BAHIA, 2000, p. 163), um “pomerano só existe depois de batizado”, o que reforça a importância deste ritual que ocorre após seis semanas do nascimento da criança, ocasião em que a mãe é novamente aceita na comunhão com os irmãos na comunidade, pois antes do batismo ela não pode sair dos limites da casa e da propriedade. Se uma criança morre sem ser batizada, os pomeranos acreditam que isto afetará a família e toda a comunidade de forma negativa.

No dia do batismo, os padrinhos presenteiam os afilhados com uma lembrança de batismo, chamado “*peetasetal*” e junto são colocados objetos que expressam boa sorte no futuro. Alguns deles são sementes de plantas que expressam boas colheitas, migalhas de pão para nunca passar fome, um punhado de terras para ser proprietário de um terreno, fios de rabo de cavalo e pedaços de pele de vaca ou de porco para ter sorte na criação de animais, penas de galinha que simbolizam o conforto e a segurança da casa. Para as meninas são colocados agulha e fios de linha para ser uma boa costureira, uma mecha de cabelo para futura prosperidade e penas de galinha para o conforto (BAHIA, 2000, p. 165-166).

Quando a criança completa um ano de idade, os pais colocam três objetos para ela escolher: um pedaço de pão, uma moeda e um livro. Espera-se que a criança escolha um desses objetos e o que for escolhido será o caminho pelo qual ela irá seguir, ou seja, o pão se refere ao trabalho rural, a moeda ao comércio e o livro aos estudos (BAHIA, 2000, p. 164).

1.3.4 Confirmação

A Confirmação é o período preparatório para receber a comunhão, ou seja, comungar, receber a hóstia durante os cultos. Essa preparação dura, em média, três anos e abrange jovens de 12 a 16 anos, os quais devem estar matriculados e frequentando a escola. A eles são ensinados o catecismo de

Martin Lutero, leitura de partes da Bíblia e a história da doutrina luterana. O culto de Confirmação é extremamente importante para as famílias, pois o jovem pode, pela primeira vez, participar da comunhão junto com a família, a qual está na imagem da Santa Ceia que é muito cultuada entre os lares dessas famílias. Além disso, após a confirmação os jovens estão liberados para ir aos bailes, iniciar namoros e se casarem e, ainda, optar pelo trabalho agrícola ou pela continuação dos estudos. Como consequência, as classes escolares sofrem um esvaziamento, pois muitos desses jovens decidem ajudar os pais na agricultura (BAHIA, 2001, p. 77).

1.3.5 Casamento

Segundo Nars (2009, p. 04)

Para um pomerano, não existe confiança mais abençoada do que a união de um casal e o motivo se desencadeia diante da perspectiva de formação de uma nova família. Por isso, a festa em que ocorrem esses eventos matrimoniais possui um preparo ritualístico muito especial. O casamento tem uma origem divina e o Senhor o estabeleceu pensando na felicidade dos homens. Com a união entre o homem e a mulher, o pomerano reflete que o propósito do matrimônio está em uní-los em todos os campos da vida humana e espiritual.

O casamento é uma das festas mais tradicionais entre os descendentes de pomeranos. O convite é feito às famílias por um parente da noiva, geralmente um irmão solteiro (atualmente, os próprios noivos), chamado de “Kochtiedsbirrer”, o qual usa fitas coloridas e vistosas nas vestes, pequenos buquês de flores no carro ou na moto e vai de casa em casa para entregar os convites. Em cada casa ele diz a hora, o local e a data do casamento e oferece uma pequena dose de cachaça ou outro tipo de bebida ao convidado, este, por sua vez, presenteia os noivos com uma quantia em dinheiro. O “Kochtiedsbirrer” reforça a importância da presença da família no dia da festa, conforme figura 6.



FIGURA 6: Vestimentas típicas do “Kochtiedsbirrer”

Fonte: http://www.pmsmj.es.gov.br/site/Cultura_casamento.aspx . Acesso em 10/03/2012.

Alguns dias antes da festa, segundo Nars (2009, p. 05-06), há o ritual de Quebra-louças ou “Potterowend” em que as louças são atiradas ao chão e à porta de entrada da casa, batem panelas e aliam-se brincadeiras e histórias engraçadas do cotidiano dos noivos. Em seguida, os noivos limpam tudo e o noivo deve enterrar os cacos em volta da casa ou na lavoura, simbolizando a paz no matrimônio. Isso deve ser feito somente pelo homem, o que remonta ao domínio deste na família.

Em um casamento pomerano a ingestão de carne de galinha é um rito que significa “afastar a aproximação de qualquer poder demoníaco” (BAHIA, 2001, p. 06) e garantia de muita alegria e prosperidade na vida conjugal.

Antes da cerimônia religiosa, o trajeto até a igreja é singular. Os copeiros, amigos do casal que ajudam a servir no dia da festa e decoram o local da festa, seguem em cima de um caminhão, enfeitado com uma corrente de ramos verdes e de flores, com gritos, foguetes e socando a haste de bandeiras na

carroceria, tudo de forma muito alegre para anunciar a chegada dos noivos à igreja (cf. figura 7). Após a cerimônia, todos se juntam para a tradicional foto (cf. figura 8).



FIGURA 7: Trajeto dos copeiros até a Igreja

Fonte: <http://www.flogao.com.br/barmancol/58470679> . Acesso em 10/03/2012.



FIGURA 8: Tradicional foto após a cerimônia religiosa

A festa caracteriza-se por muita alegria e muita comida. Geralmente, são festas grandes com 200 a 500 famílias convidadas. Os noivos, ao chegar, sentam-se à mesa e são servidos, essa mesa também é enfeitada com um arco de flores. Em alguns casamentos é servido um jantar (feijão tropeiro, arroz, batata, carnes e salada) que fica exposto em uma grande mesa e os convidados se servem à vontade e, em outros, há uma grande variedade de bolos, pão com molho de carne, biscoitos, café, leite, refrigerante e bebidas alcoólicas em um local separado (cf. figura 9). Em seguida, os noivos recebem os cumprimentos dos convidados.



FIGURA 9: Mesa de jantar dos noivos e convidados

Fonte: <http://www.brasilalemanha.com.br/portal/index.php?p=noticias&getID=5112>. Acesso em 10/03/2012.

Durante a festa, há a famosa dança dos noivos ou “Bruttanz” em que os noivos dançam com os convidados da festa, os quais, novamente, presenteiam os noivos com uma quantia em dinheiro. A festa é animada por grupos locais de forró (cf. figura 10).



FIGURA 10: Tradicional dança dos noivos
Fonte: Arquivo pessoal.

1.3.6 Benzimentos

A prática de benzimentos é comum entre os pomeranos. Quando eles ficam doentes, eles procuram uma benzedeira, a qual profere fórmulas mágicas que são pronunciadas em alemão e não são ouvidas nem compreendidas por serem ditas em segredo e somente aqueles que herdarão esse saber feminino é que terão acesso a elas. Segundo Bahia (2000, p. 171),

Os casos de doença por bruxaria são considerados casos graves, doenças que se desenvolveram rapidamente e que podem ocasionar a morte rápida da vítima. As benzedeiros que tratam destes casos são ensinadas por algum membro da

família que possuía este conhecimento mágico. Não é qualquer benzedeira que trata de bruxaria e, em linhas gerais, são aquelas situadas fora da comunidade, no local mesmo onde ocorreu o fato, é que são procuradas.

1.3.7 Música

A música está muito presente no cotidiano dos camponeses pomeranos. Nars (2009, p. 11) observa que

Enquanto as músicas sacras possuem caráter conservador e tradicionalista voltados para a cultura alemã, as músicas populares que foram trazidas pelos imigrantes pomeranos e difundidas pelos descendentes possuem um caráter misto e livre, quanto aos seus temas musicais, lembrando as dominações da antiga Pomerânia.

A autora seleciona os estilos mais presentes entre esses imigrantes, dentre eles, a “*Mazurca*”, originária da Polônia, possui compasso ternário e está presente em festas folclóricas, é menos dançante e possui caráter mais erudito; a “*Poloneses*” ou “*Polonaises*”, também originária da Polônia quando esta domina a Pomerânia, possui compasso ternário, allegro e vivo, mais marcada do que a primeira e dançante; a “*Valsa*”, comum em festas de casamento, dança rústica alemã, é a preferida entre os pomeranos, principalmente os mais idosos e podem ser alegres, lentas e melancólicas; as “*Marchinhas*” ou “*Marchas*”, criadas em bandas militares, possuem compasso quaternário e são muito alegres; o “*Xote*”, originário de danças folclóricas escocesas e que na Alemanha ganhou um ritmo valseado pela influência da Valsa Vienense, também está muito presente nas festas dos descendentes de pomeranos; e a “*Polka*”, com compasso binário que surgiu na França em 1840 e tornou-se moda espalhando-se pela Europa (NARS, 2009, p. 11-13). Esses vários ritmos formam o que chamam de forró e são tocados em festas diversas.

A concertina é um instrumento musical muito utilizado pela comunidade pomerana. É um aerofone e possui palhetas livres que são acionadas através de um fole que une os dois teclados (cf. figura 11).

O teclado da mão direita produz as notas, ou seja, a melodia, enquanto o teclado da mão esquerda produz os acordes e baixos do acompanhamento. É um instrumento largamente difundido na música de raiz tradicional e popular europeia, embora tenha surgido apenas no princípio desse século, depois de construtores alemães terem transformado os seus ancestrais chineses, nomeadamente na utilização de palhetas metálicas. Tem a particularidade de emitir notas distintas quando se pressiona uma tecla e se aciona o fole em cada sentido, o que o distingue do acordeão (que emite sempre o mesmo som, independentemente do sentido em que se aciona o fole) (NARS, 2009, p. 13).

Nars (2009, p. 13) acrescenta ainda que

A transmissão da musicalidade popular e sacra desse povo permite a construção de uma identidade que consideramos, portanto, mista, por terem, em suas estruturas, as características étnicas de um povo mesclado pelas culturas pomerana, alemã e aquelas dos diversos países que o dominaram.

Cabe ressaltar que as mulheres não tocam instrumentos, elas dedicam-se aos coros das igrejas, o que pode ser explicado pela mentalidade desse grupo em que a mulher deve dedicar-se ao lar. Por fim, a música representa para esse povo a alegria, sentimentos e a memória da cultura trazida por seus antepassados.



FIGURA 11: Festival de concertina

Fonte: <http://www.brasilalemanha.com.br/portal/index.php?p=noticias&getID=4929> . Acesso em 10/03/2012.

1.3.8 Questões de conflito

Segundo Bahia (2000, p. 172-173), alguns fatos chamam a atenção entre a comunidade pomerana por poderem vir a modificar a região, como o crescimento do alcoolismo masculino e até do feminino, o crescente número de mães solteiras que permanecem com as famílias, a participação das mulheres em cargos importantes da Igreja Luterana, a crescente importância econômica das mulheres na manutenção da propriedade e a reivindicação das mulheres junto ao Sindicato dos Trabalhadores movendo ações jurídicas contra o pai para ter acesso à terra como direito de herança que, geralmente, é tida pelos filhos homens.

1.4 Língua pomerana

Segundo Tressman (2005, p. 78), a língua pomerana pertence à família Germânica Ocidental, da subfamília Baixo Saxão (Oriental) e predomina na

Pomerânia a partir de 1400. O Holandês, o Flamengo, o Vestfaliano e o Afrikâner pertencem à mesma subfamília linguística do pomerano. O inglês é próximo ao pomerano, pois é uma língua anglo-saxônica, derivada do Saxão Antigo e do Anglo. Por outro lado, o alemão pertence ao Alto-Alemão Antigo, isto é, das regiões altas da Alemanha e da Suíça, o qual se originou do Gótico, portanto, pertence a uma família diferente da do pomerano (TRESSMANN, 2008, p. 05).

O Baixo-Saxão era uma língua franca tanto oral como escrita em toda a costa do mar Báltico, mas com o declínio da Liga Hanseática (costas do mar Báltico), final do século XVI e início do século XVII, a língua passou a ser tratada como “dialeto” local e, a partir daí, o Alemão torna-se a língua oficial e de prestígio, enquanto a língua dos povos saxônicos, como o pomerano e o vestfaliano, são vistas como língua do proletariado e então o Baixo-Saxão foi considerado como “uma mera coleção de dialetos inferiores ao idioma alemão” (TRESSMANN, 2008, p. 10-11).

O Pomerano passou a ser considerado como uma língua moribunda na Europa após a II Guerra Mundial e, aos poucos, foi deixada de lado pelos nativos já que era uma língua sem prestígio social e o alemão, a língua prestigiada. Por isso, muitas famílias deixaram de falar o pomerano e de ensinar aos seus filhos, fato que contribuiu para a extinção do pomerano na Europa.

1.4.1 Uso da língua

Segundo Tressman (2005, p. 60-61), a partir de 1530, com a Reforma Luterana, a língua alemã passa a ser ensinada nas escolas e exigida em ambientes escolares, igreja e repartições públicas, mas o pomerano continua a ser falado cotidianamente em ambientes informais com parentes e conhecidos. Situação semelhante ocorre atualmente com os descendentes de pomeranos, uma vez que usam o pomerano no dia-a-dia com parentes, amigos e vizinhos, mas a língua portuguesa é exigida em situações formais.

O uso crescente da língua portuguesa entre os descendentes de pomeranos ocorreu na época da Campanha de Nacionalização, criada pelo governo de

Getúlio Vargas entre 1938 a 1945, o que resultou em repressão ao uso da língua alemã e pomerana bem como publicações e ensino das mesmas. Além disso, nenhuma outra língua, exceto o português, poderia ser falada em público, instituições e associações comunitárias e culturais foram fechadas, membros e pastores das igrejas luteranas foram perseguidos e propriedades destruídas. Enfim, um período que marcou a intolerância à diversidade linguística e opressão aos tantos imigrantes que viviam no país. Atualmente, o pomerano é falado pelos descendentes em comunidades do Espírito Santo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e em comunidades de Minas Gerais, Rondônia. (TRESSMANN, 2005, p. 78).

O uso da língua portuguesa entre os mais jovens é crescente. Muitos pais alegam falar mais em português com os filhos para que não sofram preconceitos e humilhações. Segundo Bahia (p. 73), para os pais que almejam a permanência dos filhos junto à lavoura, a escola é vista como meio para ensinar questões e situações formais com as quais eles irão lidar. Como a maioria das famílias descendentes de pomeranos vive em propriedades rurais por meio da agricultura familiar, a falta de um membro da família é muito sentida no trabalho cotidiano, por isso muitos jovens evadem da escola completando, no máximo, todo o ensino fundamental.

Mesmo assim, a figura do professor é vista como uma liderança, a qual possui vasto conhecimento, comunica-se em língua portuguesa com proeficiência e possui renda fixa, o que o diferencia da maioria das famílias pomeranas que vivem da venda de produtos agrícolas produzidos. Assim, o professor deve educar o filho, o qual tem um respeito muito grande pelo professor, principalmente nas séries iniciais (BAHIA, p. 74).

Para Tressmann (1998, p. 10), o português é considerado uma variedade alta, com mais prestígio principalmente entre os jovens, é ensinado nas escolas, é utilizado em ambiente formal e mais falado na zona urbana. O pomerano, por outro lado, é uma língua de variedade baixa, com aprendizado natural, utilizado em ambiente familiar e no cotidiano e é mais rural. Há, portanto, uma situação de diglossia com bilinguismo, pois cada língua é utilizada em circunstâncias distintas apesar de serem consideradas variedades alta e baixa.

II METODOLOGIA

Este trabalho é de cunho estruturalista e visa apresentar e descrever os fones e os fonemas encontrados na língua de imigração pomerana falada no estado capixaba. Para isso, adotamos o modelo fonêmico de Pike (1947), o qual apresenta os procedimentos para a análise que consistem em gravar os dados, transcrevê-los foneticamente, agrupar os diferentes fones em uma tabela fonética, identificar e agrupar os sons foneticamente semelhantes, encontrar pares mínimos e/ou análogos para identificar os fonemas, apresentar os processos de alofonia através da distribuição complementar e agrupar os fonemas da língua em uma tabela fonética específica. Além disso, será apresentada uma descrição da ocorrência de cada fonema no que se refere à posição na sílaba e os contextos antecedentes e seguintes, bem como expressar os processos fonológicos.

A escolha de uma metodologia estruturalista, em meio a tantos modelos modernos de análise fonológica, visa a alcançar uma descrição básica dos sons que constituem a língua em questão, visto que não há nenhuma descrição detalhada da mesma. Sendo assim, é um primeiro passo para descrever o pomerano. Uma vez identificados os fenômenos mais interessantes para a reflexão fonológica, o trabalho poderá ser ampliado com análises mais complexas, com diferentes propósitos e em diferentes modelos de análise.

2.1 Escolha do tema

A justificativa para a escolha deste trabalho está baseada, em primeiro lugar, nas dificuldades encontradas por muitos professores e outros profissionais em identificar e diferenciar os sons existentes na língua pomerana e que são transferidos, muitas vezes, para a língua portuguesa e esses descendentes de pomeranos sofrem com o preconceito linguístico por parte de algumas pessoas que não falam o pomerano. Além disso, pela inexistência de descrição de uma língua falada há mais de 100 anos no estado e por um número considerável de

falantes, o registro da mesma torna-se essencial para novas pesquisas e como respostas para muitas perguntas para quem deseja se aprofundar no assunto, bem como a utilidade em sala de aula com alunos bilíngues em pomerano e português e até como segunda língua para quem ainda não aprendeu a falar o pomerano e almeja aprendê-la.

2.2 Escolha da localidade

Apesar de a maioria dos falantes de pomerano residir no município de Santa Maria de Jetibá, escolhemos o município de Santa Leopoldina por várias razões. Em primeiro lugar, pelo fato de Santa Leopoldina ter sido o local inicial da instalação dos primeiros imigrantes já que era a Colônia da época e, com o passar do tempo, o município teve desmembramentos formando, assim, novos municípios, como é o caso de Santa Maria. Outra razão consiste na facilidade de acesso aos informantes já que me conhecem melhor e, como são muito fechados, no sentido de conservadores e até desconfiados com relação ao destino das entrevistas, seria muito difícil, ou até impossível, gravar pessoas desconhecidas. Além disso, a coleta de dados demora bastante, o que os deixa impacientes sendo mais um motivo para procurar pessoas conhecidas. Deve-se levar em conta, também, que os falantes de Santa Leopoldina residem em comunidades que fazem divisa com o município de Santa Maria de Jetibá, o que significa que eles frequentam mais o município vizinho do que o próprio, já que se sentem mais acolhidos ou, talvez, pelo maior número de falantes nas ruas da cidade.

2.3 Escolha dos informantes

Os informantes para essa pesquisa são escolhidos através dos seguintes critérios: ter o pomerano como língua materna e utilizá-la cotidianamente e o português como segunda língua; o nível de escolaridade até, no máximo, o ensino médio; ser nascido e residir no município de Santa Leopoldina ou Santa

Maria de Jetibá. Foram gravados quatro falantes em que três deles eram bilíngues em pomerano e português e um, monolíngue em pomerano, o qual consegue entender o português, mas fala muito pouco essa última língua.

2.4 Perfil dos informantes

No total, quatro falantes de diferentes idades foram entrevistados. Um menino de 11 anos (identificado como MFJ), uma moça de 16 anos (FRF), uma mulher de 43 anos (FRRF) e outra mulher de 48 anos (FLR).

O falante MFJ, de 11 anos, reside na comunidade rural de Rio das Pedras, município de Santa Leopoldina, estuda na 5ª série do ensino fundamental, aprendeu o pomerano e o português simultaneamente e fala as duas línguas fluentemente. Segundo ele, em um dia, utiliza as duas línguas igualmente, se comunica tanto em português quanto em pomerano, fala pomerano em casa, no serviço, com os pais, avós e outros parentes e com amigos e conhecidos e faz contas matemáticas em pomerano. Ele fala português na escola, na igreja, na cidade e em lojas, e com alguns amigos e desconhecidos. Além disso, realiza atividades como rezar, fazer contas matemáticas, narrar histórias, cantar, ler e escrever em português com regularidade visto as exigências escolares. O informante afirma que gosta mais de falar o português do que o pomerano fora da comunidade, esse fato está relacionado, provavelmente, ao fato de o pomerano ser estigmatizado em muitas situações e por muitas pessoas. Por fim, ele acha importante ensinar aos mais novos o pomerano, mas reconhece que quem fala sofre preconceitos.

A informante FRF, de 16 anos, também reside na comunidade rural de Rio das Pedras, Santa Leopoldina, estuda no 1º ano do ensino médio, aprendeu o pomerano antes da língua portuguesa, adquirida em idade escolar com professores e alunos, e fala, em um dia, metade do tempo em pomerano e outra metade em português. Ela se comunica em pomerano em casa, na igreja, no trabalho, na cidade, nos comércios, com os pais, avós e outros parentes e com alguns amigos, realiza atividades como contar números e narrar histórias

em pomerano. Quanto ao uso da língua portuguesa, ela fala a língua em casa, na escola, na igreja, na cidade e em comércios, fala em português também com os pais, outros parentes, amigos e desconhecidos e realiza atividades diversas em língua portuguesa, até porque só é alfabetizada nessa língua.

A informante FLR, de 48 anos, reside na comunidade rural de Rio Bonito, Santa Leopoldina, estudou até a 4ª série do ensino fundamental e é lavradora. Ela possui o pomerano como língua materna e aprendeu o português em idade escolar com professores e colegas de classe. Porém, depois que se casou com um descendente de hunsrückler, falante do Hunsrückisch³, ela passou a se comunicar mais em português com o marido, com os filhos e com os amigos. Mesmo assim, continua a falar o pomerano com os pais, irmãos e outros parentes, mas fala a maior parte do tempo e realiza atividades em língua portuguesa.

A monolíngue FRRF, de 43 anos, reside na comunidade rural de Rio das Pedras, estudou até a 3ª série do ensino fundamental e é lavradora. Ela se comunica apenas em pomerano, mas admite que consegue entender a língua portuguesa e fala muito pouco e com muita dificuldade. A informante utiliza a língua pomerana em todas as situações, lugares e pessoas. Quando ela se depara com uma pessoa que não fala pomerano, tenta usar o português para se comunicar, mesmo não tendo essa língua totalmente internalizada. Ela reconhece a importância de falar o pomerano e perpetuar a língua passando-a às gerações futuras, uma vez que se trata de uma língua que representa a identidade dos primeiros imigrantes pomeranos que desbravaram as terras capixabas.

2.5 Coleta de dados

O corpus da pesquisa é constituído por uma lista de palavras isoladas e por pequenas frases com 600 itens, baseada nas listas de palavras para descrição de línguas indígenas. Assim, a lista foi baseada na Lista Diagnóstica léxico

³ A língua de imigração Hunsrückisch é falada por descendentes de imigrantes alemães advindos da região do Hunsrück, na Alemanha. É uma variedade do alemão.

estatística de Morris Swadesh para levantamentos e comparações de línguas indígenas, no Formulário do vocabulário-padrão para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras do Museu Nacional do Rio de Janeiro e na Lista léxico-estatística proposta por índios segundo Alcionílio B. A. Silva. Além disso, acrescentamos e substituímos palavras do cotidiano dos descendentes de pomerano a fim de facilitar a compreensão dos mesmos.

Após a coleta e a análise dos dados, percebemos que a lista anterior era insuficiente para a montagem dos pares mínimos. Então, uma nova lista de 190 palavras foi criada e houve uma nova coleta com a informante bilíngue FLR e com a monolíngue FRF. Essa lista foi baseada no dicionário de pomerano e português de Tressmann (2006).

2.6 Gravação dos dados

Os dados foram gravados na casa da pesquisadora, uma vez que um estúdio específico é distante e os sujeitos só tinham tempo para realizar as gravações à noite ou em finais de semana, já que precisam trabalhar na agricultura durante o dia. As gravações foram realizadas com um gravador Handy Vídeo Recorder Q3, da ZOOM, versão 1.10 e os dados amostrados em PCM 44.1 kHz 16 bits. Antes de iniciar a gravação, o informante recebeu explicações de como seria a gravação e ficava livre para intervalos no intuito de não cansá-lo tanto, já que a sessão de gravação era demorada, girando em torno de uma a duas horas. A sessão iniciava-se pela entrevista de sondagem seguida da lista de palavras de 600 itens em que a pesquisadora perguntava “Como fala _____ em pomerano?” e o informante respondia. Quando ele ficava em dúvida em alguma palavra, recebia explicações em português do significado da mesma.

O procedimento com a falante monolíngue foi diferenciado: a lista de palavras era composta de 190 palavras, as quais foram previamente selecionadas para confirmar os pares mínimos da pesquisa em questão e essas palavras eram apresentadas em forma de figuras para facilitar a compreensão da falante.

2.7 Transcrição dos dados

Os dados obtidos são transcritos foneticamente, baseados no Alfabeto Fonético Internacional e transcritos com fonte SILDoulosIPA em uma planilha Excel para facilitar a comparação entre falantes. A transcrição é auditiva e acústica simultaneamente, através do software Praat em que os dados também são etiquetados e separados por fones, já que o espectrograma facilita essa separação. A iniciativa de fazer uma análise auditiva e acústica baseia-se na facilidade de identificar os sons pelas suas características acústicas e de confirmá-los pela audição.

III ANÁLISE FONÉTICA DOS DADOS

3.1 Fones consonantais

A língua de imigração pomerana é constituída por 29 fones consonantais, distribuídos conforme a tabela abaixo.

TABELA 1
Distribuição dos fones consonantais do pomerano

	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Pós alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p b			t d			k g	
Oclusivas aspiradas	p ^h			t ^h			k ^h	
Nasal	m			n		ɲ	ŋ	
Tap ou Flap				r				
Africadas					tʃ			
Fricativa		f v		s z	ʃ	ç j	x ɣ	h ɦ
Aproximante						j		
Lateral Aproximante				l ɭ				

3.1.1 Distribuição dos fones consonantais

Os fones ocorrem nos ambientes descritos conforme a tabela a seguir:

TABELA 2
 Descrição dos ambientes dos fones consonantais do pomerano

Fone	Ataque complexo	Ataque simples	Coda simples	Coda complexa
[p]	X [ˈʃupsə], empurrar;	X [paˈtyft̪], batata inglesa;	X [ɔp], macaco.	
[b]	X [ˈbrou̯d], pão;	X [ˈbau̯k], livro;	X [luːb], janela de madeira.	
[p ^h]		X [ˈp ^h ɛpə], pimenta;		
[t]	X [ˈtrɛxt], pronto;	X [ˈtaʃ], bolsa;		X [myts], boné;
[d]		X [ˈdɔɹ], porta;	X [ˈhyd], hoje;	X [ˈfasdməkə], apertar.
[t ^h]		X [ˈt ^h ita], peito;	X [ˈʃtat ^h], cidade.	
[k]	X [ˈklām], pequeno;	X [kɔp], cabeça;	X [ˈbuk], barriga;	X [ˈmɹɛtk], leite.
[g]	X	X	X	

	[gras], grama;	[gɔ:], andar;	[ˈdɛg], cobertor;	
[k ^h]	X [meiˈk ^h lɛnɐ], mais curto;	X [ˈk ^h œnz], abóbora;	X [jak ^h], blusa.	
[f]	X [flaɪf], carne;	X [ˈfɔtɐ], avô;	X [ˈhauf], meio.	
[v]		X [ˈvɔtɐ], água;	X [ʃruv], parafuso.	
[s]		X [ˈsu:k ^h ɐ], açúcar;	X [ˈris], arroz;	X [ˈʃnaps], cachaça.
[z]		X [ˈzuɔiç], porca;	X [ˈje:zuz], Jesus;	X [õmz], escuro.
[ʃ]	X [ˈʃtaɪ], cadeira;	X [ˈʃaɪ], escola;	X [ˈdɛɪʃ], mesa.	
[tʃ]		X [uɪtˈrutʃɐ], deslizar;	X [pitʃ], chicote.	
[ç]		X [ˈneɪçɐ], costurar;	X [eɪç], ovo;	

[j]			X [ˈlej], deitar;	
[x]		X [ˈsuxə], chupar;	X [ˈdax], dia.	
[ʎ]		X [ˈziɛʎə], dizer;		X [ˈnoʎt], prego.
[h]		X [ˈhəkə], cabide;		
[ɦ]		X [ˈlafɦ], rir;	X [ˈrouɦ], fumaça.	
[m]		X [ˈmutə], avó;	X [ˈymfətə], abraçar.	
[n]		X [ˈnysə], garrote;		X [ˈkʰint], filho.
[ɲ]		X [ˈɛɲət], anjo.		
[ɳ]				X [ˈlaɳk], comprido.

[r]		X [ˈrɛrɛ], falar;		X [ˈjurk], pepino.
[j]		X [jak], blusa.		
[l]		X [ˈlɛf], vivo;	X [fuɫ], cheio;	X [ɛ:zɫ], burro.

3.2 Fones vocálicos

O pomerano possui 23 fones vocálicos.

TABELA 3
Distribuição dos fones vocálicos do pomerano

	Anterior				Central		Posterior	
	Arred.		Não-arred.		Não-arred.		Arred.	
	breve	longa	breve	longa	breve	longa	breve	longa
Alta	y	y:	i ɪ	i:			u ʊ	u:
Média-alta	ø	ø:	e	e:			o	o:
Média-baixa	œ	œ:	ɛ	ɛ:			ɔ	ɔ:
Baixa					a ɐ	a:		

3.2.1 Distribuição dos fones vocálicos

Os fones vocálicos ocorrem como núcleo silábico e em coda silábica, formando os ditongos, os quais estão descritos abaixo.

- | | |
|--|-------------------------------|
| a) [iɛ] - ['liɛts], último; | g) [oi] - ['zoiʃ], doce; |
| b) [ia] - ['bi:bla], bíblia; | h) [ou] - [boum], árvore; |
| c) [uɔ] - ['luɔx], buraco; | i) [ɛi] - [sɛiça'buk], bodes; |
| d) [ui] - ['huina'kyʃ], coxa de galinha; | j) [ɔi] - [mɔi], amanhã; |
| e) [øi] - ['fløitɐ], assobiar; | k) [ai] - [sai], ela; |
| f) [ɛi] - [hen'leɪç], deitar; | l) [au] - ['gaud], bom; |

IV ANÁLISE FONÊMICA

A análise fonêmica deste trabalho baseia-se nos procedimentos metodológicos de Pike (1948), dentre eles, os principais para definir os fonemas são: contraste em ambientes idênticos e em ambientes análogos, distribuição complementar e variação livre. O contraste em ambientes idênticos ocorre quando há duas palavras com a cadeia sonora idêntica, porém com significados diferentes, formando, assim, o par mínimo como no exemplo: [ˈfɔtɐ] (avô) e [ˈvɔtɐ] (água). Nesse caso, podemos afirmar que /f, v/ são fonemas do pomerano. Contudo, muitas vezes não encontramos pares mínimos, então podemos definir os fonemas por ambientes análogos, ou seja, duas palavras possuem segmentos similares, mas apresenta mais de um segmento diferente, como em: [faɫ] (cair) e [vaɫ] (mata).

Muitas vezes, não conseguimos identificar dois segmentos suspeitos, ou seja, que compartilham uma ou mais propriedades fonéticas. Assim, procuramos evidências para classificá-los como alofones ou variantes de um mesmo fonema, os quais podem ser identificados pela distribuição complementar em que os segmentos ocorrem em ambientes exclusivos. Dessa forma, onde um segmento ocorre, o outro não ocorrerá sendo chamados também de variantes posicionais. Em contrapartida, os alofones que não dependem de contexto e que ocorrem em um mesmo ambiente sem alterar o significado são chamados de variantes livres.

4.1 Fonemas consonantais

Os fonemas consonantais do pomerano podem ser distinguidos pelos pares mínimos a seguir:

4.1.1 /p/ e /b/

a) [ˈpɔɔx], sapo; [ˈbɔɔx], porco capado.

b) [bak], bolinho feito de trigo e água; [pak], paca.

4.1.2 /t/ e /d/

- a) [ˈdɑŋk], agradecimento; [ˈtɑŋk], tanque de peixes.
- b) [ˈdruk], pressão, aperto, peso; [ˈtru:k], caminhão truque.
- c) [dɾɛk], sujeira; [tɾɛkə], puxar, tirar

4.1.3 /k/ e /g/

- a) [kət], curto; [gɔd], Deus.
- b) [głas], copo, vidro; [kłas], classe.
- c) [gułd], ouro; [kułd], frio.

4.1.4 /p/ e /t/

- a) [ˈpasə], servir, caber; [ˈtasə], xícaras.
- b) [ˈpus], beijo; [tus], em casa.

4.1.5 /p/ e /k/

- a) [pɔł], estaca; [kɔł], pelado, sem pêlos;
- b) [pan], panela; [kan], bule.

4.1.6 /b/ e /d/

- a) [bak], bolinho feito de água e trigo; [dak], telhado.
- b) [baʊk], livro; [daʊk], lenço, pano.
- c) [brɔɪç], ponte; [dɾɔɪç], seco.

4.1.7 /b/ e /g/

- a) [ˈbɔrɐ], dar banho, banhar; [ˈgɔrɐ], horta.
- b) [brɔud], pão; [grɔud], grande.

4.1.8 /t/ e /k/

- a) [taʃ], bolsa; [kaʃ], cacho de banana, de coco.
- b) [taʊ], fechado; [kaʊ], vaca.

c) [tɛlɐ], contar referente a quantidade; [kɛlɐ], conchas.

4.1.9 /d/ e /g/

a) [danz], dança; [ganz], todo, inteiro, completo.

4.1.10 /t/ e /tʃ/

a) [glat], liso; [klatʃ], ruído de algo que cai no líquido.

b) [pɛ:t], égua; [pitʃ], chicote.

4.1.11 /m/ e /n/

a) [bɔm], árvore; [bɔn], feijão.

b) [ˈmɛtkɐ], tirar leite; [ˈnɛtkɐ], cravo de jardim.

c) [muʔ], trameia/gameia; [nuʔ], zero.

d) [dum], bobo; [dun], aí, então.

4.1.12 /f/ e /v/

a) [ˈfɔtɐ], pai; [ˈvɔtɐ], água.

b) [faɪ], quatro; [vaɪ], sofrer.

c) [faʔ], cair; [vaʔ], mata.

d) [fas], firme; [ˈvasɐ], crescer.

4.1.13 /s/ e /z/

a) [zuɐ], azedo; [suɐ], chupar.

4.1.14 /s/ e /ʃ/

a) [tas], xícara; [taʃ], bolsa.

b) [ˈvasɐ], crescer; [ˈvaʃɐ], lavar.

c) [ˈsitɐ], sentar; [ˈʃitɐ], defecar.

4.1.15 /r/ e /x/

a) [ˈru:rɐ], mudar/renovar penas, folhas; [ˈhu:rɐ], “mulher da vida”, prostituta.

4.1.16 /r/ e /l/

a) [ˈrɛ:rɐ], falar, dizer; [ˈlɛ:rɐ], couro.

b) [rust], ferrugem; [lust], alegria, prazer.

c) [ˈrustiç], enferrujado; [ˈlustiç], alegre, divertido, engraçado.

d) [ˈru:rɐ], mudar/renovar penas, folhas; [lu:rɐ], esperar.

4.1.17 /r/ e /n/

a) [rɛst], resto; [nɛst], ninho.

b) [rɔnd], vermelho; [nɔnd], necessidade, sofrimento.

c) [ruʔ], carretel, rolo; [nuʔ], zero.

d) [ˈru:dɔʔ], touceira, moita; [ˈnu:dɔʔ], macarrão.

4.1.18 /l/ e /n/

a) [lat], lata; [nat], molhado.

b) [lip], lábio; [nip], exato.

c) [lɔx], buraco; [nɔx], ainda.

d) [ly:sɐ], piolhos; [ny:sɐ], bezerro.

4.1.19 /g/ e /j/

a) [gɔ], ir; [jɔ], sim.

4.1.20 /j/ e /ʃ/

a) [jak], blusa; [ʃak], jaca.

4.1.21 /ɲ/

A nasal palatal não é muito frequente no corpus recolhido. Ela aparece após as vogais anteriores não arredondadas [e, i] e em início de palavra seguida da vogal média-alta posterior arredondada [o].

a) [nõu], menino

e) ['fijnə], dedo

b) [am'bija], amarrar

f) [dar'jũ], este menino

c) ['ẽnetʃ], anjo

g) ['brinjə], trazer

d) ['sija], cantar

h) [fija'nɔxət], unha

Assim, temos 19 fonemas consonantais conforme tabela abaixo.

TABELA 4
Distribuição dos fonemas consonantais do pomerano

	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Pós alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p b			t d			k g	
Nasal	m			n		ɲ		
Vibrante								
Tap ou Flap				r				
Africadas					tʃ			
Fricativa		f v		s z	ʃ		x	
Lateral Fricativa								
Aproximante						j		
Lateral Aproximante				l				

4.2 Distribuição complementar

Os segmentos consonantais a seguir estão em distribuição complementar:

4.2.1. [h], [x] e [ç], as fricativas glotal, velar e palatal, respectivamente, são foneticamente semelhantes e estão em distribuição complementar nos seguintes ambientes:

4.2.1.1. [h] - a fricativa glotal surda ocorre no início de palavras.

[hou̯s] - calça

[ʰhœ̯rɐ] - ouvir, escutar

[hɛ̯t] - claro, luminoso

[hyt] - hoje

[ha̯i] - ele

[hus] - casa

4.2.1.2. [x] - a fricativa velar surda ocorre no início de sílabas em meio de palavra e no final de sílabas diante das vogais, exceto [i].

[ʰkuxən] - bolo

[lɔ̯x] - buraco

[ʰ]lɛ̯xt] - mal, ruim

[ʰdax] - dia

[ʰnaxt] - noite

[frux]-mulher

4.2.1.3 [ç], a fricativa palatal surda ocorre no final de sílabas diante da vogal [i]

[ʰsɛ̯iç] - cabrita

[ʰzu̯iç] - porca

[ɛ̯iç] - ovo

[ʰvɛ̯niç] - poucos

[ʰhɔ̯riç] - peludo

[ʰ]piç] - saliva

Então,

$$/x/ \rightarrow \begin{cases} [h] / \# ___ \\ [ç] / ___ [i] \\ [x] / NDA \end{cases}$$

4.2.2. As fricativas palatal, velar e glotal tornam-se vozeadas quando estiverem antes ou depois de consoantes vozeadas: [j], [ɣ] e [ɦ], respectivamente.

4.2.2.1. A fricativa palatal sonora [j] ocorre no início e no final de sílabas diante da vogal [i] seguida de vogal ou consoante sonora.

[ni_i'mõn] - lua nova; [ʼlei_ijə] - deitar.

4.2.2.2. A fricativa glotal sonora [ɦ] ocorre no início de sílabas, desde que esteja precedida por uma vogal ou consoante vozeada.

[ʃuada'ɦɔrə] - cabelo preto; [ʼlɔɦimɔgə] - furadeira

[kõm'ɦɛ:] - venha cá [fɛt'ɦɔ] - peludo

4.2.2.3. A fricativa velar sonora [ɣ] ocorre no início e no final de sílabas diante de todas as vogais, exceto diante da vogal alta anterior não arredondada [i], precedida ou seguida de vogal ou consoante sonora.

[ʼflyɣt], asa; [ʼziɛɣə] - dizer.

[ʼnɔɣl] - prego [ʼzuɣãn] - chupar

[ʼfɔɣl] - tucano [ʼfrɔɣãn] - perguntar

A regra pode ser vista como:

$$/x/ \rightarrow \begin{cases} [ɦ] / \# \text{ ___ } C [+sonora] \\ [j] / [i] \text{ ___ } C [+sonora] \\ [ɣ] / NDA \text{ ___ } C [+sonora] \end{cases}$$

4.2.3. [l, ɫ] estão em distribuição complementar, uma vez que a lateral [l] ocorre em início de sílaba e a lateral [ɫ] ocorre em final de sílaba.

[lɔx] - buraco

[jɛɫ] - amarelo

[lœɪ] - gente, pessoa

[ˈhɪɛɫbø] - ajudar

[ˈlaxə] - rir

[faɫ] - cair

Sendo assim,

$$/l/ \rightarrow \begin{cases} [l] / \# _ \\ [\mathfrak{t}] / _ \# \end{cases}$$

4.2.4. [n, ŋ] estão em distribuição complementar, uma vez que a nasal velar [ŋ] ocorre em final de sílaba seguida de uma oclusiva velar e a nasal dental [n] ocorre nos demais ambientes.

[ˈnaxt] - noite

[ˈlaŋk] - comprido

[ˈkʰlãm] - pequeno

[ˈdœŋgən] - pensar

[tʰɛ:n] - dente

[ˈãŋgøɫ] - anzol

Assim,

$$/n/ \rightarrow \begin{cases} [ŋ] / _ [k,g] \\ [n] / \text{NDA} \end{cases}$$

4.3 Variação livre

Segue os pares de segmentos consonantais que estão em variação livre, ou seja, a variação dos fones não causa alteração de significado.

4.3.1. [p, t, k] e [p^h, t^h, k^h]

[up.ʃt^hɔ:] ~ [up.ʃtɔ:] - acordar, [k^hlain] ~ [k^hlain] - pequeno
 levantar [p^hu:sə] ~ [pu:sə] - beijo

O uso ou não de aspiração não causa mudança de significado entre as oclusivas surdas e esse fenômeno pode ser melhor compreendido no capítulo sobre VOT (Voice Onset Time).

4.3.2. /g/ e /j/ ocorrem em variação livre no início de palavras

[g^hɛtt] ~ [jɛtt] - dinheiro [g^hɔrə] ~ [jɔrə] - horta
 [g^hɔbɛt] ~ [jɔbɛt] - garfo [geʃɛɪŋk] ~ [jeʃɛɪŋk] - presente
 [g^hurk] ~ [jurk] - pepino

Essas ocorrências devem ser investigadas em pesquisas futuras, uma vez que isso pode ser restrito a alguns itens lexicais somente, pois não conseguimos encontrar evidências que apontassem para a ocorrência dessa variação em determinado contexto.

4.4 Fonemas vocálicos

Os fonemas vocálicos do pomerano estão resumidos conforme tabela abaixo:

TABELA 5
 Distribuição dos fonemas vocálicos do pomerano

	Anterior	Central	Posterior

	Arred.		Não-arred.		Não-arred.		Arred.	
	breve	longa	breve	longa	breve	longa	breve	longa
Alta	y	y:	i	i:			u	u:
Média-alta							o	
Média-baixa	œ		ɛ	ɛ:			ɔ	ɔ:
Baixa					a	a:		

4.5 Descrição dos contrastes vocálicos

4.5.1 /a/ e /ɔ/

a) [blas], pálido, fosco; [blɔs], bexiga.

4.5.2 /a/ e /u/

a) [faɫ], cair; [fuɫ], podre.

4.5.3 /e/ e /ɛ/

a) [k^heɫ], homem; [kɛɫ], concha.

b) [ˈrɛɪɐ̃], limpo; [ˈrɛɪɐ̃], costas.

c) [ˈsɛiç], xixi; [sɛiç], cabrita.

4.5.4 /ɛ/ e /a/

a) [fɛɫ], muito; [faɫ], cair.

b) [hɛk], portão; [hak], enxada.

c) [hɛɫ], claro, luminoso; [haɫs], garganta.

d) [ˈvɛiç], caminho; [vai], dor.

4.5.5 /ɛ/ e /œ/

a) [hæt], claro, luminoso; [hæʔ], inferno

4.5.6 /y/ e /ø/

a) [ˈflʏxt], asa; [ˈfløɪtə], assobiar.

4.5.7 /ɔ/ e /o/

a) [kɔʔ], pelado (sem pêlos); [koʔ], repolho.

b) [ˈrɔk], saia; [ˈrokʰ], fumaça.

4.5.8 /u/ e /y/

a) [buk], bode; [byk], bodes.

b) [dun], aí, então; [dyn], fino, miúdo.

c) [kʰuʔt], frio; [kʰyʔt], coxa de galinha.

d) [mutə], avó; [myts], boné.

4.5.9 /u/ e /ɔ/

a) [kluk], galinha choca; [klɔk], relógio.

b) [kluts], monte (de feijão); [klɔts], pedaço grosso de madeira.

c) [frux], mulher; [ˈfrɔxə], perguntar.

d) [du], você; [dɔ], ali.

4.5.10 /i/ e /y/

a) [vitʰ], branco; [vynt], vento.

b) [diʃ], mesa; [dyʃ], bêbado.

4.5.11 /e/ e /ø/

a) [ˈleɪj], deitar; [løɪ], gente, pessoa.

b) [hɛɪ], chifre; [ˈhøɪɻ], pulga.

4.5.12 /a/ e /a:/

- a) [ˈhaxd], duro; [ˈhaxk], rastelo.
 b) [ˈgaʊd], bom; [ga:ʊ], dádiva, presente, oferta.

4.5.13 /ɛ/ e /ɛ:/

- a) [ˈkɛtɚʃ], cócegas; [ˈkɛ:tɚʃ], panela, caldeirão.
 b) [kɛʃ], concha; [kɛ:tʃ], garganta.
 c) [bɛr], cama; [bɛ:r], urso.
 d) [fɛʃ], pele; [fɛ:tʃ], muito.

4.5.14 /ɔ/ e /ɔ:/

- a) [jɔ], sim; [jɔ:], ano.

4.5.15 /i/ e /i:/

- a) [ˈbitɚ], amargo; [bi:tɚ], morder.
 b) [dik], gordo; [di:k], dique, tanque de peixes.
 c) [ˈhinɚ], galinhas; [ˈhi:nɚ], atrás de.

4.5.16 /u/ e /u:/

- a) [fuʃ], podre; [fu:tʃ], cheio.
 b) [dun], aí, então; [du:n], pluma, penugem.
 c) [muʃ], gamela/tramela; [mu:tʃ], boca.

4.5.17 /y/ e /y:/

- a) [syn], sol; [sy:n], pecado.
 b) [dyn], fino, miúdo; [dy:ɐ], caro, precioso.

4.5.18 /u:/ e /y:/

- a) [du:f], pomba; [dy:vɚʃ], diabo.

4.6 Distribuição complementar

As vogais a seguir estão em distribuição complementar:

4.6.1 [e] e [ɛ] – A vogal [e] vem sempre sucedida de [ɪ] ou diante de uma consoante nasal, enquanto a vogal [ɛ] ocorre nos demais ambientes e quando forma o ditongo [ɛɪ] está seguida da vogal [a] ou da fricativa [ç].

[ˈeɪp^hɪ] - aipim

[leɪç] - oco, vazio

[ˈk^heɪlɐ] - homens

[mɛɫ] - trigo

[ˈɛ̃nɛɫ] - anjo

[ˈtrɛkɐ] - puxar

[ˈɛ̃nt] - pato

[rɛɪa] - costas

Então,

$$/ɛ/ \rightarrow \begin{cases} [e]/ \text{ ___ } [\text{ɪ}] \text{ e/ou Nasal} \\ [ɛ]/ \text{ ___ } [\text{ɪ}] + [a, \text{ç}] \\ [ɛ]/ \text{ NDA} \end{cases}$$

4.6.2 [œ] e [ø] - A vogal média-alta anterior arredondada [ø] também ocorre sempre sucedida da vogal [ɪ], enquanto a vogal média-baixa anterior arredondada [æ] ocorre nos demais ambientes.

[hœɫ] - inferno

[brøɪç] - ponte

[eɪˈflœxt] - fazer trança

[afˈdrøɪa] - enxugar

[tɛ̃naˈbœst] - escova de dente

[drøɪç] - seco

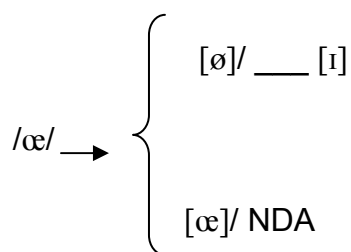
[dœst] - ter sede

[ˈdrøɪmɐ] - sonhar

[frœm] - estranho, desconhecido

[fløɪa] - pulga

Assim,



4.7 Processos de nasalização

Nos dados coletados do pomerano não encontramos indícios de que existam vogais nasais e sim processos em que há nasalização da vogal seguida por um elemento nasal consonântico ocorrendo, assim, uma assimilação do traço de nasalidade, o mesmo ocorre com a língua portuguesa, conforme afirma Mattoso Câmara (2002, p. 59): “A nasalidade pura da vogal não existe, aliás, fonologicamente, porque por meio dela não se cria oposição em português entre vogal pura envolvida de nasalidade e vogal seguida de consoante nasal posvocálica”.

Na língua de imigração pomerana pode haver nasalização ou não diante de um elemento consonântico nasal, conforme podemos observar nos processos a seguir:

A nasalização das vogais não ocorre quando estas estiverem diante da consoante nasal bilabial [m] em coda simples ou em ditongos [ai] diante de trava silábica nasal. Esse processo refere-se às vogais anteriores e central.

[im̩]- abelha

[va:m] - calor

[ˈymfɔt̩] - abraçar

[ˈam] - um

[a:m] - braço

[kʰlam] - pequeno

Em contrapartida, as vogais, em geral, assimilam o traço de nasalidade da consoante nasal seguinte, geralmente uma nasal alveolar [n], uma nasal velar

[ŋ] e vogais posteriores diante da nasal bilabial [m], tanto em coda simples quanto complexa.

[sãnt] - areia	[ˈkʰã̃n] - bule
[ˈkʰõ̃nz] - abóbora	[ˈkuxã̃n] - bolo
[ˈbẽĩŋk] - banco de sentar	[tʰẽ:n] - dente
[hũnt] - cachorro	[hõ̃n] - galo
[õ:mz] - de tarde	[lã̃ŋ] - cobra

Percebemos, nos casos abaixo, que não houve nasalização das vogais, as quais estão em sílabas diferentes do elemento nasal. Assim, há indícios que a vogal baixa central [a] tônica diante da nasal bilabial [m] precedida do ditongo [ai] não assimila o traço de nasalidade; o mesmo ocorre com os ditongos [ei] e [ou] diante da nasal alveolar [n] também em sílaba tônica e, por fim, a vogal média-alta posterior arredondada [o] em sílaba pretônica também não assimila a nasalidade da consoante nasal alveolar [n] seguida do ditongo [ai].

[ˈamais] - formiga	[ˈboũnɐ] - feijão
[ˈveiniç] - poucos	[voˈnai] - quando

Por outro lado, as vogais tornam-se nasalizadas em sílabas diferentes quando não há a presença de ditongos antes ou depois do elemento nasal, seja em sílaba tônica ou átona.

[ˈẽ̃nɛt] - anjo	[kʰõ̃maˈse:] - vem cá
[ˈẽ̃mɐ] - balde	[faˈbriẽ̃nɐ] - queimar
[ˈsĩ̃jɐ] - cantar	[ˈdã̃mɐ] - tripas

4.8 Vogais anteriores arredondadas

O falante mais jovem apresenta um processo que pode indicar uma tendência entre os mais jovens ou influência da língua portuguesa, sendo, portanto, outro fato a ser investigado futuramente. As vogais anteriores arredondadas tornam-se não-arredondadas em várias palavras pronunciadas por MFJ. Ex.:

[ˈkʲɛnzə] ~ [ˈkʰɛnz] - abóbora

[tiʃ] ~ [dyʃ] - bêbado, tonto

[ˈflixtə] ~ [ˈflyxtə] - asa

[mits] ~ [myts] - boné

[ˈfleɪdə] ~ [ˈflɔɪdə] - assobiar

[ˈheɪrə] ~ [ˈhɔɪrə] - escutar

V ESTRUTURA SILÁBICA DO POMERANO

Segundo Mattoso Câmara (2002), é difícil definir a sílaba do ponto de vista fonético. Segundo ele,

Tem-se partido do efeito auditivo (sílabas sonora), da força expiratória (sílabas dinâmicas), do encadeamento articulatorio na produção contínua dos sons vocais (sílabas articulatórias), da tensão muscular durante essa série de articulações (sílabas intensivas) ou do jogo da musculatura peitoral.

Dessa forma, o autor ressalta o movimento de ascensão que é o ápice da sílaba, o centro silábico, seguido de um movimento decrescente. Assim, a vogal funciona como o centro silábico, pois é o som mais sonoro, possui maior força expiratória, tem articulação mais aberta e tensão muscular mais firme. Entretanto, as consoantes soantes não estão excluídas dessa posição central da sílaba.

A estrutura da sílaba pode ser resumida possuindo um acento, um centro e um declive, resultando nos seguintes tipos silábicos: sílaba simples, constituída por uma V (vogal); sílaba complexa crescente, CV (consoante e vogal); sílaba complexa crescente-decrescente, como VC. Além disso, há a sílaba aberta ou livre, isto é, não possui um elemento após o núcleo, como em V e CV; e a sílaba fechada ou travada, a qual possui um elemento após o núcleo, como em VC e CVC (MATTOSO CÂMARA, 2002).

A sílaba, segundo Cagliari (2009),

É o resultado de movimentos musculares, quando os músculos da respiração modificam o processo respiratório adaptando-o ao processo da fala. Como consequência, o ar dos pulmões não sai em fluxo contínuo e pressão constante, mas em pequenos jatos que formam o suporte sobre o qual se montam os outros parâmetros da fala. A sílaba seria, portanto, o primeiro parâmetro articulatorio a ser ativado e nenhum enunciado poderia, em princípio, ser pronunciado sem que fosse, no início, montado sobre sílabas. A segmentação da fala em sílabas seria, então, guiada por uma sensação cinestésica da ação dos músculos da respiração.

Segundo Collischon (1999), a teoria métrica da sílaba, formulada por Selkirk (1982), baseada nas propostas de Pike e Pike (1947) e Fudge (1969), propõe

que a sílaba possui um ataque (A), posição ocupada por consoantes, e uma rima (R), a qual consiste em um núcleo (Nu), constituído por vogal, e uma coda (Co), que pode ser preenchida por semivogal ou consoante. O ataque e a coda podem ser vazios. Tanto o ataque quanto a coda podem ser complexos, quando estes apresentarem mais de um elemento.

Segundo Wetzels (1995),

As línguas possuem, com frequência, restrições relativas à estrutura silábica. Muitas línguas, por exemplo, colocam restrições específicas quanto à quantidade de posições segmentais que podem ser preenchidas na rima silábica (núcleo + coda), no onset ou na coda. Da mesma forma, podem existir limitações referentes à natureza dos segmentos possíveis de ocorrer no onset, no núcleo ou na coda.

5.1 Descrição dos tipos silábicos do pomerano

As estruturas silábicas do pomerano podem ser definidas em dezenove tipos, em que a menor estrutura abrange somente uma vogal (V) e as mais complexas possuem tanto o ataque quanto a coda complexas (CCVGCC⁴) ou um ataque complexo com três elementos consonantais (CCCVG). Dessa forma, esses padrões podem ser resumidos pelo padrão geral: (C) (C) (C) V (G) (C) (C), o que significa que os ataques e as codas são facultativos. Abaixo, apresentamos alguns exemplos dos tipos silábicos encontrados no corpus recolhido:

5.1.1 V – [’**ɛ**.ta], comer; [’**ẽ**.ma], balde; [’**u**.na], embaixo; [’**a**.ma**is**], formiga.

5.1.2 VG – [**ɛ**ɪ], terra; [**u**ɪ.va], barranco; [**ɛ**ɪ. p^hɪ], aipim.

5.1.3 CV – [**d**ɔ], ali; [**nu**:], agora; [**g**ɔ], andar; [’vɔ.ta], água.

5.1.4 VC – [**a**:m], braço; [**i**m], abelha; [**ym**.fɔ.ta], abraçar; [’**am**.bi.na], amarrar.

5.1.5 VCC – [**ẽnt**], pato; [**õmz**], à tarde; [**ɛdn**], alimento; [**ezt**], burro.

⁴ Para descrever a estrutura silábica utilizamos C para designar as consoantes, V para vogal e G para glide ou semivogal.

- 5.1.6 VGCC – [oust], nosso; [arst], primeiro.
- 5.1.7 CVG – [sau], sapato; [dɔɪ], porta; [k^hau], vaca.
- 5.1.8 CVC – [dum], bobo; [taʃ], bolsa; [lɔx], buraco; [tas], xícara.
- 5.1.9 CVGC – [leɪx], vazio; [tɔuf], pomba.
- 5.1.10 CVCC – [runt], redondo; [zult], sal; [hals], garganta; [k^hɛdt],
panela.
- 5.1.11 CVGCC – [liets], último; [buɔst], peito; [miɛtk], leite; [t^hɛtɕ], galho.
- 5.1.12 CCV – [dra], três; [ʰk^hɔɔ.tsa], vomitar; [ʰtre.giɕ], sujo; [ʰpla.ra],
miado.
- 5.1.13 CCVG – [ʰgrou.da], grande; [ʃtai], pedra; [ʰbrau.ra], irmão;
[ʰflɔɪ.ta], assobiar.
- 5.1.14 CCVC – [klɔk], relógio; [flus], rio; [k^hrik], rodo; [ʃtɔf], poeira;
[ʃpiɕ], saliva.
- 5.1.15 CCVGC – [plaut], sangue; [broud], pão; [k^hlam], pequeno.
- 5.1.16 CCVCC – [plats], pátio; [ʃrɔbm], raspar; [kraŋk], doente.
- 5.1.17 CCVGCC – [hi.ʰdremk], bebida alcoólica.
- 5.1.18 CCCVC – [ʃtrɔp], caminho.
- 5.1.19 CCCVG – [ʰstrou.zɛt], colchão.

O sistema fonológico dessa língua de imigração impõe algumas restrições quanto a constituição das sílabas:

a) O núcleo da sílaba será sempre constituído pelas vogais /a, a:, œ, ε, ɛ:, ɔ, ɔ:, o, y, y:, i, i:, u, u:/, conforme os exemplos: [ʰa.mais], formiga; [a:m], braço; [ʰk^hœnz], abóbora; [ʰɛ.tɐ], comer; [fɛ:t], muito; [klɔk], relógio; [jɔ:], ano; [koʃ], repolho; [myts], boné; [sy:n], pecado; [dik], gordo; [bitɐ], morder; [fuʃ], podre; e [fu:t], cheio.

b) A primeira posição do ataque silábico é constituída pelas consoantes /p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, x, tʃ, r, m, n, ɲ, l, j/: [ˈpʊx], sapo; [bʊst], peito; [taʃ], bolsa; [dɔ], ali; [kʰaʊ], vaca; [gɔ], andar; [ˈfɔtɐ], avô; [ˈvɔ.tɐ], água; [ˈsitɐ], sentar; [zuɦt], sal; [ʃaʊ], sapato; [ˈhɔkɐ], cabide; [uɦtˈrutʃɐ], deslizar; [runt], redondo; [mɪɛɦk], leite; [nu:], agora; [ˈɛɲɔɦt], anjo; [lɪɛts], último; [jɔ], sim.

c) O ataque complexo com dois elementos consonantais é ocupado pelas consoantes oclusivas /p, b, t, d, k, g/ e pelas fricativas /f, ʃ/ em primeira posição, conforme podemos observar nos exemplos: [ˈpla.rɐ], miado; [ˈbraʊ.rɐ], irmão; [ˈtrɛ.giç], sujo; [hi.ˈdrɛɦk], bebida alcoólica; [klɔk], relógio; [ˈgrɔʊ.dɐ], grande; [ˈflɔɪ.tɐ], assobiar; e [ʃtɔf], poeira. As restrições para a combinação das consoantes do ataque complexo serão descritas adiante.

d) O ataque complexo com três consoantes será sempre constituído pela fricativa pós-alveolar surda /ʃ/ em posição inicial, conforme os exemplos em 18 e 19 ([ʃtrɔp], caminho e [ˈʃtrɔʊ.zɛɦt], colchão).

e) Em coda simples (como CVC, VC) ocorrem as oclusivas /p, b, t, d, k, g/, as fricativas /f, v, s, z, ʃ, x/, a africada /tʃ/, as nasais /m, n/ e a lateral /l/: [ɔp], macaco; [lu:b], janela de madeira; [plauɦt], sangue; [brɔʊd], pão; [kʰriɦk], rodo; [u:g], estômago; [tɔʊf], pomba; [ʃruv], parafuso; [tas], xícara; [õmz], escuro; [taʃ], bolsa; [lɔx], buraco; [pitʃ], chicote; [a:m], braço; [kʰlaɦn], pequeno; [fu:ɦt], cheio.

d) Em coda complexa (por exemplo, CVCC) ocorrem as oclusivas /t, d, k/, as fricativas /s, z, x/, as nasais alveolar /m, n/ e a lateral /l/, conforme os exemplos: [ɛɦt], pato; [hãɦd], mão; [mɪɛɦk], leite; [ɦaɦs], garganta; [õmz], à tarde; [tʰɪɦtç], galho; [ʃrɔbɦm], raspar; [ɛɦn], alimento; e [ɛzɦt], burro. As restrições de combinação dos elementos consonantais em coda complexa serão descritas posteriormente.

Pelo esquema arbóreo, podemos visualizar de forma mais precisa os princípios acima representados. Vale ressaltar que a combinação dos

elementos consonantais presentes nas posições de ataque e coda complexos será descrita logo abaixo da figura.

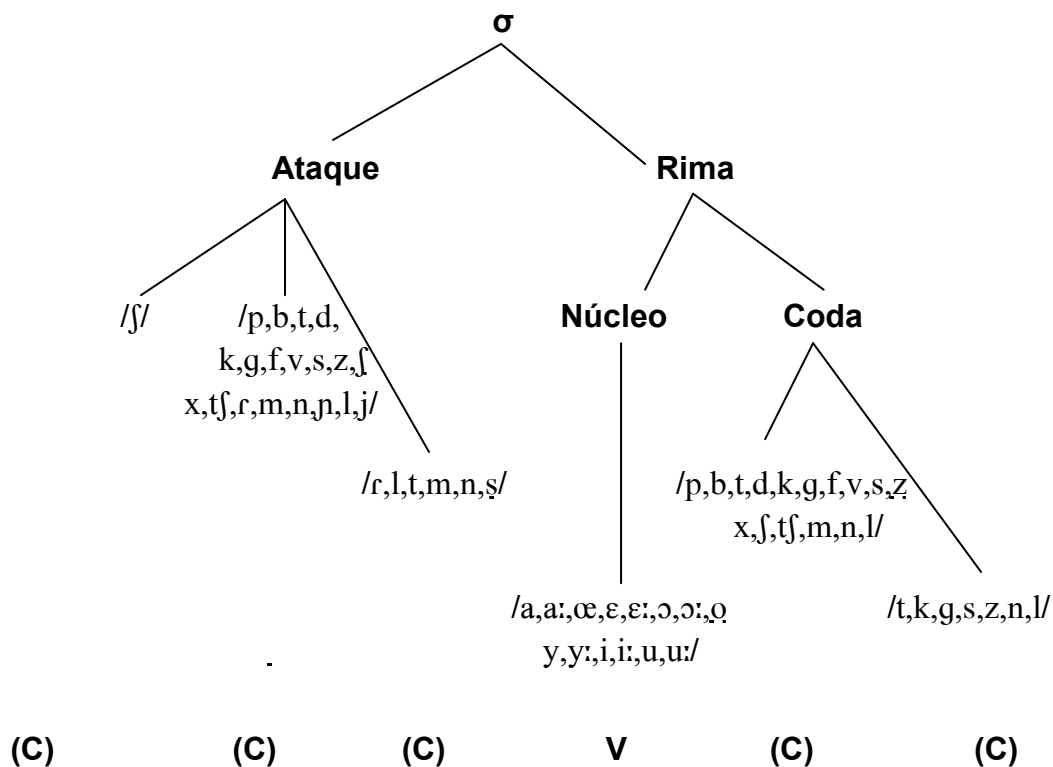


Figura 12: Esquema arbóreo da estrutura silábica do pomerano

Esses padrões silábicos apresentam restrições particulares. O padrão V será sempre constituído por vogais /a, aɪ, æ, ε, εɪ, ɔ, ɔɪ, o, y, yɪ, i, iɪ, u, uɪ/ e o padrão VG, pelas vogais seguidas pelos glides /r, ʃ/.

[a.maɪs] - formiga

[ɛ.ɲet] - anjo

[rɛɪ.a] - chuva

[ɔ.vɛ] - forno

[ɛ.tɛ] - comer

[u.nɛ] - embaixo

O padrão CV(G), o mais recorrente, é constituído pelas consoantes /p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, x, tʃ, r, m, n, ɲ, l, j/ na posição do ataque e o núcleo é formado pelas vogais.

[pu.sɛ] - beijo

[bu.lɛ] - boi

[tau] - fechado	[ˈhɔ.kɐ] - cabide
[dɔ:] - ali	[uʔt.ˈru.tʃɐ] - deslizar
[ˈka.fɐ] - café	[ˈrɛ.rɐ] - falar
[gɔ:] - andar	[ˈmu.tɐ] - avó
[ˈfɔ.tɐ] - pai	[ˈna.kɐ] - costas
[ˈvɔ.tɐ] - água	[ˈbri.jɐ] - trazer
[su.ˈfleɪ.tɐ] - assobiar	[ˈla.fɐ] - rir
[ˈzu.ɣãɲ] - chupar	[jɔ:] - ano
[ʃau] - sapato	

A sílaba CCV é formada pelas consoantes /b, t, d, k, g, f, ʃ/ em primeira posição e o tepe alveolar /r/ em segunda posição. A lateral aproximante /l/ em segunda posição combina-se com /p, b, k, g, f, ʃ/ em primeira posição. Há, ainda, a combinação da fricativa pós-alveolar surda /ʃ/ com a oclusiva alveolar surda /t/, com a nasal bilabial /m/ e com a nasal alveolar /n/. A oclusiva velar surda /k/ combina-se com a nasal alveolar /n/ e com a fricativa alveolar surda. Por fim, a oclusiva bilabial surda /p/ combina-se com a fricativa alveolar surda /s/.

[ˈbrɔ.rɐ] - assar;	[blɔx] - azul;
[trɛxt] - pronto;	[klãm] - pequeno;
[drøɪ] - seco;	[glat] - liso;
[ˈkri.vɐ.li] - pensar;	[flaɪʃ] - carne;
[gras] - capim;	[ʃlɔ:] - bater;
[fruɪx] - mulher;	[up.ˈʃtɔ:] - levantar;
[ʃruv] - parafuso;	[ʃtaʊ] - cadeira;
[plats] - pátio;	[ʃmidɐ] - jogar;

[ʃnaps] - cachaça;

[ɛ:ks] - machado;

[ˈʃni.rɐ] - cortar;

[ˈʃu.psɐ] - empurrar.

[ˈknɔ.gɐ] - joelho;

O ataque complexo com três elementos consonantais (CCCV(G)) é constituído pela fricativa pós-alveolar surda /ʃ/ em primeira posição, pela oclusiva alveolar surda /t/ em segunda posição e pelo tepe alveolar /r/ em terceira posição, conforme podemos observar:

[ʃtrɔp] - caminho;

[ˈʃtrou.zak] - colchão.

A coda simples em que há um elemento consonantal após o núcleo ou glide (V(G)C) é constituída pelos fonemas /p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, x, ʃ, tʃ, m, n, l/.

[k^hɔp] - cabeça;

[ˈjei.zuz] - Jesus;

[vɔ:b] - estrela;

[blɔx] - azul;

[k^hat] - gato;

[eɪç] - ovo;

[groud] - grande;

[taʃ] - bolsa;

[buk] - barriga;

[pitʃ] - chicote;

[diɛg] - cobertor;

[blãm] - flor;

[lɛf] - vivo;

[klãm] - pequeno;

[ʃruv] - parafuso;

[ʃɪɫ] - casca.

[nɛs] - nariz;

O tipo silábico VCC que forma a coda complexa constitui-se da combinação dos seguintes fonemas consonantais: oclusiva bilabial surda e fricativa alveolar surda /ps/, oclusiva alveolar surda e fricativa alveolar surda /ts/, oclusiva alveolar sonora e nasal alveolar /dn/, oclusiva alveolar sonora e lateral aproximante alveolar /dl/, oclusiva velar surda e fricativa alveolar surda /ks/, fricativa alveolar surda e oclusiva alveolar surda /st/; fricativa alveolar sonora e lateral aproximante alveolar /zl/, fricativa labiodental surda e oclusiva alveolar

surda /ft/, fricativa velar surda e oclusiva alveolar surda /xt/, fricativa velar surda e aproximante lateral alveolar /xl/, nasal bilabial e fricativa alveolar sonora /mz/, nasal alveolar e oclusiva alveolar surda /nt/, nasal velar e as oclusivas velares [ŋk, ŋg], tepe alveolar e oclusiva velar surda /ɾk/ e, por fim, a lateral aproximante seguida de oclusiva alveolar surda ou oclusiva velar surda ou fricativa alveolar surda /lt, lk, ls/.

[ʃnaps] - cachaça	[nɔxt] - prego
[pits] - pouco	[õmz] - escuro
[ɛdn] - alimento	[sãnt] - areia
[ˈpʰɪɛdɫ] - galinha d'angola	[bẽɲk] - banco de sentar
[ɛ:ks] - machado	[lãŋg] - cobra
[niɛst] - choca	[jurk] - pepino
[ɛ:zt] - burro	[kuɫt] - frio
[hyft] - veneno	[miɛɫk] - leite
[trɛxt] - pronto	[hats] - pescoço.

Portanto, a combinação de elementos consonantais em ataque e coda complexos pode ser resumida pela tabela abaixo:

TABELA 6

Restrições para a combinação de elementos consonantais em ataque e coda complexos

Grupos de ataque	Coda complexa
/b,t,d,k,g,f,ʃ/ + /r/	/s,f,x,n/ + /t/
/p,b,k,g,f,ʃ/ + /l/	/ŋ,r,l/ + /k/
/p,k/ + /s/	/ŋ/ + /g/
/k,ʃ/ + /n/	/p,t,k,l/ + /s/
/ʃ/ + /m/	/m/ + /z/
/ʃ/ + /t/	/d,z,x/ + /l/
/ʃ/ + /t/ + /r/	/d/ + /n/

VI VOICE ONSET TIME (VOT)

Alguns falantes de pomerano aprendem a falar o português em idade escolar, como consequência as marcas da língua materna evidenciam-se na L2 como, por exemplo, o uso de fones surdos ao invés de sonoros tanto na oralidade quanto na escrita (cf. BENINCÁ, 2008; SCHAEFFER, 2010). Por isso, surge o interesse em verificar se há mesmo uma troca entre as consoantes plosivas através da medida de VOT (*Voice Onset Time*) que consiste em medir a oclusiva inicial da barra de explosão até o primeiro ciclo de formantes bem formados no intuito de verificar se há vozeamento antecedendo a plosão na língua pomerana, os índices de VOT entre falantes de pomeranos e comparar com falantes de português e traçar semelhanças e/ou diferenças entre os dois grupos de falantes (bilíngues em pomerano e português e monolíngues em português). Vale ressaltar que os sujeitos envolvidos nessa pesquisa não são os mesmos que participaram da coleta de dados para a descrição sonora do pomerano, pois aqui apresentaremos resultados de um estudo piloto desenvolvido anteriormente (cf. SCHAEFFER; MEIRELES, 2011).

O termo VOT foi cunhado por Lisker e Abramson (1964, apud Khattab, 2000, p. 95), os quais definem esse termo como “the time interval between the burst that marks release of the stop closure and the onset of quase-periodicity that reflects laryngeal vibration”.

Para Cho e Ladefoged (1999, p. 225), o VOT é definido pela diferença de tempo entre o início do gesto articulatorio responsável pela soltura da oclusão e o início do gesto laringal responsável pela vibração das pregas vocálicas. Segundo os autores, essa definição é um pouco diferente da definição fonética tradicional.

Sendo assim, a medida para o VOT é considerada da barra de explosão da oclusão até o início de vozeamento das vogais e o primeiro ciclo bem formado de formantes e é medida em milissegundos (ms).

As variações de VOT ocorrem pelos lugares de articulação. Segundo Cho e

Ladefoged (1999, p. 208), quanto mais posterior o fechamento, o VOT será mais longo; se a área de contato for mais estendida, o VOT também será mais longo; e se o movimento dos articuladores for rápido, o VOT será curto. Além disso, acrescentam-se algumas características fisiológicas/aerodinâmicas descritas pelos autores (1999, p. 213): a) O volume da cavidade atrás do ponto de constrição: o volume relativamente pequeno da cavidade supralaringal em oclusivas velares causa uma grande pressão, o que levará mais tempo para cair e permitir uma pressão transglotal adequada para o início da vibração das pregas vocálicas; b) o volume da cavidade em frente ao ponto de constrição: a massa relativamente grande do ar contido em frente às oclusivas velares causa uma maior obstrução à liberação da pressão atrás da oclusiva velar, então essa pressão demorará para cair resultando em um grande atraso na produção da pressão transglotal adequada; c) movimento dos articuladores: a rápida velocidade articulatória permite um rápido aumento na pressão atrás da oclusão e, assim, um tempo curto antes do aumento gradual da pressão transglotal apropriada; d) extensão da área de contato articulatória: a área de contato mais estendida em oclusivas dentais e velares resulta em uma soltura vagarosa, pois o efeito Bernoulli puxa os articuladores juntos. Portanto, os articuladores vêm separados mais vagarosamente havendo um tempo longo da pressão transglotal apropriada a ser produzida; e) mudança da área de abertura glotal (para oclusivas desvozeadas aspiradas): a área de abertura glotal depois da soltura de ar aumentará mais devagar para a oclusiva velar do que para a alveolar ou labial, porque a pressão intraoral cai mais devagar para a velar; e f) ajustamento temporal entre duração de fechamento e VOT: há um trade-off entre a duração da oclusão e o VOT para que haja uma duração fixa na abertura das pregas vocálicas.

As características de a até d se referem a oclusivas sem aspiração ou minimamente aspiradas e são baseadas no princípio geral da aerodinâmica que diz que objetos semelhantes, como as pregas vocálicas, vibrarão somente quando existir uma diferença de pressão e fluxo de ar suficiente entre elas. A característica e considera as oclusivas aspiradas e f considera tanto as aspiradas quanto as sem aspiração. Em e explica-se de forma indireta porque as vibrações das pregas vocálicas estão suprimidas até que a pressão

transglotal é alcançada, uma vez que a rigidez das paredes de ambas as pregas vocálicas e do trato vocal são mantidas até certo ponto após a soltura que, provavelmente, dificulta a vibração dessas pregas. Por fim, *f* explica melhor a variação das oclusivas aspiradas que depende de noções de tempo de fala mais do que qualquer aspecto do mecanismo aerodinâmico variando de acordo com diferentes lugares de articulação. (CHO & LADEFOGED, 1999, p. 214).

O VOT pode ser dividido em 3 categorias, segundo Lisker e Abramson, 1964 apud Bandeira, 2010, p. 48), sendo elas: a) oclusivas sonoras, em que há vozeamento antes da barra de explosão e VOT negativo de -125 a -75 ms (fig. 12); b) oclusivas surdas sem aspiração que possuem intervalo curto ou simultâneo e vozeamento simultâneo ou logo após a liberação da oclusão, com VOT zero de 0 a +25 ms (fig. 13); e c) oclusivas surdas com aspiração que possuem um intervalo longo entre a barra de explosão e o início do vozeamento (fig. 14).

Cho e Ladefoged (1999, p. 223) propõem quatro categorias fonéticas para as oclusivas surdas. A primeira refere-se às oclusivas sem aspiração, com VOT em torno de 30 ms; a segunda em torno de 50 ms para oclusivas pouco aspiradas, a terceira para oclusivas aspiradas em torno de 90 ms e, a última, para oclusivas altamente aspiradas, em torno de 100 ms.

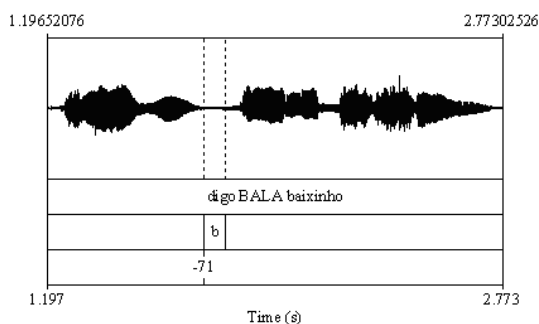


FIGURA 13 - VOT de oclusivas sonoras

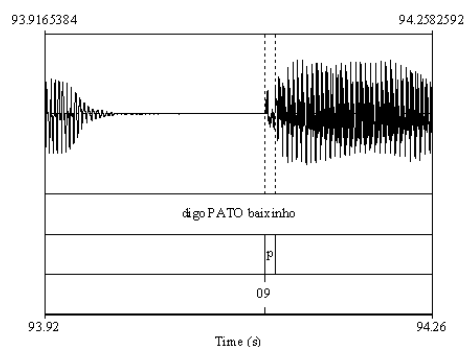


FIGURA 14 - VOT de oclusivas surdas sem aspiração

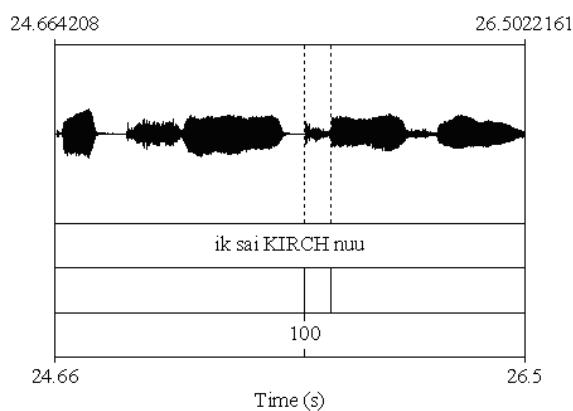


FIGURA 15 - VOT de oclusivas surdas com aspiração

6.1 Método

Os dados obtidos para a realização deste estudo foram coletados na comunidade rural de Rio das Pedras, Santa Leopoldina, Espírito Santo, uma região habitada por descendentes de pomeranos e de alemães, onde existem sujeitos bilíngues (pomerano-PB ou hunsrückisch-PB), multilíngues (pomerano-hunsrückisch-PB) e alguns monolíngues em português. Para a medida de VOT foram selecionados quatro sujeitos entre 15 a 25 anos, dois do gênero masculino e dois do gênero feminino em que todos são bilíngues em pomerano-português. Todos os falantes possuem o ensino fundamental completo, residem na região supracitada e trabalham com a agricultura.

A gravação dos dados foi feita na casa da pesquisadora, uma vez que um estúdio específico era distante e os sujeitos só tinham tempo para realizar as gravações à noite ou em finais de semana, já que precisavam trabalhar na agricultura durante o dia. As gravações foram realizadas com um gravador Handy Vídeo Recorder Q3, da ZOOM, versão 1.10 e os dados foram amostrados na frequência PCM 44.1 kHz 16 bits. As palavras-alvo foram gravadas em forma de figuras em um DVD e exibidas em um televisor de 29 polegadas por um reprodutor de DVD. O uso de figuras ao invés de uma leitura das palavras na frase em questão foi escolhido porque os descendentes de pomerano não são alfabetizados na L1, portanto não sabem ler nem escrever em sua língua materna e as figuras facilitam o entendimento dos sujeitos. Já a gravação em DVD ocorreu porque diminuía o ruído emitido pelo computador melhorando, assim, a qualidade de gravação.

O corpus foi constituído por palavras iniciadas pelas plosivas /p,b,t,d,k,g/ diante de diferentes vogais em posição tônica, na frase-veículo “Ik sai ____ nuu” (eu vejo ____ agora) em 5 repetições para cada palavra. As palavras-alvo para este experimento estão listadas conforme tabela:

TABELA 7
Palavras-alvo para a gravação de VOT

Palavra	Transcrição Fonética	Significado
Pak	[p ^h ak]	Paca
Pedel	[ˈpɛdɪ]	Galinha d’angola
Peir	[peiç]	Pêra
Peeper	[ˈpɛ:pə]	Pimenta
Pil	[piɫ]	Comprimido
Pol	[pɔɫ]	Cebola

Puss	[pus]	Beijo
Bair	[baɪ]	Perna
Ber	[bɛə]	Cama
Beera	[ˈbe:ɾə]	Rezar
Bijbel	[ˈbi:bʃ]	Bíblia
Bård	[bɔd]	Barba
Boter	[ˈbɔtə]	Manteiga
Buuk	[bu:k]	Barriga
Bula	[ˈbulə]	Touro
Tasch	[taʃ]	Bolsa
Tään	[tɛ:n]	Dente
Telg	[ˈtɛlç]	Galho
Tijger	[ˈti:çə]	Onça
Twai	[tuai]	Dois
Dag	[dax]	Dia
Dek	[dɛk]	Cobertor
Disch	[diʃ]	Mesa
Doir	[dɔɪ]	Porta

Duuw	[du:f]	Pomba
Düüwel	[ˈdy:vəʔ]	Diabo
Kafa	[ˈkafə]	Café
Kel	[kɛʔ]	Concha
Keetel	[ˈkɛ:təʔ]	Panela
Käis	[kɛɪs]	Queijo
Kirch	[ki:ç]	Igreja
Körns	[kœnz]	Abóbora
Kool	[kɔ:ʔ]	Carvão
Koiken	[ˈkɔ:ikə]	Cozinha
Küül	[ky:ʔ]	Coxa (de galinha)
Kul	[kuʔ]	Frio
Küssa	[ˈkysə]	Travesseiro
Gas	[gaz]	Gás
God	[gɔd]	Deus
Guld	[guʔd]	Ouro

Esses dados foram analisados acusticamente através do software Praat, versão 5.2.01 em que o VOT das plosivas foi medido da sua barra de explosão até o início de vozeamento e o primeiro ciclo bem formado de formantes.

O tratamento estatístico foi baseado em uma análise de variância de dois fatores (2-way ANOVA) através do programa R. A duração em milissegundos constitui a variável dependente e as variáveis independentes correspondem aos a) diferentes fonemas /p,b,t,d,k,g/ e b) ao gênero (feminino e masculino).

6.2 Resultados

As médias das produções de VOT podem ser observadas conforme a tabela abaixo⁵.

TABELA 8

Comparação entre as médias de VOT produzidas em milissegundos entre PM (palavras em pomerano), PB (palavras em português brasileiro produzidas por monolíngues e PBB (palavras em português brasileiro produzidas por bilíngues)

PLOSIVA	/p/			/t/			/k/			/b/			/d/			/g/		
	PM	PB	PBB	PM	PB	PBB	PM	PB	PBB	PM	PB	PBB	PM	PB	PBB	PM	PB	PBB
VOT	63	16	35	67	20	32	90	38	49	-31	-56	-25	-21	-50	-24	21	-37	-2

Ao compararmos as médias de VOT do pomerano com as do português brasileiro, vemos que nas oclusivas surdas do pomerano há aspiração com VOT de 63 ms, 67 ms e 90 ms para /p, t, k/, respectivamente, bem acima da média de VOT do português brasileiro para as mesmas oclusivas: 16 ms, 20 ms e 38 ms, respectivamente. Ao observar as médias das oclusivas surdas das palavras em português brasileiro produzidas por falantes de pomerano, poderemos notar que os índices de VOT são mais altos do que os de português e mais baixos do que os do pomerano, os quais não chegam a ser aspirados. No pomerano, entre as oclusivas vozeadas, a bilabial e a dental apresentaram VOT com vozeamento antes da barra de explosão com médias de -31 ms e -21 ms, respectivamente, enquanto no português essas mesmas oclusivas apresentam VOT de -56 ms e -50 ms, respectivamente. Já a velar do pomerano apresentou uma média de VOT positivo, 21 ms, enquanto a do português é de -37 ms. Nas palavras em português produzidas por bilíngues,

⁵ As médias de VOT do Português Brasileiro e do Português Brasileiro falado por Bilíngues foram obtidas por Schaeffer e Meireles (2011) com falantes do PB e do pomerano da região de Santa Leopoldina, ES.

nota-se que há vozeamento entre as oclusivas sonoras: /b/, -25 ms; /d/, -24 ms; e /g/, -2 ms. Contudo, mesmo havendo vozeamento notamos que essas médias são a metade ou mais do que vimos nas médias das oclusivas sonoras do português brasileiro, isso significa que, auditivamente, um falante nativo de português brasileiro ouça as oclusivas vozeadas do pomerano como sendo desvozeadas, já que o valor de VOT das oclusivas vozeadas do pomerano aproxima-se das médias de VOT das oclusivas surdas do português brasileiro. Esses resultados podem ajudar a explicar algumas dificuldades enfrentadas por descendentes de pomerano em idade escolar, os quais parecem dizer [pa'tatɐ] ou [ˈpɔlɐ] ao invés de [ba'tatɐ] e [ˈbɔlɐ], respectivamente. Na verdade, um falante de português ouve esses fonemas como desvozeados, enquanto, na verdade, para o falante de pomerano a reprodução desses fonemas é com vozeamento, os quais possuem um VOT próximo ao VOT das oclusivas surdas do português brasileiro. Assim, numa tentativa de acertar esses fonemas oclusivos na escrita, o falante de pomerano recorre à hipercorreção e escreve 'pola', 'patata', 'cato' ao invés de 'bola', 'batata' e 'gato' (cf. Benincá, 2008 e Schaeffer, 2010a).

Ressalta-se que as médias para as palavras pronunciadas em pomerano foram obtidas incluindo todas as palavras gravadas em diferentes contextos vocálicos, conforme podemos observar na tabela 8, enquanto as médias referentes às palavras pronunciadas em português brasileiro, tanto por monolíngues quanto por bilíngues, estão em um único contexto vocálico, diante da vogal baixa central não arredondada /a/.

TABELA 9
Médias de VOT produzidas em milissegundos entre diferentes oclusivas em diferentes contextos vocálicos

	/p/	/t/	/k/	/b/	/d/	/g/
[i]	72,2	—	99,85	—	-7,7	—
[i:]	—	69,15	—	-36,2	—	—

[y]	—	—	73,84	—	—	—
[y:]	—	—	82,55	—	-38,75	—
[u]	71,95	65,1	101,57	-35,05	—	25,6
[u:]	—	—	—	-34,75	-39,53	—
[e]	47,05	60,5	77,63	—	—	—
[œ]	—	—	78,65	—	—	—
[ɛ]	51	66,52	98,15	-42,8	5,6	—
[ɛ:]	56,21	—	83,4	-36,1	—	—
[ɔ]	80,1	—	99,3	-7,3	-44,57	31,65
[ɔ:]	—	—	93,55	-23	—	—
[a]	61,25	74,4	98,05	-32,79	-9,4	7,15

Como podemos observar, neste estudo piloto não foi possível gravar palavras diante de todas as vogais apresentadas pelo pomerano para cada oclusiva /p, b, t, d, k, g/, até porque quando as gravações foram feitas, ainda não tínhamos a descrição do sistema vocálico do pomerano. Por isso, não testamos estatisticamente a significância do contexto vocálico para a produção das oclusivas, mas almejamos desenvolver melhor esse estudo futuramente, dada a importância do mesmo para explicar melhor a pronúncia das plosivas por descendentes de pomeranos, o que pode auxiliar professores que lidam com o público em questão.

6.3 Interação entre as diferentes oclusivas

O teste estatístico 2-Way ANOVA para a variável independente relacionada aos diferentes fonemas oclusivos ($F_{0,05;5;754} = 367.2338 > p > 2.2e-16$)⁶ indica variabilidade significativa entre as oclusivas do pomerano.

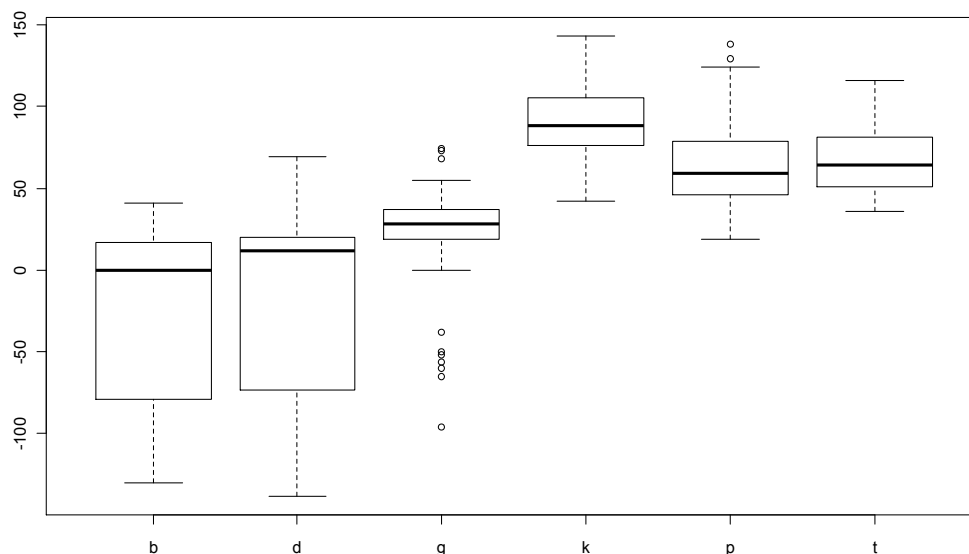


FIGURA 16 – Duração do VOT das oclusivas do pomerano

A figura indica que as oclusivas sonoras possuem VOT médio bem próximo a 0 ms, conforme observamos nas linhas medianas em que a oclusiva bilabial possui VOT mais baixo, seguido da oclusiva alveolar e a oclusiva velar apresenta média de VOT com valor positivo, o que indica que essas oclusivas sonoras são auditivamente próximas às oclusivas surdas do português brasileiro. Em relação as oclusivas surdas, observamos que possuem aspiração por estarem acima de 50 ms, como é o caso da oclusiva bilabial e alveolar surdas, enquanto a oclusiva velar surda possui aspiração mais forte, pois a média de VOT está próxima a 100 ms.

⁶ A notação matemática significa: o primeiro número (0,05) é o valor de alfa. O segundo valor é calculado entre os grupos, nesse caso 6-1, número total de fonemas - 1; o terceiro valor indica o total de tokens - o número de grupos (entre grupos), ou seja, 800 tokens - 6 que é o grupo de fonemas oclusivos; o resultado é o valor de F e o último, o valor de p que se for menor do que 0,05 é estatisticamente significativo.

Ao compararmos os diferentes VOTs dos fonemas do pomerano através do teste *post-hoc* de TukeyHSD que indica as semelhanças e as diferenças entre as oclusivas do pomerano (cf. tabela 09).

TABELA 10
Teste Post hoc de Tukey HSD para os fonemas oclusivos

Fonemas	P ($\alpha = 0,05$)	Fonemas	P ($\alpha = 0,05$)
d - b	0,23	t - d	10^{-7}
g - b	10^{-7}	k - d	10^{-7}
k - b	10^{-7}	p - g	10^{-7}
p - b	10^{-7}	t - g	10^{-7}
t - b	10^{-7}	p - k	10^{-7}
g - d	10^{-7}	t - k	14^{-5}
k - d	10^{-7}	t - p	0,93
p - d	10^{-7}		

O teste post hoc de Tukey HSD nos mostra que as oclusivas bilabiais e alveolares possuem a média de VOT com valor próximo, o que indica que /d, b/ e /t, p/ ($p > 0,05$) apresentam maior similaridade do que os outros grupos ($p < 0,05$) que são estatisticamente distintos em relação a média de VOT apresentada.

6.4 Interação entre as diferentes oclusivas e o gênero

Para a variável independente gênero, o teste estatístico ($F_{0,05;1;798} = 14.4846 > p > 0.0001538$) mostra que há variabilidade entre homens e mulheres. Observa-se que os homens utilizam maior vozeamento entre as oclusivas

vozeadas do que as mulheres, enquanto estas usam maior aspiração entre as oclusivas desvozeadas (cf. figura 16). Vale ressaltar que essa interação é referente somente as oclusivas pomeranas.

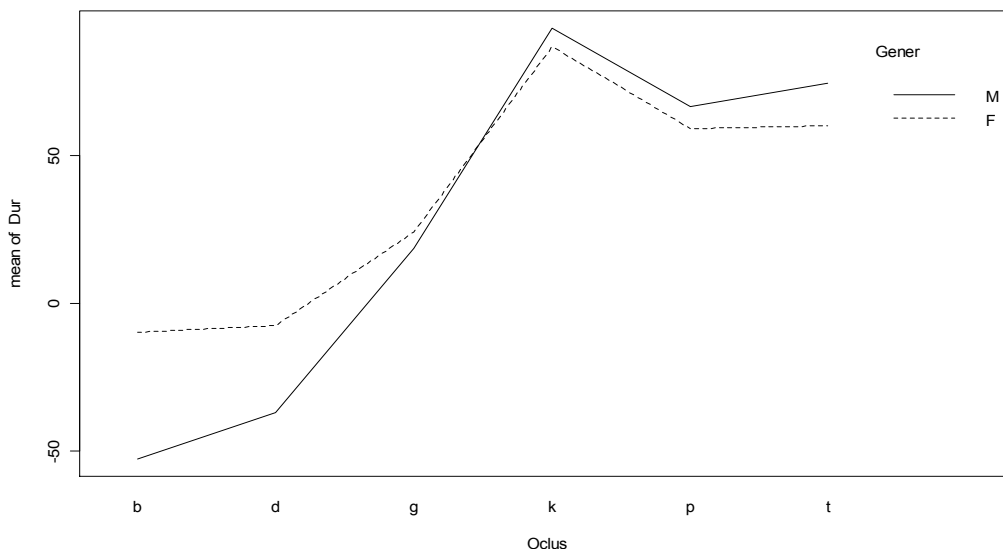


FIGURA 17 – Interação entre as diferentes oclusivas e o gênero

Percebemos que tanto os diferentes fonemas oclusivos quanto o gênero possuem variabilidade significativa nas palavras-alvo gravadas neste estudo. É necessário que este trabalho seja ampliado com palavras em todos os ambientes vocálicos descritos na tabela 8 e com um número maior de falantes e em diferentes faixas etárias para observar se as diferentes vogais influenciam as médias de VOT e se há diferenças dessas médias em diferentes idades.

Em relação à variabilidade entre os diferentes grupos mostrados na tabela 7, Schaeffer e Meireles (2011) afirmam que o grupo PM (palavras em pomerano) apresenta médias de VOT maiores do que os demais. O grupo PBB (palavras em português brasileiro produzidas por falantes de pomerano) apresenta mediana maior do que o grupo PP (palavras em português brasileiro produzidas por monolíngues) e menor do que o grupo PM, conforme podemos observar na figura 17.

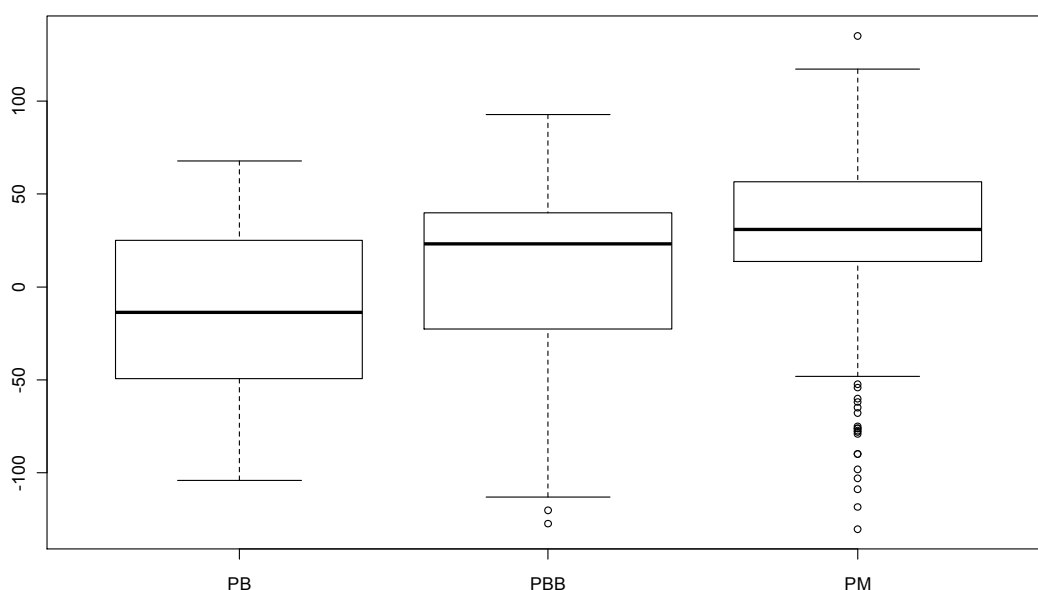


FIGURA 18 – Médias de VOT entre os diferentes grupos de falantes (SCHAEFFER E MEIRELES, 2011)

Sendo assim, estatisticamente, esses três grupos apresentam variabilidade significativa conforme podemos observar no resultado do teste post hoc de Tukey HSD. Entre os grupos PBB e PB, $p= 0e+00$; entre PM e PB, $p= 0e+00$; por fim, entre PM e PBB, $p= 9e-07$; observa-se, portanto, que entre os grupos há distinção significativa ($p<0,05$) entre as médias de VOT obtidas.

Os resultados desse experimento mostram que as médias de VOT das oclusivas do pomerano, do português brasileiro pronunciado por bilíngues e do português brasileiro pronunciado por monolíngues apresentam variabilidade significativa (SCHAEFFER E MEIRELES, 2011). Observamos que no pomerano há vozeamento entre as plosivas, porém a média de VOT dessas consoantes sonoras aproxima-se da média do VOT das oclusivas surdas do português brasileiro, tornando-as similares ao ouvido de um falante de português. Sendo assim, o falante de pomerano, ao falar o português, produz o vozeamento das consoantes oclusivas, mas como os valores médios de VOT são próximos aos das consoantes oclusivas surdas do português, o falante monolíngue as interpreta como sendo surdas e, como consequência, afirma que há troca entre oclusivas sonoras por surdas entre os falantes de

pomerano. Por fim, pretendemos ampliar esse experimento em trabalhos futuros testando o contexto vocálico e diferentes faixas etárias, a fim de observar se há variabilidade significativa, bem como ampliar o número de sujeitos da pesquisa para uma discussão mais detalhada sobre o assunto.

VII CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo descrever o sistema fonético e fonológico da língua de imigração pomerana recorrendo aos pressupostos teóricos da fonêmica, proposta por Pike (1947). Contudo, ainda há muitas questões a serem resolvidas no que se refere à organização do sistema sonoro dessa língua tendo em vista a complexidade da mesma. Sendo assim, trabalhos futuros poderão auxiliar e refinar este trabalho que apresenta um início para a descrição da língua pomerana.

Conforme vimos, os dados linguísticos que formaram o corpus dessa pesquisa foram obtidos junto a falantes de pomerano (bilíngues e uma monolíngue) residentes no município de Santa Leopoldina, ES. A coleta do corpus ocorreu em duas etapas: a primeira com uma lista de 600 palavras junto com os três falantes bilíngues, mas foi insuficiente para a descrição fonológica, sendo necessário fazer uma nova lista de 190 palavras e mais uma coleta, dessa vez, com a falante monolíngue e uma bilíngue.

O inventário fonético foi descrito no capítulo III composto por 29 fones consonantais e 23 fones vocálicos. A partir da formação de pares mínimos e análogos chegamos a 19 fonemas consonantais e 14 fonemas vocálicos. Entretanto, é possível retomar essa análise com outro modelo fonológico mais dinâmico, no intuito de observar novas regras fonológicas.

A estrutura silábica do pomerano apresentada no capítulo V é formada por 19 tipos diferentes de sílabas organizadas por ataque e coda simples e complexo. Percebemos que há dois ataques complexos formados com três consoantes, sendo a primeira sempre uma fricativa alveopalatal surda [ʃ].

Por fim, realizamos uma análise acústica do VOT (Voice Onset Time), medido em milissegundos da barra de explosão até o início da vogal das oclusivas surdas e sonoras do pomerano. Essa análise foi feita na tentativa de explicar o motivo da troca de fonemas sonoros por surdos por muitas crianças bilíngues (pomerano – português) ao falar o português brasileiro, como a realização de [pa'tata] ao invés de [ba'tata]. Chegamos à conclusão de que essas crianças

realizam uma oclusiva sonora, porém um falante de português brasileiro ouve como uma oclusiva surda. Isso pode ser explicado porque o VOT dos fonemas sonoros do pomerano possui uma média próxima ao VOT dos fonemas surdos do português brasileiro. Enquanto as oclusivas surdas são, geralmente, aspiradas e possuem um VOT médio bem acima das oclusivas surdas do português brasileiro. Entretanto, seria interessante ampliar o número de palavras-alvo da pesquisa, as quais estariam diante de todos os ambientes vocálicos propostos na tabela 9, p. 84. Além disso, aumentar o número de informantes e em diferentes faixas etárias no intuito de observar se esses fatores (ambientes vocálicos e idade) apresentam variabilidade significativa na média do VOT das oclusivas do pomerano.

Para uma descrição mais completa do pomerano ainda é preciso pesquisar o acento e o ritmo dessa língua de imigração. Enfim, há muitas propostas e muito trabalho a serem realizados.

Os resultados dessa análise fonológica serão confrontados com a ortografia proposta por Tressmann (2006), a qual está sendo implementada, aos poucos, nos municípios de Santa Maria de Jetibá e Domingos Martins. Esses municípios já vêm trabalhando com a língua pomerana nas escolas através do PROEPO (Projeto de Educação Pomerana), coordenado pelo professor Dr. Ismael Tressmann a fim de conhecer melhor a língua falada na região. Porém, no município de Domingos Martins somente os alunos do primeiro ciclo do ensino fundamental (1º ao 5º ano) possuem o pomerano como língua estrangeira no currículo, o que deveria expandir para o segundo ciclo do ensino fundamental. Entretanto, os professores devem ser bem preparados e conhecer a língua para ensiná-la e abordá-la da melhor forma possível em sala de aula.

Diante de tudo isso, esperamos que este trabalho contribua para o conhecimento da organização sonora de uma língua ainda muito falada em alguns municípios capixabas, em algumas regiões de Minas Gerais e Rondônia e no sul do Brasil: Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Além disso, que auxilie pesquisadores e professores que lidam com o público em questão e demais interessados.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M.B.M., 2006. Fonologia e Fonética. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPI-FONTANA, M. (orgs.), *Introdução às Ciências da Linguagem: a palavra e a frase*. Campinas: Pontes.

Arquivo Público do Espírito Santo. *Imigrantes: Estatísticas*. Disponível em < <http://www.ape.es.gov.br/imigrantes/html/estatisticas.html>>. Acesso em 13/01/2011.

BAHIA, J.D.V. 2001. A “lei da vida”: confirmação, evasão escolar e reinvenção da identidade entre os pomeranos. *Educação e Pesquisa (USP)*, São Paulo, v. 27, p. 01-198. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v27n1/a05v27n1.pdf> . Acesso em 13/01/2011>. Acesso em 13/01/2011.

_____. 2000. *Práticas mágicas e bruxaria entre as pomeranas*. In: *Ciências Sociais e Religião*, ano 2, nº 2, p. 153-176. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2164/852>>. Acesso em 13/01/2011.

BANDEIRA, M. H. T. 2010. *Diferenças entre crianças monolíngües e multilíngües no desempenho de tarefas de funções executivas e na transferência de padrões de VOT (Voice Onset Time) entre as plosivas surdas do pomerano, do português e do inglês*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

BENINCÁ, L. R. 2008. *Dificuldade no domínio de fonemas do português por crianças bilíngües de português e pomerano*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

BISOL, L. (org.) 1996. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

CAGLIARI, L. C. 2002. *Análise fonológica: Introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas/SP: Mercado de Letras. (Coleção Ideias sobre Linguagem)

CALLOU, D.; LEITE, Y. 1993. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

CLARK, J; YALLOP, C. 1990. *An Introduction to Phonetics and Phonology*. Oxford: Basil Blackwell, 1995 2nd Edition.

COLLISCHON, G. 1999. A sílaba em português. In: BISOL, L. (org). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2.ed. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, Pp. 91-23.

EGGERT, E. 2004. *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação popular*. In: Cadernos IHU (Instituto Humanitas Unisinos) Idéias, ano 2, nº 13, p. 01-19. ISSN1679-0316 Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1163187932.97pdf.pdf>> . Acesso em 13/01/2011.

HAESE, A. 2009. *A influência do pomerano no aprendizado de Língua Portuguesa*. In: ABRALIN EM CENA ESPÍRITO SANTO, 2009, Vitória. *Anais...* Vitória. CD-ROOM, p. 01-08.

HEINEMANN, J.C. Os *Pomeranos*. Disponível em <<http://www.pomeranos.com.br/>>. Acesso em 13/01/2011.

LADEFOGED, P. 1982, 2006. *A course in Phonetics*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich.

LAVIER, J. 1994. *Principles of Phonetics*. Cambridge, Massachusetts: Cambridge University Press.

MATTOSO CÂMARA Jr, J. 2002. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 35. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

_____. (1977). *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão – Livraria Editora.

NARS, M. F. 2009. *A música pomerana capixaba: a festa e casamento e outras reflexões*. In: Fênix - Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 6, ano VI, n.

4. ISSN: 1807-6971. p. 01-17. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br> . Acesso em 13/01/2011.

PIKE, K. L. 1947. *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.

SALAMONI, G. 2001. *A imigração alemã no Rio Grande do Sul – o caso da comunidade pomerana de Pelotas*. História em Revista (UFPel), v. 07, p. 25-42. Disponível em: http://www.ufpel.tche.br/ich/ndh/downloads/historia_em_revista_07_Giancarla_Salamoni.pdf . Acesso em 13/01/2011.

SANTOS, R. S.; SOUZA, P. C. 2003. Fonética. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à lingüística: II. Princípios de análise*. 2. ed. São Paulo: Contexto. pp. 09-31.

SAUSSURE, F. 2006. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. Ed. São Paulo: Cultrix.

SCHAEFFER, S.C.B; MEIRELES, A.R. 2011. *Padrões de vozeamento de consoantes plosivas em falantes de pomerano (L1) e de português (L2)*. In: VII Congresso Internacional da ABRALIN, 2011, Curitiba. Anais..., p. 4009-4021 (CD-room ISSN 2179-7145)

SCHAEFFER, S.C.B. 2010. *Interferências da oralidade na escrita de alunos descendentes de pomeranos do ensino fundamental*. Monografia (Especialização em Estudos da Linguagem), Faculdade Saberes, Vitória.

SCHWARTZ, L. H; SALAMONI, G. 2009. *Organização e reprodução social da agricultura familiar entre descendentes de imigrantes pomeranos no município de São Lourenço do Sul, RS*. In: XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária, São Paulo, p. 1-23. Disponível em http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENG A/artigos/Schwartz_LH.pdf . Acesso em 13/01/2011.

SILVA, T. C. 2007. *Fonética e fonologia do português brasileiro: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 9. ed. São Paulo: Contexto.

SIMÕES, D. 2006. *Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave*. São Paulo: Parábola Editorial.

TRESSMANN, I. 2008. *O pomerano: uma língua baixo-saxônica*. In: Educação, cultura e sociedade. Revista da FARESE (Faculdade da Região Serrana). Vol. 1. ISSN: 21765251, Santa Maria de Jetibá, p. 10-21.

_____. 2006. *Dicionário Enciclopédico: Pomerano e Português*. Santa Maria de Jetibá.

_____. 2005. *Da sala de estar à sala de baile: estudo etnolinguístico de comunidades camponesas pomeranas do estado do Espírito Santo*. Tese de doutorado: Rio de Janeiro.

_____. 1998. *Bilingüismo no Brasil: O caso da Comunidade Pomerana de Laranja da Terra*. Associação de Estudos da Linguagem (ASSEL-Rio). Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ. Rio de Janeiro.

ZIMMER, M.; BANDEIRA, M.; BLANK, C. A. 2009. A dinâmica do multilinguismo na transferência de padrões de aspiração de obstruintes iniciais entre o pomerano (L1), o português (L2) e o inglês (L3). In: BORBA, V. C. M.; CARVALHO, M. L. G. C.; LIMA, G. O. S. (Orgs.). *Contribuições para a pesquisa em linguística nas diferentes áreas: partilhando reflexões e resultados*. Maceió: EDUFAL. Pp. 57-72.

WETZELS, L. (org.). 1995. *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Questionário de sondagem do informante

1 - Dados pessoais do informante:

1.1 - Nome: _____

1.2 - Idade: _____ 1.3 - Data de nascimento _____

1.4 - Escolaridade _____ 1.5 - Sexo () F () M

1.6 - Profissão _____

1.7 - Endereço _____

2 – Língua materna

2.1 - Língua materna: () Pomerano () Português

2.2 - Ainda fala o pomerano? () sim () raramente () não

2.3 - Qual é a média de tempo, em um dia, que fala o pomerano?

() uma hora () mais que quatro horas () durante todo o dia () metade do tempo em português e a outra metade em pomerano

2.4 - Você fala pomerano:

() em casa

() pais

() na escola

() filhos

() na igreja

() avós

() no trabalho

() outros parentes

() na cidade

() amigos

() em comércios, lojas e bancos

() desconhecidoS

2.5 - Você usa pomerano em quais das atividades abaixo?

() rezar

() contar histórias

() contar

() cantar

outroS

2.6 - Você lê em pomerano?

sim. O quê? _____

não

2.7 - Você escreve em pomerano?

sim. O quê? não

3 – Segunda língua

3.1 - Com que idade aprendeu a falar português?

Com menos de 7 anos com 7 anos com mais de 7 anos

3.2 - Aprendeu a falar português com quem e aonde?

3.3 - Qual é a média de tempo, em um dia que fala o português?

uma hora mais que quatro horas durante todo o dia metade do tempo em português e a outra metade em pomerano

3.4 - Você fala português:

em casa

pais

na escola

filhos

na igreja

avós

no trabalho

outros parentes

na cidade

amigos

em comércios, lojas e bancos

desconhecidos

3.5 - Você usa português em quais das atividades abaixo?

rezar

cantar

contar

outros

contar histórias

3.6 - O que você lê em português?

jornais

revistas

- receitas História em quadrinho
 manuais de instrução textos escolares
 livros de literatura Outros
 outros livros. Tipo:

3.7 - Você escreve em português:

- pouco muito

3.8 - O que escreve em português?

- cartas redações escolares
 bilhetes Outros
 receitas

3.9 - Você lê e escreve com que frequência?

- todos os dias mais de uma vez por mês
 uma vez por semana nunca leio ou escrevo
 uma vez por mês

4 – Pomerano

4.1 - Qual língua você considera mais fácil para você falar?

- pomerano português

4.2 - Você pretende ensinar o pomerano para seus filhos ou outras crianças?

- sim não

4.3 - O que você acha que as pessoas, antigamente, achavam sobre o uso do pomerano?

- uma língua prestigiada
 quem falava sofria preconceitos
 uma língua fácil de ser falada e aprendida
 uma língua difícil de ser falada e aprendida

4.4 - E, hoje, o que acha que as pessoas pensam sobre o pomerano?

- () uma língua prestigiada
- () quem falava sofria preconceitos
- () uma língua fácil de ser falada e aprendida
- () uma língua difícil de ser falada e aprendida

4.5 - O que você pensa sobre ensinar o pomerano às gerações mais novas?

- () Acho que as pessoas não deveriam ensinar mais o pomerano, porque....
- () Acho que é importante ensinar o pomerano aos mais jovens, porque....

4.6 – Conte, em pomerano, algumas de suas preferências alimentares, musicais, de lazer e coisas de que você não gosta, que te irritam.

Apêndice 2 – Lista de palavras para descrição fonêmica do Pomerano

- | | |
|-----------------------|-----------------------|
| 1. Abacate | 30. Anteontem |
| 2. Abacaxi | 31. Antúrio |
| 3. Abelha | 32. Anzol |
| 4. Abóbora | 33. Apertar |
| 5. Abraçar | 34. Aquele |
| 6. A cabeça é redonda | 35. Aqui |
| 7. A terra é seca | 36. Areia |
| 8. Acordar | 37. Arroz |
| 9. Açúcar | 38. Árvore |
| 10. Aipim | 39. Asa |
| 11. Agora | 40. Assado (frango) |
| 12. Água | 41. Assar |
| 13. Ajudar | 42. Assobiar |
| 14. Alho | 43. Aula |
| 15. Ali | 44. Avó |
| 16. Alimentar | 45. Avô |
| 17. Alimento | 46. Azedo |
| 18. Alma | 47. Azul |
| 19. Alto | 48. Baixo |
| 20. Altura | 49. Banco (de sentar) |
| 21. Amanhã | 50. Balde |
| 22. Amarelo | 51. Baralho |
| 23. Amarrar | 52. Barba |
| 24. Andar | 53. Barranco |
| 25. Animal | 54. Barriga |
| 26. Anjo | 55. Barrigudo |
| 27. Ano | 56. Batata-doce |
| 28. Anta | 57. Batata inglesa |
| 29. Antena | 58. Bater |

59. Bêbado	109.	Carro
60. Beber	110.	Carvão
61. Bebo	111.	Casa
62. Beijo	112.	Casar
63. Bíblia	113.	Casamento
64. Biscoito	114.	Casca
65. Blusa	115.	Cavalo
66. Boca	116.	Cavar
67. Bode	117.	Caverna
68. Boi	118.	Cebola
69. Bolo	119.	Cego
70. Bolsa	120.	Cerca
71. Bom	121.	Cerveja
72. Boné	122.	Cesta
73. Braço	123.	Céu
74. Branco	124.	Chá
75. Bruxo/ feiticeiro	125.	Chão
76. Bule	126.	Chapéu
77. Buraco	127.	Chave
78. Burro	128.	Chegar
79. Cá	129.	Cheio
80. Cabeça	130.	Cheirar
81. Cabelo	131.	Chicote
82. Cabelo branco	132.	Chifre
83. Cabide/ gancho	133.	Choca (galinha choca)
84. Cabrita	134.	Chupar
85. Caçar	135.	Chuva
86. Cachaça	136.	Cidade
87. Cacho (de banana)	137.	Cinco
88. Cachorro	138.	Cinza
89. Cadeira	139.	Claro (luminoso)
90. Caderno	140.	Cobertor
91. Café	141.	Cobra
92. Cair	142.	Coçar
93. Calça	143.	Cócegas
94. Calcanhar	144.	Colchão
95. Caldeirão	145.	Com
96. Calor	146.	Comer
97. Cama	147.	Comprido
98. Caminho	148.	Comprimido
99. Camisola	149.	Como?
100. Cana	150.	Comprido
101. Cantar	151.	Concha
102. Capacete	152.	Contar
103. Capim	153.	Coração
104. Capinar	154.	Corda
105. Careca	155.	Coroa de flores
106. Carne	156.	Correr
107. Carne de boi	157.	Cortar
108. Carne de porco	158.	Coruja

159.	Costas	208.	Escola
160.	Costurar	209.	Escuro
161.	Cotovelo	210.	Escutar
162.	Coxa (de galinha)	211.	Esmagar
163.	Cozinha	212.	Esposa
164.	Cozinhar	213.	Esquerdo
165.	Crescer	214.	Está chovendo
166.	Criança	215.	Esta
167.	Curto	216.	Este
168.	Dançar	217.	Estômago
169.	Dar	218.	Estragar/aprodrecer
170.	De dia	219.	Estreito
171.	De manhã	220.	Estrela
172.	De noite	221.	Estudar
173.	De pé	222.	Eu
174.	De tarde	223.	Eu digo
175.	Dedo	224.	Faca
176.	Dedo grande	225.	Facão
177.	Deitado	226.	Falar
178.	Deitar	227.	Farinha de mandioca
179.	Dente	228.	Farmácia
180.	Depois de amanhã	229.	Fazer
181.	Deslizar	230.	Fazer comida
182.	Deus	231.	Fechado
183.	Dia	232.	Feijão
184.	Diabo	233.	Ferrugem
185.	Dinheiro	234.	Festa
186.	Direito	235.	Fígado
187.	Dizer	236.	Filha
188.	Doce	237.	Filho
189.	Dor	238.	Fino
190.	Dois	239.	Firme
191.	Dormir	240.	Flauta
192.	Égua	241.	Flor
193.	Ela	242.	Fogo
194.	Ele	243.	Folha
195.	Ele é bom	244.	Fome
196.	Ele está coçando a perna	245.	Formiga
197.	Ele furou a orelha	246.	Forno
198.	Elas	247.	Fraco
199.	Eles	248.	Freio de burro
200.	Em casa	249.	Frigideira
201.	Em cima	250.	Frio
202.	Embaixo	251.	Fruta
203.	Empurrar	252.	Fubá
204.	Entender	253.	Fumaça
205.	Enxada	254.	Fumando
206.	Errado	255.	Fumo (tabaco)
207.	Erva	256.	Furadeira
		257.	Furar

258.	Furo	308.	Lago
259.	Gaiola	309.	Lagoa
260.	Galho	310.	Lâmpada
261.	Galinha d'angola	311.	Laranja
262.	Galo	312.	Largo
263.	Garagem	313.	Lavagem/comida de
264.	Garfo		animais
265.	Garganta	314.	Lavar
266.	Garrote	315.	Leite
267.	Gato	316.	Limpo
268.	Gavião	317.	Língua
269.	Gelo	318.	Linha de costura
270.	Gengibre	319.	Liso
271.	Gente/ pessoa	320.	Livro
272.	Goiaba	321.	Longe
273.	Gordo	322.	Lua
274.	Gordura	323.	Lua cheia
275.	Grande	324.	Lua nova
276.	Grosso	325.	Macaco
277.	Hoje	326.	Macaco grande
278.	Homem	327.	Macarrão
279.	Homem velho	328.	Machado
280.	Horta	329.	Madeira
281.	Idosos	330.	Maduro
282.	Igreja	331.	Mãe
283.	Ilha	332.	Magro
284.	Inchar	333.	Mais
285.	Inferno	334.	Mais curto
286.	Inhame	335.	Mais velho
287.	Inteligente	336.	Mandioca
288.	Irmã	337.	Manga
289.	Irmã maior	338.	Manteiga
290.	Irmã menor	339.	Mão
291.	Irmão	340.	Mar
292.	Irmão maior	341.	Marido
293.	Irmão menor	342.	Mata (floresta)
294.	Jaca	343.	Matar
295.	Jacaré	344.	Mau
296.	Jambo	345.	Meio
297.	Janeiro	346.	Melancia
298.	Janela de madeira	347.	Menina
299.	Jasmim	348.	Menino
300.	Jesus	349.	Mentir
301.	Joelho	350.	Mês
302.	Jogar/ atirar	351.	Mesa
303.	Junho	352.	Meu nariz
304.	Julho	353.	Meu pai
305.	Lá	354.	Miado
306.	Lábio	355.	Milho
307.	Laço/lacinho	356.	Milho verde

357.	Minha boca	407.	Ouvir
358.	Moça	408.	Ovo
359.	Moça velha	409.	Ovo de páscoa
360.	Moço	410.	Paca
361.	Mole	411.	Padaria
362.	Molhado	412.	Pai
363.	Morango	413.	Palavra
364.	Morar	414.	Palhaço
365.	Morder	415.	Panela
366.	Morrer	416.	Pão
367.	Morto	417.	Papagaio
368.	Mostrar	418.	Para lá (em direção)
369.	Muitas crianças	419.	Parafuso
370.	Muito	420.	Parede
371.	Mulher	421.	Pássaro/ave
372.	Mulher idosa	422.	Pasto
373.	Nadar	423.	Pato macho
374.	Não	424.	Pau
375.	Nariz	425.	Pé
376.	Nascente (de água)	426.	Pecado
377.	Nascer	427.	Pedra
378.	Neta	428.	Pedra amarela
379.	Neto	429.	Pedra branca
380.	Noite	430.	Pedra furada
381.	Noite clara	431.	Pedra preta
382.	Noite sem luar	432.	Peito
383.	Nome	433.	Peixe
384.	Nós	434.	Pelado (nu)
385.	Nosso	435.	Pelado (sem pêlos)
386.	Nossos narizes	436.	Pele
387.	Novo	437.	Pêlo
388.	Nuca	438.	Peludo
389.	Número	439.	Pena
390.	Nuvem	440.	Penca
391.	O cabelo é preto	441.	Peneira
392.	O pescoço é comprido	442.	Pensar
393.	O sol está quente	443.	Pente
394.	Oco/ vazio	444.	Pentear
395.	Oito	445.	Pepino
396.	Óleo	446.	Pequena lagoa
397.	Olho	447.	Pequeno
398.	Onça	448.	Pêra
399.	Onde	449.	Perguntar
400.	Ônibus	450.	Perna
401.	Ontem	451.	Perna fina
402.	Orelha	452.	Perto
403.	Orquídea	453.	Pesado
404.	Osso	454.	Pescar
405.	Ouro	455.	Pescoço
406.	Outro	456.	Pessoa

457.	Pessoa ruim	506.	Remédio
458.	Pessoa suja	507.	Repolho
459.	Pimenta	508.	Refo
460.	Pimentão	509.	Rezar
461.	Pintinho	510.	Rio
462.	Piolho	511.	Rio cheio
463.	Pisar	512.	Rir
464.	Podre	513.	Roçar
465.	Poeira	514.	Roda
466.	Polenta	515.	Rodo
467.	Pomba	516.	Sabão
468.	Porca	517.	Saber
469.	Porco	518.	Saia
470.	Porco capado	519.	Sal
471.	Porta	520.	Saliva
472.	Portão	521.	Salvar
473.	Poucos	522.	Sangue
474.	Poucos piolhos	523.	Sapato
475.	Prego	524.	Sapo
476.	Preocupar	525.	Se
477.	Preta	526.	Seco
478.	Preto	527.	Seio
479.	Prima	528.	Segundo
480.	Primeiro	529.	Segurar
481.	Primo	530.	Semente
482.	Problema	531.	Senhor/ dono/ patrão
483.	Pronto/terminado	532.	Sentado
484.	Pulga	533.	Sentar
485.	Puxar	534.	Sepultura
486.	Quando?	535.	Serra
487.	Quarto (cômodo da casa)	536.	Seu nariz (de você)
488.	Quatro	537.	Seu nariz (dele)
489.	Que	538.	Sobrancelhas
490.	Queijo	539.	Sobrinha
491.	Queimar	540.	Sobrinho
492.	Quem	541.	Sofrer
493.	Quente	542.	Sol
494.	Quieto	543.	Solo
495.	Rabo	544.	Sopa
496.	Raiz	545.	Soprar
497.	Ralar	546.	Sorvete
498.	Rapaz	547.	Sujo
499.	Raposa	548.	Taioba
500.	Raspar	549.	Tapete
501.	Rastelo	550.	Televisão
502.	Rede	551.	Telhado
503.	Rédea	552.	Terceiro
504.	Redondo	553.	Terra
505.	Relógio	554.	Terreiro/pátio
		555.	Tia

556.	Tigela	580.	Vamos para casa
557.	Tio	581.	Vassoura
558.	Tirar leite	582.	Vazio
559.	Todos	583.	Veado
560.	Tomate	584.	Velho
561.	Touro	585.	Vem cá
562.	Trabalhar	586.	Veneno
563.	Trança	587.	Vento
564.	Tratar	588.	Ver
565.	Trazer	589.	Verde
566.	Travesseiro	590.	Verme/ larva
567.	Tremer	591.	Vermelho
568.	Três	592.	Viagem
569.	Trigo	593.	Viajar
570.	Tripas	594.	Vir
571.	Tu	595.	Visitar
572.	Tucano	596.	Viver
573.	Túmulo	597.	Vivo
574.	Último	598.	Voar
575.	Um	599.	Vocês são bons
576.	Umbigo	600.	Vomitare
577.	Unha	601.	Vós
578.	Urubu	602.	Xícara
579.	Vaca	603.	Xixi

Apêndice 3 – Nova lista de palavras para segunda coleta

1. abelha	24. boca
2. aí, então	25. bode
3. ainda	26. bodes
4. Agradecimento	27. Bolinho de trigo e água
5. Água	28. Bolsa
6. alegre, divertido, engraçado	29. bom
7. alegria, prazer	30. Boné
8. ali	31. branco
9. amargo	32. bule
10. arrepiado, cabelo em pé	33. buraco
11. arroz	34. cabrita
12. árvore	35. cacho de banana, de coco
13. asa	36. cair
14. assobiar	37. calça
15. atrás de	38. caldeirão
16. avó	39. cama
17. azedo	40. caminhão truque
18. azul	41. caminho
19. balde	42. capim, grama
20. beijo	43. carga, peso
21. bexiga	44. caro, precioso
22. bezerro	45. carretel, rolo
23. bobo	46. cerveja

47. cheio
 48. chicote
 49. chifre
 50. chupar
 51. cidade
 52. claro, luminoso
 53. classe
 54. cócegas
 55. compasso
 56. conchas
 57. contar referente a quantidade
 58. copo, vidro
 59. costas
 60. couro
 61. coxa de galinha
 62. cravo de jardim
 63. crescer
 64. dádiva, presente, oferta
 65. dança
 66. dar banho, banhar
 67. defecar
 68. deitar
 69. diabo
 70. dor
 71. duro
 72. égua
 73. ela
 74. elas
 75. em casa
 76. enferrujado
 77. enxada
 78. esperar
 79. estaca
 80. estado
 81. exato
 82. falar, dizer
 83. fechado
 84. feijão
 85. fenda, rachadura, corte
 86. ferrugem
 87. fila, fileira
 88. fino, miúdo
 89. firme
 90. força, potência
 91. fraco, abatido, apagado
 92. frio
 93. fumaça
 94. galinha choca
 95. galinhas
 96. garganta
 97. gente, pessoa
 98. gordo
 99. grama
 100. grande
 101. homem
 102. horta
 103. lábio
 104. laço
 105. lata
 106. lavar
 107. lenço, pano
 108. limpo
 109. liso
 110. livro
 111. luto, desgosto
 112. macarrão
 113. madeira
 114. mata
 115. melancia
 116. molhado
 117. monte (de feijão)
 118. morder
 119. mordida, dentada
 120. morder, coçar com os dentes
 121. mudar/renovar penas, folhas
 122. muito
 123. mulher
 124. necessidade, sofrimento
 125. ninho
 126. nó
 127. noite
 128. nuvem
 129. ouro
 130. Paca
 131. Pai
 132. pálido, fosco
 133. Panela
 134. Pão
 135. Pau
 136. pecado
 137. pedaço grosso de madeira
 138. pedido, solicitação
 139. pelado, sem pêlos
 140. pele
 141. perguntar
 142. piolhos

143.	pluma, penugem	166.	Sapo
144.	podre	167.	Seco
145.	pomba	168.	sentar
146.	ponte	169.	servir, caber
147.	porção	170.	sofrer
148.	Porco capado	171.	sol
149.	portão	172.	sujeira
150.	pressão, aperto, peso	173.	tanque de peixes
151.	pulga	174.	telhado
152.	puxar, tirar	175.	tirar leite
153.	quatro	176.	todo, inteiro, completo
154.	raça	177.	tortura, judiação
155.	rastelo	178.	touceira, moita
156.	rede, armadilha	179.	tramela/gamela
157.	redondo	180.	tucano
158.	relógio	181.	último
159.	remédio	182.	urso
160.	repolho	183.	vaca
161.	resto	184.	vento
162.	reto, aprumado, erguido	185.	vermelho
163.	ruído de algo que cai no líquido	186.	viagem
164.	saia	187.	você
165.	salvar, redimir	188.	xícaras
		189.	xixi
		190.	zero

ANEXOS

Anexo 1 – Transcrições fonéticas das palavras isoladas de todos os informantes

Palavras	MFJ	FRF	FLR
Abacate	[aba'kat]	[aba'katʃ]	[ba'kat]
Abacaxi	[abaka'ʃi]	[abaka'ʃi]	[abaka'ʃi]
Abelha	[a'beʎə]	[im]	[imə]
Abóbora	[kʲɛnzə]	[kʰɔenz]	[a'bɔburə]
Abraçar	[imfɔdɐ]	[ymfɔtɐ]	[ymfɔtɐ]
A cabeça é redonda	[runɐ,kɔp]	[ta.'kʰɔp.is.'runt]	[runa'kɔp]
A terra é seca	[ta.ɛi.is.'trɛɪç]	[tat.'ɛi.is.'trɔɪç]	[drɔi'xiɛ:]
Acordar	[up.ʃtʰɔ:]	[upʃtɔ]	[ob'vækə]
Acúcar	[sugə]	[θukə]	[sogə]
Aipim	[ɛipɪ]	[ɛipʰɪ]	[ɛ:pi]
Agora	[nu:]	[nu:]	[nu:]
Água	[vɔtɐ]	[vɔdɐ]	[vɔtɐ]
Ajudar	[hɛubɐ]	[hiɛtɐ]	[hiɛtɐ]
Alho	[kʰnuvlou]	[kʰunu'flokh]	[kɔ'nuflu]
Ali	[tɔ:]	[tɔ:]	[dɔ:]
Alimentar	[ɛdɐ]	[ɛtɐ]	[ɛtɐ]
Alimento	[ɛdn]	[ɛtn]	[ɛdn]
Alma	[aomə]	N/R	N/R
Alto	[autu]	[houx]	[houx]
Altura	[aʊ'turɐ]	[ser'youh]	[houx]
Amanhã	[mɔɪ]	[mɔɪçɐ]	[mɔɪɐ]
Amarelo	[jɛt]	[jɛt]	[jɛt]
Amarrar	[ambijɐ]	[ambijɔ]	[ambinɐ]
Andar	[kɔ:]	[kɔ:]	[gɔ:]
Animal	[kat]	[tʰia]	[far]
Anjo	[ãnjɔ]	[ɛnet]	[ɛnɔt]
Ano	[jɔ:]	[jɔ:]	[jɔ:]
Anta	[ɛ:zɔ]	N/R	N/R
Antena	[ãntʰɛnɐ]	[ãntʰɛnɐ]	N/R
Anteontem	[ãntʃisdʒi'ɔutɛim]	[ji:stn]	[kuɔvɔtɔmɔɪ]
Antúrio	N/R	N/R	N/R
Anzol	[ãngɔt]	N/R	[ãngɔt]

Apertar	[ˈanfɔdɐ]	N/R	[ˈfasdməkɐ]
Aquele	[ta:ɪ]	[ˈtai]	[ˈdaɪ]
Aqui	[nu]	[ˈhi:a]	[ˈmõɪçɐ]
Areia	[sãnt]	[ˈsãnt]	[ˈei]
Arroz	[ri:s]	[ˈris]	[ˈris]
Árvore	[bo:ʊ]	[ˈbo:ʊ]	[ˈbou]
Asa	[ˈflixtɐ]	[ˈflyxt]	[ˈflyyt]
Assado (frango)	[hiˈbrɔd]	[jiˈbrɔt]	[jiˈbrɔt]
Assar	[ˈprɔ:rɐ]	[ˈbrɔ:rɐ]	[ˈbrɔrɐ]
Assobiar	[ˈflɛɪdɐ]	[ˈfløɪtɐ]	[ˈfløɪdɐ]
Aula	[ʃau]	[ʃau]	[ˈʃa:t]
Avó	[ˈmudɐ]	[ˈmutɐ]	[ˈgrosmutɐ]
Avô	[ˈfɔtɐ]	[ˈfɔtɐ]	[grosˈfɔdɐ]
Azedo	[aˈzedu]	[ˈθuʊ]	[ˈzuɐ]
Azul	[plɔx]	[plɔx]	[ˈblɔx]
Baixo	[k ^h lain]	[ˈk ^h lãin]	[ˈklãin]
Banco (de sentar)	[ʃtaʊ]	[ˈʃtaʊ]	[ˈbẽɪŋk]
Balde	[ˈẽmɐ]	[ˈemɐ]	[ˈẽmɐ]
Baralho	[paˈraʎu]	N/R	[baˈraʎu]
Barba	[pɔ:t]	[ˈbɔ:t]	[ˈbɔ:t]
Barranco	[ˈuivɐ]	[ˈuivɐ]	[ˈuivɐ]
Barriga	[pu:g]	[ˈbu:k ^h]	[ˈbuk]
Barrigudo	[ˈkroutpug]	[ãinɛgroudɐˈpuk ^h]	[ˈgroubug]
Batata doce	[baˈta:dɐ]	[paˈt ^h a:tɐ]	[ˈzɔɪdɛpaˈtatɐ]
Batata inglesa	[puˈt ^h ivɪ]	[paˈtʃiʊvəli]	[paˈtyft]
Bater	[ˈhoua]	[ˈhouɐ]	[ˈʃlɔ:]
Bêbado	[ti:ʃ]	[piˈsɔpɐ]	[biˈzɔbɛn]
Beber	[ˈtrĩŋɐ]	[ˈtrĩŋkɐ]	[ˈzugun]
Bebo	[ikˈtrĩŋg]	[ikˈtrĩŋk ^h]	[igˈtrinˈvɔtɐ]
Beijo	[ˈpu:sɐ]	[ˈp ^h u:sɐ]	[ˈpos]
Bíblia	[ˈpibɪ]	[ˈpi:blɪa]	[ˈbibliɐ]
Biscoito	[bisˈkuidɐ]	[pisˈkuit ^h]	[bisˈkoidɐ]
Blusa	[jak]	[jak ^h]	[jak]
Boca	[mu:]	[ˈmuɪ]	[ˈmu:t]
Bode	[ˈbɔdʒɪ]	N/R	[ˈsɛɪabuk]
Boi	N/R	[ˈpulɐ]	[ˈbulɐ]
Bolo	[ˈk ^h u:n]	[ˈk ^h uxɛ]	[ˈkuxɛn]
Bolsa	[jak]	[t ^h aʃ]	[ˈtaʃ]
Bom	[gaut]	[ˈkaʊt]	[ˈgaut]
Boné	[mits]	[myts]	[ˈmyds]
Braço	[a:m]	[a:m]	[ˈã:m]

Branco	[fits]	[vit ^h]	[’vid]
Bruzo/feiticeiro	[’bruʃø]	[’bruʃø]	N/R
Bule	[’p ^h ulɪ]	[’k ^h an]	[’kän]
Buraco	[lɔx]	[’luɔx]	[’lɔx]
Burro	[ε:zɫ]	[tum]	[’ε:zɫ]
Cá	[kuma’sε]	[’k ^h umas]	[kõm’fε]
Cabeça	[k ^h ɔp]	[k ^h ɔp]	[kɔp]
Cabelo	[hɔ:]	[hɔ:]	[’hɔrø]
Cabelo branco	[vit’hɔ:]	[vita’hɔ:]	[vida’hɔrø]
Cabide/gancho	N/R	[’hɔkø]	N/R
Cabrita	[sεiç]	[’sεiç]	[’sεiç]
Caçar	N/R	[θuita’gɔ] procurar	[’jax]
Cachaça	[hi’dẽɪŋk]	[ʃnaps]	[’ʃnaps]
Cacho (de banana)	[pa’nãɲε,kaʃ]	[pa’nãɲε’k ^h ist]	[banãna’kaʃ]
Cachorro	[hunt]	[’hunt]	[’hund]
Cadeira	[ʃtaɔ]	[ʃta:ɫ]	[’ʃtaɫ]
Caderno	[puɪg]	[’bauk ^h]	[ka’denu]
Café	[’k ^h avø]	[’k ^h avø]	[’kafø]
Cair	[hẽɲ’faɫ]	[’falø]	[’faɫ]
Calça	[hous]	[hous]	[’hous]
Calcanhar	[kauka’na]	N/R	N/R
Calor	[sin]	[va:m]	[’har]
Cama	[pε:ø]	[pε:ø]	[’bε:ø]
Caminho	[ʃtrɔp]	[ta’vεiç]	[’vεiç]
Camisola	[kami’zɔlø]	N/R	[’ʃlɔptix]
Cana	[’rouʃtãɲ]	[θuka’rou]	[’soga’ro]
Cantar	[’siɲø]	[’siɲa]	[’ziɲø]
Capacete	[kaba’set]	[k ^h aba’sεit]	N/R
Capim	[kru:t]	[’gras]	[’gras]
Capinar	[putsa’gɔ:]	[’p ^h utsø]	[pudsøn]
Careca	[k ^h a’reɲø]	[’k ^h ɔɫk ^h øpt]	[’kɔɫkɔp]
Carne	[flaiʃ]	[flaiʃ]	[’flaiʃ]
Carne de boi	[’pula,flaiʃ]	[’puløflaiʃ]	N/R
Carne de porco	[ʃuɲ’flaiʃ]	[ʃuɲ’flaiʃ]	N/R
Carro	[’vɔhø]	[’vɔhan]	N/R
Carvão	N/R	[’k ^h ɔløn]	N/R
Casa	[hus]	[hus]	N/R
Casar	[fria]	[’frixie]	N/R
Casamento	[’fri:øgɔ]	[’frixɫ]	N/R
Casca	[’ʃεlø]	[’ʃiεɫ]	N/R
Cavalo	[ka’valø]	[’valax]	N/R

Cavar	[alɔx'mɔɣ]	[a'rakə]	N/R
Caverna	N/R	N/R	N/R
Cebola	[k ^h nu'vloʊ]	[p ^h ʊɔlə]	N/R
Cego	[k ^h ãni'kigi]	[p ^h liŋk]	N/R
Cerca	[tu:]	[t ^h u:m]	N/R
Cerveja	[hi'drɛiŋg]	[pi:ɐ]	N/R
Cesta	[n ⁱ es]	[k ^h ʊɔf]	N/R
Céu	[luf]	[de'fimat]	N/R
Chá	N/R	[t ^h eɪ]	N/R
Chão	[tɛlə]	[e:ɪ]	N/R
Chapéu	[hauɔp]	[haut ^h]	N/R
Chave	[ʃlɔid]	[ʃlɔit]	N/R
Chegar	[ik.pi.'k ^h õmɐ]	[k ^h õmɐ]	N/R
Cheio	[fu:t]	[fut]	N/R
Cheirar	[ri:gɐ]	[rikə]	N/R
Chicote	[ʃi'kotʃi]	[ãn.'pitʃ]	[ʃtɔk]
Chifre	[he:i]	[hæin]	N/R
Choca (galinha choca)	[nest]	[reiçɐ]	N/R
Chupar	[su:a]	[su:xɐ]	[zuyã]
Chuva	[reiɔ]	[reixɐ]	[reɪ]
Cidade	[tɛt]	[tat ^h]	[tad]
Cinco	[fi:f]	[fi:f]	[fif]
Cinza	[s ⁱ zɐ]	[kreis]	[a]
Claro (luminoso)	[het]	[hiɛt]	[het]
Cobertor	[tek]	[tiɛk ^h]	[deg]
Cobra	[ʃlaŋ]	[ʃlaŋ]	[lã]
Coçar	[jɔigɐ]	[rakə]	[ragã]
Cócegas	[kɛt]	[rakə]	[k ^h iɛdlə]
Colchão	[ʃtrou'set]	[ʃtrousak]	[strouɔdax]
Com	[mut]	[mitɐ]	[mid]
Comer	[etɐ]	[etɐ]	[ɛdn]
Comprido	[krout]	[laŋk]	[lã]
Comprimido	[pit]	[p ^h it]	[pit]
Como?	[v ^o uzo]como assim	[v ^o usou]	[vou]
Concha	[k ^h õŋʃɐ]	[k ^h iɛt]	[ket]
Contar	[tɛlə]	[fo't ^h iɛlə]	[tɛlɛn]
Coração	[lɛ:f]	[hɛts]	[hets]
Corda	[ʃtrik]	[ʃtrik ^h]	[ʃtrif]
Coroa de flores	[ko'roua]	[k ^h a'rãns]	N/R
Correr	[l ^o ubɐ]	[l ^o upɐ]	[l ^o ubɛ]

Cortar	[ˈʃni:rə]	[ˈafʃnirə]	[ˈʃnirə]
Coruja	[ti:]	[ˈou:ʃ]	N/R
Costas	[rɛiə]	[ˈnakə]	[ˈnakə]
Costurar	[nɛiə]	[ˈnɛiçə]	[ˈnɛiə]
Cotovelo	[a:m]	[ˈjɛʔpɔ:xə]	[ˈjɛʔbonə]
Coxa (de galinha)	[fiʔ]	[ˈk ^h yʔ]	[ˈk ^h yʔ]
Cozinha	[ˈkɔiçə]	[ˈk ^h ɔikə]	[ˈkɔikt]
Cozinhar	[ˈɛdməx]	[ˈɛtməkə]	[ˈk ^h əkə]
Crescer	[ˈkroudˈvarə]	[ˈvasə]	[grouˈvarə]
Criança	[kint ^h]	[ˈk ^h int]	[ˈk ^h inə]
Curto	[k ^h lai]	[ˈk ^h län]	[ˈk ^h ət]
Dançar	[ˈtandzə]	[ˈdänsə]	[ˈdäsə]
Dar	[jɛʃ]	[ˈjɛfas]	[ˈjɛvə]
De dia	[piˈdax]	[piˈdax]	[biˈdax]
De manhã	[mõidz]	[ˈmõins]	[ˈmɔi]
De noite	[õ:mz]	[ˈõms]	[ˈnaxt]
De pé	[taʊˈʃtɔ:]	[piʔˈʃtõ:n]	[ˈʃtɔ:]
De tarde	[taˈmõnt]	[noˈmitas]	[ˈõ:ms]
Dedo	[ˈfiçə]	[ˈfiçə]	[ˈfiçə]
Dedo grande	[ˈkroudˈfiçə]	[kroudəˈfiçə]	[groudaˈfiçə]
Deitado	[ˈɛdmiˈfiçn]	[ˈliçə]	[igˈleij]
Deitar	[igɔˈʃlobə]	[hemˈlexə]	[ˈleij]
Dente	[tẽ:n]	[t ^h ẽ:n]	[ˈtẽnə]
Depois de amanhã	[tɛãndaˈdax]	[ˈɔivəmõin]	[ˈɔivamɔi]
Deslizar	[uʔdˈrutʃə]	[teˈlat ^h]	[uʔtˈrutʃə]
Deus	[kət]	[ˈkuɔt ^h]	[ˈgət]
Dia	[piˈdax]	[teˈtax]	[ˈdax]
Diabo	[hɛʔ]	[teˈtyvɛʔ]	[ˈtyvɛʔ]
Dinheiro	[ˈhi:ʔd]	[ˈkriɛʔt]	[ˈjɛʔt]
Direito	[taiˈk ^h ãnt]	[taˈrextɪ]	[ˈrext]
Dizer	[itaʊfoˈtɛʔ]	[ˈsiɛxə]	[ˈziɛçə]
Doce	[ˈtoʊsi]	[ˈsuʔt]	[ˈzoʔt]
Dor	[var]	[varˈdɔx]	[varˈdɔx]
Dois	[t ^h ɔai]	[ˈtuai]	[ˈtuai]
Dormir	[ʃlobaˈgɔ:]	[ʃlopəˈgɔ]	[ˈʃlopm]
Égua	[kaˈvalə]	N/R	[ˈpɛ:t]
Ela	[sai]	[ˈsai]	[ˈzai]
Ele	[hai]	[ˈhai]	[ˈhai]
Ele é bom	[hai.is.ˈkaʊt]	[haiʔtˈkaʊt]	[haiʔtˈkaʊt]
Ele está coçando a perna	[hai.det.sinaˈbai.ɔdə]	[haiʔtɛʔsiteˈpaiɾakə]	[haiʔrakteˈbai]

Ela furou a orelha	N/R	[sajetsiçta'ou ^{ra}]	[zai.ʏed.te.'o:ra .ba'ʃtɔklɐ]
Elas	[sai]	[sai]	['sai]
Eles	[sai'alɐ]	[hais]	N/R
Em casa	[tus]	[t ^h us]	['tus]
Em cima	[tɔ'bõmɐ]	[tɔ'pɔxan]	[paok.inas.'hox]
Embaixo	[to'unɐ]	[to'unɐ]	['unɐ]
Empurrar	['ʃupsɐ]	['ʃuopsɐ]	['ʃuvã]
Entender	[fɔ'ʃtɔ:]	[faʃ'tɔ:]	[faz'tõn]
Enxada	[ha]	[hak ^h]	['hak]
Errado	[fo'k ^h e:it]	[fo'k ^h e:it]	[fa'geit]
Erva	N/R	N/R	N/R
Escola	[ʃau]	[ʃauʃ]	['ʃaʃ]
Escuro	[õmz]	['tystɐ]	['dystɐ]
Escutar	['he:ɾɐ]	['hø:ɾɐ]	['hø:ɾɐ]
Esmagar	[iz'magɐʃ]	N/R	[fama'tʃɾɐ]
Esposa	[frux]	[frux]	N/R
Esquerdo	[ãnd'kãnt]	['liŋstɔ]	['fikst]
Está chovendo	[teid'rɛin]	[tateinu're:çnɐ]	[tat'rɛiɐ]
Esta	[te'de:ɪ] esta pasta	[te:is]	[dad'megɐ] ess a menina
Este	[ta'ʃpint] este armario	[tai]	[dai'ɲũ]
Estômago	[pux]	['pu:k]	['mɔx]
Estragar/apoderecer	[fu:ɔ]	[fu:ʃ]	[fa'ɔst]
Estreito	[klain]	[klain]	['ẽŋk]
Estrela	[vɔ:b]	['ʃtein]	['ʃteinɐ]
Estudar	[ʃaʃ'gɔ]	['le:ɾɐ]	['le:ɾɐ]
Eu	[ik]	[ik]	['ig]
Eu digo	[igfa'tɛlɐ]	[ik'sɛx]	[ig'sɛx]
Faca	['metsa]	['miɛtsɐ]	['miɛtsɐ]
Facão	[fa'kõ]	[fa'kõu]	[fa'kõu]
Falar	[fo't ^h ɛlɐ]	['sɪɛxɐ]	['rɛɾɐ]
Farinha de mandioca	[fa'riñ]	['farin]	[fa'riñ]
Farmácia	[far'masɐ]	[fax'masia]	[far'masia]
Fazer	[va'mɔɣ]	['mɔka]	['mɔgɐ]
Fazer comida	['ɛdmɔg]	[ikmɔknɔ'ɛtn]	[ɛdn'mɔkɐ]
Fechado	[tau]	[t ^h au]	['tau]
Feijão	['pounɐ]	['pounɐ]	['bounɐ]
Ferrugem	[fe'xu:]	[fa'rustɐ]	['rust]

Festa	[fɛst]	[ˈfɛstə]	[ˈfɛst]
Fígado	[pɔs]	[ˈlɛ:və]	[ˈlɛf]
Filha	[ˈmɛkə]	[ˈkʰint]	[ˈmɛkə]
Filho	[ɲõʊ]	[ˈkʰint]	[ˈɲũn]
Fino	[fi:n]	[ˈfinu]	[ˈfi:n]
Firme	N/R	[ˈʃtraŋ]	[ˈfas]
Flauta	N/R	N/R	N/R
Flor	[plau̯m]	[ˈplã:m]	[ˈblãm]
Fogo	[fi:]	[ˈfui̯a]	[ˈfui̯a]
Folha	N/R	[apaˈlat]	[ˈblɛrə]
Fome	[ˈhũ:a]	[ˈxũ:a]	[ˈhũ:a]
Formiga	[ˈamais]	[ˈamais]	[ˈamais]
Forno	[ˈovə]	[feˈxɛit]	[ˈovə]
Fraco	[ˈkraŋk]	[ˈʃuak]	[ˈʃuak]
Freio de burro	[ˈɛzʔkɔp]	N/R	N/R
Frigideira	[pan]	N/R	[ˈpãn]
Frio	[ˈkuʔx]	[kʰuʔt]	[ˈkuoʔt]
Fruta	[ˈabəʔ]	[ˈapəʔ]	[ˈabəʔ]
Fubá	[fuˈba]	[ˈmɛ:t]	[ˈmɛ:r]
Fumaça	[ˈrouk]	[ˈroukʰ]	[ˈrokʰ]
Fumando	[ˈrougə]	[tɛtɛtəˈroukə]	[ˈrogan]
Fumo (tabaco)	[trʰɛk]	[ˈfum]	[ˈfum]
Furadeira	[ˈlɔymɔgə]	[ˈpuɔrə]	N/R
Furar	[mɔgalɔyinaˈvãnt]	[tɛˈrinabɔrə]	[ˈʃtɛgan]
Furo	[lɔx]	[lɔx]	[ˈlɔʧ]
Gaiola	[kaɹˈɔlə]	[kaɹˈɔlə]	[ˈfau]
Galho	[pou]	[ˈtʰɛʔç]	[ˈtʰɛç]
Galinha d'angola	[pɛdʔ]	[ˈpʰɛdʔ]	[ˈpɹɛdəʔˈɣõmɛ]
Galo	[hõn]	[hõ:n]	[ˈhõnə]
Garagem	[kaˈrazə]	[kaˈrazə]	[gaˈraz]
Garfo	[ˈjɔbʔ]	[ˈkɔpʔ]	[ˈgɔvəʔ]
Garganta	[puk]	[ˈhaʔs]	[ˈhaʔs]
Garrote	N/R	[ˈkʰaus]	[ˈnysə]
Gato	[kʰat]	[kʰat]	[ˈkʰat]
Gavião	[flaiç]	[ˈhɔfk]	[ˈhɔft]
Gelo	[ˈʃelɔ]	[i:s]	[ˈʒelɔ]
Gengibre	[ʒinˈzibə]	[ʒiˈzibə]	[ˈʒiˈzibrɪ]
Gente/pessoa	[li:]	[lɔɹ]	[ˈly:]
Goiaba	[kuɹˈab]	[koɹˈap]	[kuɹˈap]
Gordo	[tik]	[tik]	[ˈfet]
Gordura	[fet]	[ˈfiet]	[ˈfet]

Grande	[krou̯t]	[ˈkrou̯t]	[ˈkrou̯t]
Grosso	[tik]	[tik ^h]	[ˈdik]
Hoje	[hit]	[hyt]	[ˈhyd]
Homem	[mei̯ʃ]	[k ^h e:ʃ]	[ˈk ^h eɪlɐ]
Homem velho	[tauʃˈmei̯ʃ]	[auʃˈk ^h e:ʃ]	[ulaˈk ^h eɪlɐ]
Horta	[ˈsalat]	N/R	[ˈgɔrɐ]
Idosos	[seɪfɛlõˈli:] muitos idosos	[uˈlɔi]	[ˈolɐ]
Igreja	[k ^h i:ç]	[ˈk ^h ieç]	[ˈk ^h ierç]
Ilha	N/R	N/R	N/R
Inchar	[tigˈva:rɐ]	[tikˈva:rɐ]	[diegˈva:rɐ]
Inferno	[heʃ]	N/R	[ˈhæʃ]
Inhame	[ʃiˈneizɐ]	[ʃiˈnesɐ]	[ˈjãmus]
Inteligente	N/R	[ˈk ^h laok]	[ˈklaux]
Irmã	[minˈʃuestɐ]	[ˈʃuestɐ]	[ˈʃuestɐ]
Irmã maior	[minˈkretsˈʃuestɐ]	[tatymenimsˈʃuestɐ]	[grou̯dˈʃuestɐ]
Irmã menor	[minˈk ^h lẽmˈʃuestɐ]	[maɪ.ni <u>os</u> ˈʃuestɐ]	[klãnˈʃuestɐ]
Irmão	[pra <u>u</u> a]	[mi.ˈbra:rɐ]	[ˈbrau̯rɐ]
Irmão maior	[ˈkrou̯tˈpra <u>u</u> rɐ]	[miuʃsˈprarɐ]	[grou̯daˈbrarɐ]
Irmão menor	[ˈklabra <u>u</u> rɐ]	[mijüsˈprarɐ]	[klãmaˈbrau̯rɐ]
Jaca	N/R	[ʃak]	[ˈʃak]
Jacaré	[ʃagaˈrɛ]	[zakaˈrɛ]	[zakaˈrɛ]
Jambo	[ˈʃambɐ]	[ˈʃambɐ]	[ˈzãmbu]
Janeiro	[ʃaˈneru]	[ˈjãnuar]	[ˈjãnua]
Janela de madeira	[lu:k]	[ˈluk ^h]	[ˈlub]
Jasmim	[pla <u>u</u> m]	[ˈreofun]	[ˈzasmim]
Jesus	[ˈje:zuz]	[ˈje:sus]	[ˈje:zuz]
Joelho	[k ^h naɪ]	[k ^h aˈnaɪ]	[k ^h aˈnaɪ]
Jogar/atirar	[ˈʃmidɐ]	[ˈʃimite]	[ˈʃmidɐ]
Junho	[ˈʒunʊ]	[ˈjune]	[ˈjunɪ]
Julho	[ˈʒuʎu]	[ˈjuli]	[ˈjuli]
Lá	[dɔ]	[tɔ:]	[ˈdɔ:]
Lábio	[mu:]	[lip]	[ˈmuʃ]
Laço/lacinho	[p ^h la <u>u</u> m]	[ˈʃlɔf]	N/R
Lago	[tik ^h]	N/R	[ˈflos]
Lagoa	[tik ^h]	[tik ^h]	[ˈdãj]
Lâmpada	[lãp]	[lãmp]	[ˈlãp]
Laranja	[ˈrãzɐ]	[laˈrãʃ]	[laˈraɪʃ]
Largo	[krou̯t]	[krou̯t]	N/R
Lavagem/comida de animais	[ˈʃliɛxtˈɛdan]	[ʃunˈfute]	[ʃunˈfute]

Lavar	[ˈvaʃə]	[vaʃə]	[ˈvaʃə]
Leite	[mɛ:tʃk]	[ˈmiɛtʃk]	[ˈmɛtʃk]
Limpo	[ˈrɛiə]	[rɛçɛˈmøkə]	[ˈrɛ:n]
Língua	[mu:]	[ˈtun]	[ˈtū:]
Linha de costura	[ˈtʰuei]	[ˈtʰumein]	N/R
Liso	[li:s]	[gaˈla:t]	[ˈklat]
Livro	[pauk]	[ˈpauk]	[ˈbauk]
Longe	[fik]	[ˈvei:t]	[ˈvitʰ]
Lua	[mɔ:n]	[mɔ:n]	[ˈmõn]
Lua cheia	[ˈkrouðˈmɔ:n]	[ˈfuʔmɔ:n]	[fuʔˈmõn]
Lua nova	[ˈkʰlaɪˈmɔ:n]	[ˈeaʔfmimsˈmɔ:n]	[nijˈmõn]
Macaco	[ˈɔp]	[ɔp]	[ˈɔp]
Macaco grande	[krouðˈɔp]	[krouʔˈɔp]	[groudaˈɔp]
Macarrão	[ˈnu:tlə]	[ˈnu:tlə]	[ˈnudlə]
Machado	[ɛ:ks]	[hak]	[ˈjeks]
Madeira	[ˈhu:xt]	[ˈpɛrɛ:]	[ˈhoʔt]
Maduro	[frit]	[ri:p]	[ˈrip]
Mãe	[maˈmai]	[mai]	[maˈmai]
Magro	[ˈmɔxə]	[ˈmɔxə]	[ˈmɔxə]
Mais	[mei]	[mei]	[ˈmeia]
Mais curto	[ˈkʰlɛnə]	[meiˈkʰlɛnə]	[meiˈgɔt]
Mais velho	[ˈilə]	[meiˈvʌlə]	[meiˈolt]
Mandioca	[ˈeipɪ]	[ˈmãniuk]	[mãˈniok]
Manga	[ˈmãŋk]	[ˈmaŋk]	[ˈmãk]
Manteiga	[ˈpɔtə]	[ˈpɔtə]	[ˈbɔtə]
Mão	[hãnd]	[ˈhãnt]	[ˈhãt]
Mar	[ˈfɔtə]	N/R	N/R
Marido	[ˈkʰeɪt]	[ˈkʰe:ɪt]	[ˈkʰelə]
Mata/floresta	[vaf]	[ˈvaʔt]	[ˈvaʊt]
Matar	[ˈtu:kˈmɔg]	[ˈtɔʊtmøkə]	[kapudˈmɔgə]
Mau	[ʃlɛx]	[ˈʃlɛxt]	[ˈʃlɛxt]
Meio	[inaˈmia]	[totˈxiɛʔt]	[ˈhaʊf]
Melancia	[melãˈsi]	[melãˈsia]	[melãˈsi]
Menina	[ˈmekə]	[ˈmekə]	[ˈmekə]
Menino	[nõu]	[ˈjõua]	[ˈjɪnõu]
Mentir	[lɔi]	[aˈluɔɪcan]	[ˈlɔia]
Mês	[ˈmõʊad]	[ˈmõʊat]	[ˈmõʊat]
Mesa	[tiʃ]	[tiʃ]	[ˈdɪɛʃ]
Meu nariz	[nes]	[miˈnes]	[miˈnes]
Meu pai	[ˈmina.ˈfɔtə]	[miˈfuɔtə]	[minapaˈpai]
Miado	[ˈplarə]	[ˈplarə]	N/R

Milho	[ˈmi:a]	[ˈmiçta]	[ˈmiɫa]
Milho verde	[kru ^{na} ˈmi:ø]	[ˈkru ^{na} ˈmiçta]	[gro ^{ina} ˈmiɫø]
Minha boca	[mĩˈmu:]	[miˈmu:ʔ]	[mraˈmuʔ]
Moça	[krou ^d ˈmekø]	[ˈmekø]	[ˈmekø]
Moça velha	[ˈuʔmekø]	[tyʔsˈmekø]	[oʔˈmekø]
Moço	[jõu]	[daɪˈjõu]	[ˈnũ:]
Mole	[vart]	[ˈvaik]	[ˈvaik]
Molhado	[nat]	[nat]	[ˈnat]
Morango	[moˈrãgø]	[moˈrãŋg]	[moˈrãŋg]
Morar	[võ:n]	[ˈvo:nø]	[ˈvounø]
Morder	[ˈpitø]	[ˈpitø]	[ˈbidø]
Morrer	[doutˈplyv]	[ˈtout]	[doutˈplivø]
Morto	[t ^h out]	[ˈdout]	[kaˈpot]
Mostrar	[vyzø]	[ˈvisø]	[ˈvizø]
Muitas crianças	[sei.føʔ.ˈk ^h inø]	[føʔˈk ^h inø]	[felaˈkinø]
Muito	[føʔ]	[føʔ]	[ˈføʔ]
Mulher	[frux]	[ˈfrux]	[ˈfrux]
Mulher idosa	[uʔˈfrux]	[uʔˈfrux]	[oʔˈfrux]
Nadar	[ˈvaʃø]	[ˈʃuimø]	[ˈʃuëmø]
Não	[noi]	[ˈnøi]	[ˈnei]
Nariz	[ne:s]	[ne:s]	[ˈnes]
Nascente (de água)	[vɔdøˈfaʔ]	[k ^h uˈmeʔ]	[vɔdaˈvast]
Nascer	[ubˈʃto:]	[jeˈbo:reø]	[ˈvaseø]
Neta	[ˈnet ^h]	N/R	N/R
Neto	[ˈnetu]	N/R	N/R
Noite	[ˈɔbt ^h]	[õ:ms]	[ˈnaxt]
Noite clara	[hid.õm.is.ˈheʔ]	[yɫøˈõ:mt]	[heʔˈnaxt]
Noite sem luar	[hid.õm.is.ˈdistøx]	[ˈtystøˈnaxt]	[dystaˈnaxt]
Nome	[ˈnõmø]	[voˈxitstu]	[ˈnõmø]
Nós	[vi]	[vi]	[ˈvi]
Nosso	[ous]	[ˈoust]	[ˈoust]
Nossos narizes	[ous.ˈnes]	[ousˈnesø]	[ouzaˈnes]
Novo	[neɪç]	[ˈjõuk]	[ˈniç]
Nuca	[ˈreɪøx]	N/R	N/R
Número	[ˈt ^h elø]	[ˈnumer]	[ˈnumiru]
Nuvem	[mõn]	[ˈvuøtkø]	[ˈvøʔ]
O cabelo é preto	[teħɔzĩnˈʃuad]	[ʃuadøˈħɔ:]	[ʃuadaˈħɔreø]
O pescoço é comprido	[teħalsisˈk ^h rou ^d]	[ˈlaŋhaʔst]	[lãŋaˈhaʔs]
O sol está quente	[ta.zĩd.is.ˈhaɪt]	[vo.xaɪt.is.ta.ˈsyn]	[synisˈhaɪd]
Oco/vazio	[lɛɪç]	[ˈlɛç]	N/R

Oito	[axt]	[axt]	[’axt]
Óleo	[’sizet]	[’sɪsɛt]	[’øt]
Olho	[’oua]	[’oux]	[’ouyan]
Onça	[t ^h i:]	[’t ^h i:çø]	[’ti:rø]
Onde	[vou’bistu]	[’vo.ies.tu.xen]	[’vouø]
Ônibus	[’õnibus]	[’õnibus]	[’upø]
Ontem	[’jistn]	[’jesten]	[’jesten]
Orelha	[’ourø]	[’ourø]	[’o:rø]
Orquídea	[or’k ^h idø]	[’ʃbiçnablan]	[para’zite]
Oso	[’k ^h nɔgø]	[ki’nɔkø]	[’knɔgø]
Ouro	[’ouruh]	[’kuft]	[’guft]
Outro	[’anat]	[’anat]	[da’ãnat]
Ouvir	[’heirø]	[’høirø]	[’hø:rø]
Ovo	[eɪç]	[eɪç]	[’eɪç]
Ovo de Páscoa	[ʃoko,ladø’eɪç]	[’hɔsaeɪç]	[pasku’eɪç]
Paca	[’t ^h i:ax]	[’p ^h ak]	[’pakø]
Padaria	[p ^h ada’ri]	[pada’riø]	[pegø’brout]
Pai	[’fɔdø]	[’fɔtø]	[pa’pa]
Palavra	[’sɛrø]	[’vout]	[’nõmø]
Palhaço	[p ^h ali’asø]	N/R	N/R
Panela	[’k ^h ɛdɫ]	[p ^h a:n]	[kas’trolø]
Pão	[’p ^h rou]	[’brout]	[’broud]
Papagaio	[paba’gai]	[pəpa’gaiu]	[papa’gaiu]
Para lá (direção)	[tɔ]	[dɔ]	[dɔ’fiɛnø]
Parafuso	[ʃruv]	[ʃu’ruf]	N/R
Parede	[vãnt]	[’vant]	[’vãnt]
Pássaro/ave	[’fɔrø]	[’fɔxɛt]	[’fɔhat]
Pasto	[ve:i]	[’ve:i]	[’ve:]
Pato	[ɛt]	[da’a:tu]	[’ɛnt]
Pau	[pou]	[’huft]	[’huft]
Pé	[’faot ^h]	[’fout]	[’faot]
Pecado	[pe’k ^h adu]	[’syn]	[’zyn]
Pedra	[ʃt ^h ax]	[’ʃtaɪ]	[’ʃta:]
Pedra amarela	[’jeløʃtax]	[aniçelø’ʃtaɪ]	jela’ʃtax]
Pedra branca	[’vidøʃt ^h ax]	[vitø’ʃtaɪ]	[vid’ʃtaɪ]
Pedra furada	[ʃt ^h arda’lɔx]	N/R	[ʃtaɪna’lɔx]
Pedra preta	[ʃua’ʃt ^h ah]	[ʃuada’fiɛtsan]	[ʃuada’ʃtam]
Peito	N/R	[’t ^h ita]	[’buɔst]
Peixe	[fiʃ]	[fiʃ]	[’fiʃ]
Pelado (nu)	[’õnat ^h ix]	[’nɔk]	[’nɔgɪç]
Pelado (sem pêlos)	[tɛ.k ^h at.xɛf.’k ^h ãl.fɔt]	N/R	[nɔgaiuna’fɔrø]

Pele	[fɛɫ]	[ˈfiɛɫ]	[ˈfiɛɫ]
Pêlo	[hɔ]	[hɔ:]	N/R
Peludo	[fɛɫˈfiɔ]	N/R	[ˈhɔriç]
Pena	[ˈflixtɐ]	[ˈfɛra]	[ˈfɛrɐ]
Penca (de banana)	[k ^h aʃ]	N/R	[baˈnãɐ.ˈpɛŋgɐ]
Peneira	[sɛf]	[sɛf]	[ˈzɛ:f]
Pensar	[ˈsĩɲɐ]	[ˈkrivɐli]	[ˈdɛŋgɐn]
Pente	[k ^h ãm]	[k ^h am]	[ˈk ^h ãm]
Pentear	[hɔˈk ^h ẽm]	[hɔˈk ^h iẽmɐ]	[ˈk ^h ẽmɐ]
Pepino	[ˈhiurgɐ]	[ˈjurk]	[ˈjurɐ]
Pequena lagoa	[ˈk ^h laim]	[aɪ.k ^h laima.ˈtik]	[klaima.fiʃ.ˈtãŋ]
Pequeno	[ˈk ^h laim]	[ˈk ^h laim]	[ˈklãm]
Pêra	[ˈp ^h ɛrɐ]	[ˈpiɛrɐ]	[ˈpɛrɐ]
Perguntar	[frɔh]	[ˈfrɔxɐ]	[ˈfrɔɣã]
Perna	[pa:h]	[ˈpa:ɪ]	[ˈba:ɪ]
Perna fina	[finaˈba:x]	[finɐˈba:ɪ]	[finaˈba:ɪ]
Perto	[nɛix]	[ˈtixtɛɪ]	[ˈdixt]
Pesado	[ʃɔ:]	[ˈʃɔvɔ:]	[ˈʃɔ]
Pescar	[fiʒɐˈgɔ]	[ˈaɲalɐ]	[ˈfiʃã]
Pescoço	[hats]	[ˈhats]	[ˈhaus]
Pessoa	[li:]	[ˈmɛɪ]	[ˈmɛɪ]
Pessoa ruim	[.ʃlɛxtˈmɛɪ]	[anɐ.ʃlɛxta.ˈmɛɪ]	[.ʃlɛɣtaˈmɛɪ]
Pessoa suja	[ˈtriɛgiç]	[teˈriɛkiç]	[dɛɛgiɣaˈmɛɪ]
Pimenta	[ˈp ^h ɛbɐ]	[ˈp ^h ɛpɐ]	[ˈpɛpɐ]
Pimentão	[ˈp ^h ɛbɐ]	[ˈp ^h ɛpɐ]	[kroudaˈpɛpɐ]
Pintinho	[ˈk ^h ɣgɐ]	[ˈk ^h ɣkia]	[ˈkygɐ]
Piolho	[lys]	[ˈlys]	[ˈlys]
Pisar	[fa:ɫ]	[ˈp ^h iɛra]	[ˈpiɛrɐ]
Podre	[fuɔ]	[ˈfu:ɫ]	[ˈfu:ɫ]
Poeira	[ʃtɔh]	[ˈʃtuɔf]	[ˈʃtɔf]
Polenta	[p ^h oˈlɛnt ^h]	N/R	[poˈlɛntɐ]
Pomba	[fɔɪa]	[ˈtuu:f]	[ˈpõmbɐ]
Porca	[ʃui:]	[ˈʃui:]	[ˈzuɔiç]
Porco	[ʃui]	[ˈʃui:]	[ˈʃuiɐ]
Porco capado	N/R	N/R	[uldaʃnɛraˈbɔx]
Porta	[t ^h ɔ]	[ˈtuɔɪ]	[ˈdɔɪ]
Portão	[hɛk]	[ˈhɛk]	[porˈtãu]
Poucos	[pits]	[ˈvɛniç]	[ˈvɛniç]
Poucos piolhos	[aˈpɔlys]	[vɛniçˈlys]	[vɛniɣɐˈlys]
Prego	[nɔɪɫ]	[ˈnɔxɛɫ]	[ˈnɔɣɫ]

Preocupar	[preu'kupə]	[kə'ryvəlɪm]	[fəla'dɛŋgɐt]
Preta	[ʃua:]	[ʃuat]	[ʃu'atɐ]
Preto	[ʃuad,meɪʃ]	[ʃuat]	[ʃuat]
Prima	[pʰrimu]	[ʃprimɐ]	[ʃprimɐ]
Primeiro	[a:ɪst]	[ʃa:ɪst]	[ʃa:ɪst]
Primo	[,minɐ'pʰrimɔ]	[ʃprimu]	[ʃprimu]
Problema	[pʰru'blɛm]	[fɛçɪ'lansiç]	N/R
Pronto/terminado	[tʰemɪ'da:fɪ]	[nu.ɪst.alas.'trɛxt]	[ʃtrɛxt]
Pulga	[ʃpyʃɐ]	[ʃpi:ʃ]	[ʃhøɪɣ]
Puxar	[ʃtʰrɛgɐ]	[ʃtʰrɛkɐ]	[ʃtrɛkɐ]
Quando	[vo'naɪ]	[vo'naɪ]	[vo'na:]
Quarto (cômodo da casa)	[ʃkʰõmɐ]	[ʃkʰõmɐ]	[ʃkʰõmɐ]
Quatro	[fa:]	[ʃfa:ɪ]	[ʃfa:ɪ]
Que	[vad]	[ʃvat]	[vad.is.'tat]
Queijo	[kʰeɪs]	[ʃkʰeɪs]	[ʃkʰeɪs]
Queimar	[fi:]	[fa'brɛnɐ]	[fa'brɛnɐ]
Quem	[ʃpfɛmɐ]	[ʃvɛ:]	[vɛm.is.'tat]
Quente	[ʃhart]	[ʃhart]	[ʃhart]
Quieto	[ʃtʰitɪ]	[ʃtitɪ]	[ʃtitɪ]
Rabo	[ʃuãts]	[ʃuãns]	[ʃuãnts]
Raiz	N/R	[ʃfuos]	[ʃfɔzɔt]
Ralar	[ʃfi:mɔfɪ]	[ʃri:vɐ]	N/R
Rapaz	[ʃjõu]	[a'jõun]	[ʃjõu]
Raposa	[tʰi:]	N/R	[ra'pouzɐ]
Raspar	[ʃraspɐ]	[po'pɪa]	[ʃrɔbm]
Rastelo	[ʃkʰrik]	N/R	N/R
Rede	[ʃxedʒɪ]	[ʃxedʒɪ]	[ʃxedʒɪ]
Rédea	[ʃxedz]	N/R	N/R
Redondo	[ʃrunt]	[ʃrunt]	[ʃrunt]
Relógio	[u:x]	[ou:]	[ʃklɔk]
Remédio	[ʃpʰilɐ]	[mɛdlɐ'seɪŋ]	[mila'si]
Repolho	[kʰou]	[kʰoɪ]	[ʃkoɪ]
Reto	[krɔ:]	[ʃkrɔ:]	[ʃrivitiç]
Rezar	[xe'zax]	[ʃpe:rɐ]	[ʃbe:rɐ]
Rio	[flus]	[ʃflus]	[ʃfluos]
Rio cheio	[flus.is.'fu:]	[ta.flus.is.'fuɪ]	[fluzis'fuɪ]
Rir	[xix]	[ʃlaxɐ]	[ʃlafɐ]
Roçar	[ʃfouza]	[ʃfousɛgɔ]	[ʃfouzɐ]
Roda	[runt]	[pe'neu]	[ʃra:]
Rodo	[kʰrik]	[ʃkʰrɪk]	N/R

Sabão	[sɛb]	[ˈsɛɪp]	[ˈzɛ:p]
Saber	[ik.ˈvaɪ]	[ˈvaɪtə]	[ˈvaɪdən]
Saia	[rɔk]	[ˈruɔk]	[aˈrɔgʰ]
Sal	[ˈsuox]	[ˈsulot]	[ˈzult]
Saliva	[ʃpʰiç]	[ˈʃpiç]	[ˈʃpokʰ]
Salvar	[ˈsauvə]	[ˈhiɛtɓə]	N/R
Sangue	[ˈplaut]	[ˈplaut]	[ˈplaut]
Sapato	[ˈʃau]	[ˈʃau]	[ˈʃau]
Sapo	[ˈpʰɔx]	[ˈsɛɪp]	[ˈpuɔx]
Se	[ig]	[ˈtiɛh]	[endadpaˈsiet]
Seco	[ˈtreɪx]	[ˈtreɪç]	[ˈgrøɪj]
Seio	N/R	[ˈtʰitə]	[ˈtedən]
Segundo	[ˈsuai]	[ˈsuait]	[ˈsuaid]
Segurar	[ˈanfɔdɐ] pegar	[fasˈtuɔlɐ]	[fastˈolɐ]
Semente	[kʰan]	[ˈsɔk]	[ˈzɔd]
Senhor/dono/patrão	[paˈdʰãu]	N/R	N/R
Sentado	[ˈsidɐ]	[ˈsitə]	[ˈzidən]
Sentar	[ˈhenzɛdɐ]	[hɛ̃nˈsetə]	[zɛdiˈhɛ̃m]
Sepultura	N/R	[keˈrefnɛs]	N/R
Serra	[pax]	[pax]	[ˈbax]
Seu nariz (de você)	[nɛs]	[tiˈnɛs]	[in.ˈnɛs]
Seu nariz (dele)	[ɛmziˈnɛs]	[tɛ̃msiˈnɛs]	[ɛ̃mˈnez]
Sobrancelhas	[ouɡˈrõnɐ]	[oxuˈbrãɛ]	N/R
Sobrinha	[suˈbriɲɐ]	N/R	N/R
Sobrinho	[suˈbrin]	N/R	N/R
Sofrer	[vaɪ]	N/R	N/R
Sol	[sin]	[syn]	[ˈzyn]
Solo	[ɛɪ]	[ɛɪ]	[ɛɪ]
Sopa	[sup]	[sup]	[ˈzup]
Soprar	[ˈfleɪgɐ]	[ˈpustə]	[ˈpusɐ]
Sorvete	[sorˈved]	[sorˈveɪt]	N/R
Sujo	[teˈrɛgɕ]	[ˈtrekiç]	[ˈtreɪgɕ]
Taioba	[ʃiˈneɪzɐ]	N/R	[tiˈouɓɐ]
Tapete	N/R	[taˈpeɪt]	N/R
Televisão	[tʰelevˈzãu]	[televiˈzãu]	[televiˈzãu]
Telhado	[tʰaia]	[dakʰ]	[ˈdak]
Terceiro	[pilatiˈrivas]	[ˈtryɐ]	[ˈdra:]
Terra	[ɛɪ]	[ˈɛɪ]	[ˈɛɪ]
Terreiro/pátio	[ˈplats]	[ˈplats]	[ˈplats]
Tia	[tʰiɐ]	[ˈtʰandɐ]	[ˈtãndɐ]
Tigela	[pʰãɛ]	N/R	[ˈkõm]

Tio	[tʃi <u>o</u>]	[ʔ <u>o</u> ŋgɐʔ]	[ʔuŋgɐʔ]
Tirar leite	[ʔmeʔgax]	[ʔm <u>i</u> ɛʔkɐ]	[ʔmeʔkɛn]
Todos	[ʔalɐ]	[ʔalɐ]	[ʔala]
Tomate	[tʰuʔmadɐ]	[tʰuʔmat]	[tuʔmatɐ]
Touro	[ʔpulɐ]	[ʔpulɐ]	[ʔbolɐ]
Trabalhar	[ʔabe <u>i</u> rɐ]	[aʔbe:ɾɐ]	[ʔabɛrɐ]
Trança	[ʔtrã <u>s</u> ɐ]	[e <u>i</u> ʔfl <u>i</u> ɛxtɐ]	N/R
Tratar	[ʔɛdn <u>i</u> ɛv]	[uʔpʰasɐ]	[fa <u>r</u> ʔfutɐ]
Trazer	[xiyɛnʔkʰ <u>o</u> m]	[ʔbr <u>i</u> ŋas]	[ʔbr <u>i</u> ŋɐ]
Travesseiro	[ʔkʰy <u>s</u> ɐ]	[ʔkʰy <u>s</u> ɐ]	[ʔky <u>s</u> ɐ]
Tremer	[ʔsiderɐ]	[ʔsit <u>r</u> ɐ]	[ʔsidɛn]
Três	[ʔtra:]	[ʔtra <u>i</u>]	[ʔtra:]
Trigo	[meʔ]	[meʔ]	[ʔmeʔ]
Tripas	[ʔtʰ <u>r</u> i <u>p</u> ɐ]	[tã:mɐ]	[ʔdãmɐ]
Tu/você	[tu]	[tu]	[ʔdu]
Tucano	[ʔf <u>o</u> ɣʔ]	[tuʔkʰan]	[tuʔkãnu]
Túmulo	[e <u>i</u> ʔɣapʔ]	[ʔkraf]	N/R
Último	[ik.pit.nes.ʔtu <u>e</u> s] fui o ultimo a chegar	[ʔli <u>e</u> tst]	[taʔli <u>e</u> ts]
Um	[a <u>n</u>]	[ʔa <u>n</u>]	[ʔã <u>n</u> ɐ]
Umbigo	[pugʔn <u>o</u> :]	[pupʔn <u>o</u> xɐʔ]	[bugʔn <u>o</u> ɣɐʔ]
Unha	[fi <u>n</u> aʔn <u>o</u> ʔ]	[fi <u>n</u> aʔn <u>o</u> xɐʔ]	[ʔn <u>o</u> ɣɐʔ]
Urubu	[uruʔbu]	[uruʔbu]	[uruʔbu]
Vaca	[kʰ <u>a</u> u]	[ʔkʰ <u>a</u> u]	[ʔkʰ <u>a</u> u]
Vamos para casa	[ina <u>f</u> usʔk <u>o</u>]	[imas.na.fus.ʔk <u>o</u>]	[g <u>o</u> ɣnaʔf <u>u</u> s]
Vassoura	[ʔpe <u>z</u> in]	[ʔp <u>r</u> ɛsɛn]	[ʔp <u>r</u> ɛsɛn]
Vazio	[ʔl <u>e</u> ix]	[ʔl <u>e</u> iç]	[ʔl <u>e</u> ix]
Veado	[ʔɛ <u>z</u> in]	[ʔɛsɐʔ]	[ʔre:]
Velho	[ʔu:ɣʔ]	[ʔuʔʔ]	[ʔolɐ]
Vem cá	[kʰ <u>u</u> mʔfiɛ]	[ʔkʰ <u>u</u> ʔmas]	[kʰ <u>o</u> maʔse:]
Veneno	[ʔhyʔʔ]	[ʔjeʔʔ]	[ʔjeʔʔ]
Vento	[ʔv <u>y</u> nt]	[ʔv <u>i</u> nt]	[ʔv <u>i</u> nd]
Ver	[ʔkʰy <u>g</u> ɐ]	[ʔkʰ <u>i</u> kɐ]	[ʔza:in]
Verde	[ʔkʰ <u>r</u> yn]	[ʔk <u>r</u> um]	[ʔg <u>r</u> õ <u>n</u>]
Verme/larva	[v <u>e</u> m]	[ʔv <u>o</u> m]	[ʔv <u>o</u> m]
Vermelho	[r <u>o</u> ud]	[aʔr <u>o</u> ʔʔ]	[ʔr <u>o</u> ʔʔ]
Viagem	[viʔa <u>z</u>]	[ʔr <u>e</u> isɐ]	[ʔr <u>e</u> is]
Viajar	[r <u>e</u> iziʔg <u>o</u>]	[r <u>e</u> isɐʔg <u>o</u>]	[ʔr <u>e</u> izɛn]
Vir	[ʔkʰ <u>o</u> m]	[ʔkʰ <u>u</u> mas]	[k <u>o</u> mʔfiɛ:]
Visitar	N/R	[peʔsu <u>i</u> kɐ]	[biʔzu <u>i</u> kɐ]
Viver	[ʔl <u>e</u> vɐ]	[ʔl <u>e</u> vɐ]	[ʔl <u>e</u> vɐ]

Vivo	[ha.ɰetno.'lɛvɛ] ele es ta vivo	[ig'leɸ]	['leɸ]
Voar	['flaɾɛ]	['flaɪçɛ]	['flaɾɛ]
Vocês são bons	['sɛɪ.sin.kauɰ]	[gisil'gauɰ]	[yizindɛ'gauɰ]
Vomitara	['k ^h uotsɛ]	['k ^h uotsɛ]	['kuɔdsɛ]
Vós/vocês	['sai]	['jeɪ]	['ji]
Xícara	[k ^h a'ne:]	[k ^h a'niɛk]	['tas]
Xixi	['seɪç]	['seɪç]	['zeɪç]
Caldeirão	N/R	N/R	['k ^h ɛdɛɸ]

Anexo 2 – Transcrições fonéticas da segunda lista de palavras

Palavras	FRRF	FLR
Abelha	['im]	['im]
Aí, então	['dun]	[den]
Ainda	['hitnu]	[nu]
Agradecimento	['daŋkaʃem]	['daŋkɛ]
Água	['vɔtɛ]	['vɔtɛ]
Alegre, divertido	['lustiç]	[frou]
Alegria, prazer	['lustiç]	['lost]
Ali	NR	[dɔ]
Amargo	['pitɛ]	['bitɛ]
Arrepiado, cabelo em pé	NR	[ɾoplia'hɔɾɛ]
Arroz	[ri:s]	[ri:s]
Árvore	['buum]	[buum]
Asa	['fløxt]	['flyxt]
Assobiar	['fløitɛ]	['fløitɛ]
Atrás de	['hint]	['hinɛ]
Avó	['mutɛ]	[gros'mutɛ]
Azedo	['su:x]	['zua]
Azul	['blɔx]	['blɔx]
Balde	['emɛ]	['emɛ]
Beijo	['pusɛ]	[p ^h os]
Bexiga/ balão	['bula]	[blɔs]
Bezerro	['kaɸ]	['nysɛ]
Bobo	NR	[dum]
Boca	[mu:ɸ]	[mu:ɸ]

Bode	[eɪn'seɪça'buk]	['seɪabuk]
Bodes	[seɪça'buk]	['seɪabyk]
Bolinho de água e trigo	[bak]	['bakə]
Bolsa	[taʃ]	[taʃ]
Bom	['gɑud]	[gɑud]
Boné	['myts]	[myts]
Branco	['vi:t]	[vit]
Bule	[k ^h an]	[k ^h an]
Buraco	['lɔx]	[lɔx]
Cabrita	['seɪçə]	['seɪç]
Cacho de banana	[panana'kaʃ]	[banana'kaʃ]
Cair	[hen'falə]	['falə]
Calça	['hous]	[hous]
Caldeirão	[ʃuɪ'ke:tʃ]	['ke:tʃ]
Cama	['be:ə]	[be:]
Caminhão truque	['vɔhə]	[groudacami'nãu]
Caminho	['veɪç]	[veɪç]
Capim, grama	[gras]	[gras]
Carga, peso	[ʃuɔ]	[draxt]
Caro, precioso	NR	[dya]
Carretel, rolo	NR	NR
Cerveja	[bi:ə]	[bi:ə]
Cheio	[fu:t]	[fu:t]
Chicote	['hɔua]	[pitʃ]
Chifre	['hɔɪn]	[hɔɪn]
Chupar	[fɪna'sux]	['zuxan]
Cidade	[ʃtat]	[ʃtat]
Claro, luminoso	[heʃ]	[heʃ]
Classe	['ʃaʊʃ]	[ʃaʊʃ]
Cócegas	['ketʃ]	['ketʃ]
Concha	[keʃ]	[keʃ]
Conchas	['kelə]	['kelə]
Contar (quantidade)	['telə]	['telə]
Copo, vidro	[glas]	[glas]
Costas	[ta'reɪçə]	['nakə]
Couro	NR	['feʃ]
Coxa de galinha	['huɪna'kyʃ]	[kyʃ'hoɪnə]

Cravo de jardim	[ˈnɛtkaplam]	NR
Crescer	[ˈvasɐ]	[groutˈvarɐ]
Presente	[gɛˈʃɛŋk]	[jɛˈʃɛŋk]
Dança	[ˈtansɐ]	[ˈdantsan]
Dar banho	[vaʃaˈgɔ]	[ˈvaʃɐ]
Defecar	[ʃit]	[ˈʃitɐ]
Deitar	[henˈleɪç]	[henˈlɛxɐ]
Diabo	[ˈdy:vɔt]	[ˈdy:vɪ]
Dinheiro	[ˈjɛɫd]	[jɛɫ]
Dor	[varˈdɔ:]	[varˈdɔxɐ]
Duro	[hart]	[ha:d]
Égua	[ˈpɛ:ɪd]	[pɛɪd]
Ela	[sar]	[zar]
Elas	[ˈalɐ]	[zarzinˈdɔ]
Em casa	[ˈtus]	[tus]
Enferrujado	[faˈrustat]	[ˈrustiç]
Enxada	[ˈhak]	[hak]
Esperar	[ˈlu:rɐ]	[ˈlu:rɛn]
Estaca	[ɛitˈklopɐ]	[pɔt]
Estado	[braˈzilɪan]	NR
Falar, dizer	[fɔˈtɛɪɐ]	[ˈrɛrɐ]
Fechado	[taʊ]	[taʊ]
Feijão	[ˈboʊnɐ]	[ˈboʊnɐ]
Fenda, rachadura	[upˈplas]	[opˈplats]
Ferrugem	NR	[rust]
Fila	NR	[raɪç]
Fino, miúdo	NR	[fi:n]
Firme	NR	[fast]
Força, potência	NR	[ˈkraft]
Fraco, abatido	NR	[ˈʃuak]
Frio	NR	[ˈkuoɫt]
Fumaça	NR	[rok]
Galinha choca	[klukˈhinɐ]	[klok]
Galinhas	[ˈhuɪnɐ]	[ˈhõɪnɐ]
Garganta	[ˈhaɫs]	[haɫs]
Gente, pessoa	[ly:]	[ly:]
Gordo	[ˈfɛt]	[fɛt]

Grande	[ˈɡr <u>o</u> ʊd]	[ɡr <u>o</u> ʊd]
Homem	[ˈk <u>e</u> :ɪt]	[ˈk <u>e</u> :lɐ]
Horta	[plantaˈr <u>i</u> ç]	[ˈg <u>o</u> rɐ]
Lábio	[ˈl <u>i</u> pɐ]	[l <u>i</u> pɐ]
Laço	[ˈʃl <u>o</u> ɪf]	[ʃl <u>o</u> ɪf]
Lata	[ˈl <u>a</u> t]	[l <u>a</u> t]
Lavar	[afˈvaʃ <u>v</u> ɐ]	[ˈvaʃ <u>v</u> ɐ]
Lenço, pano	[ʃt <u>i</u> kˈt <u>y</u> ç]	[d <u>a</u> ʊk]
Limpo	[r <u>e</u> iç]	[ˈr <u>e</u> ɪan]
Liso	NR	[ˈg <u>l</u> a:t]
Livro	[ˈb <u>a</u> ʊk]	[ˈb <u>a</u> ʊk]
Luto	[ˈt <u>r</u> ux]	[ˈt <u>r</u> aur <u>i</u> ç]
Macarrão	[ˈn <u>u</u> dlɐ]	[ˈn <u>u</u> dlɐ]
Madeira	[ˈh <u>u</u> t]	[ˈh <u>o</u> t]
Mata	[ˈv <u>a</u> t]	[ˈv <u>a</u> t]
Melancia	[v <u>o</u> tɐm <u>e</u> ˈl <u>o</u> n]	[m <u>i</u> lãˈs <u>i</u>]
Molhado	[n <u>a</u> t]	[n <u>a</u> t]
Monte (de feijão)	NR	[b <u>o</u> un <u>a</u> ˈk <u>l</u> ut]
Morder	[ˈb <u>i</u> :tɐ]	[ˈb <u>i</u> :tɐ]
Mordida, dentada	[ˈp <u>e</u> tɐ]	[ˈb <u>e</u> tɐ]
Mordiscar, coçar com os dentes	NR	[t <u>ẽ</u> naˈj <u>o</u> ɪk <u>l</u> ɐ]
Mudar/renovar penas/folhas	NR	[ˈr <u>u</u> :rɐ]
Muito	[f <u>e</u> :t]	[f <u>e</u> :t]
Mulher	[ˈf <u>r</u> ux]	[ˈf <u>r</u> ux]
Necessidade, sofrimento	[uɪtˈx <u>u</u> lɐ]	[uɪtˈx <u>o</u> lan]
Ninho	[ˈn <u>e</u> st]	[ˈn <u>e</u> st]
Nó	[ʃt <u>r</u> ɪk]	[ʃt <u>r</u> ɪk]
Noite	[ˈd <u>u</u> stɐ]	[n <u>a</u> xt]
Nuvem	[ˈv <u>o</u> t <u>k</u> ɐ]	[ˈv <u>o</u> t <u>k</u>]
Ouro	[ˈg <u>u</u> ɪd]	[ˈg <u>o</u> ɪd]
Paca	[p ^h ak]	[ˈp ^h ak]
Pai	[k <u>e</u> :ɪt]	[paˈp <u>a</u> ɪ]
Pálido	NR	[blas]
Panela	[ˈk <u>e</u> :tɪ]	[ˈk <u>e</u> :tɪ]
Pão	[ˈb <u>r</u> oʊd]	[ˈb <u>r</u> oʊd]
Pau	[ˈh <u>u</u> t]	[ˈh <u>o</u> t]

Pecado	[ˈsyn]	[ˈzyn]
Pedaço grosso de madeira	[ˈklɔts]	[ˈklɔts], [dɛkaˈbɔum]
Pedido, solicitação	[faˈlanxɐ]	[vatfaˈla:ŋg]
Pelado, sem Pêlos	[ˈkɔt]	[ˈkɔt]
Pele	[ˈfɛt]	[fɛt]
Pequeno	[ˈklam]	[ˈklam]
Perguntar	[ˈfrɔxɐ]	[ˈfrɔxɐ]
Piolhos	[ˈlɔis]	[ˈlys]
Pluma, penugem	[ˈfɛ:rɐ]	[du:n]
Podre	[ˈfuʔ]	[fuʔ]
Pomba	[ˈdu:f]	[du:f]
Ponte	[ˈprɔiç]	[ˈbrɔiç]
Porção	NR	[adaʔˈflaiʃ]
Porco capado	[ultʃnɛraˈpɛrɐ]	[ˈbuɔx]
Portão	[ˈhɛk]	NR
Pressão, aperto, peso	NR	[fastˈolɐ]
Pulga	[ˈfløiç]	[fløiç]
Puxar, tirar	[ˈtrɛkɐ]	[ˈtrɛkɛn]
Quatro	[ˈfai]	[ˈfai]
Raça	NR	[ras]
Rastelo	[ˈha:d]	NR
Rede, armadilha	[ˈfaʊʔ]	[ˈredɛ]
Redondo	[ˈrunt]	[ˈrunt]
Relógio	[ˈklɔk]	[ˈklɔk]
Relógio de pulso	[amˈu:]	[amˈu:]
Remédio	[mɛlanˈsi:n]	[milaˈsi:n]
Repolho	[ˈkɔt]	[ˈkɔt]
Resto	[ˈrɛst]	[ˈrɛst]
Reto	[gansˈkrɔ]	[ˈrivitiç]
Saia	[ˈrɔk]	[ˈrɔk]
Salvar	[ˈhiɛʔbɐ]	[ˈhɛʔpan]
Sapo	[ˈpuɔx]	[ˈpuɔx]
Seco	[ˈdrøiç]	[ˈdrøiç]
Sentar	[hɛnˈsetɐ]	[ˈzitan]
Servir, caber	[ˈpasɐ]	[anˈpasɐ]
Sofrer	[ˈtraʊriç]	[uʔtˈxolan]
Sol	[syn]	[zyn]

Sujeira	[ˈtʁekiç]	[ˈtʁek]
Sujo	[ˈtʁekiç]	[ˈtʁegiç]
Tanque de peixes	[fiʃəˈdik]	[fiʃˈtaŋk]
Telhado	[dak]	[dak]
Tirar leite	[ˈmɛtkø]	[ˈmɛtkø]
Todo, inteiro, completo	[gans]	[gans]
Tortura, judiação	[ʃlɛxt]	[kuˈɛlan]
Moita	[krut]	[rudlan]
Gamela	[ˈhøkø]	[muʃ]
Tucano	[tuk ^h anu]	[groudaˈfoxan]
Último	[ˈlɛts]	[ˈlets]
Urso	[ˈursu]	[ˈursu]
Vaca	[ˈk ^h au]	[ˈk ^h au]
Vento	[ˈvint]	[ˈvint]
Vermelho	[ˈrou]	[ˈrou]
Viagem	[ˈreisˈgø]	[ˈreis]
Você	NR	[du]
Xícaras	[kaˈnekø]	[tas]
Xixi	[ˈseiç]	[ˈseiç]
Zero	N/R	[ˈzɛru]